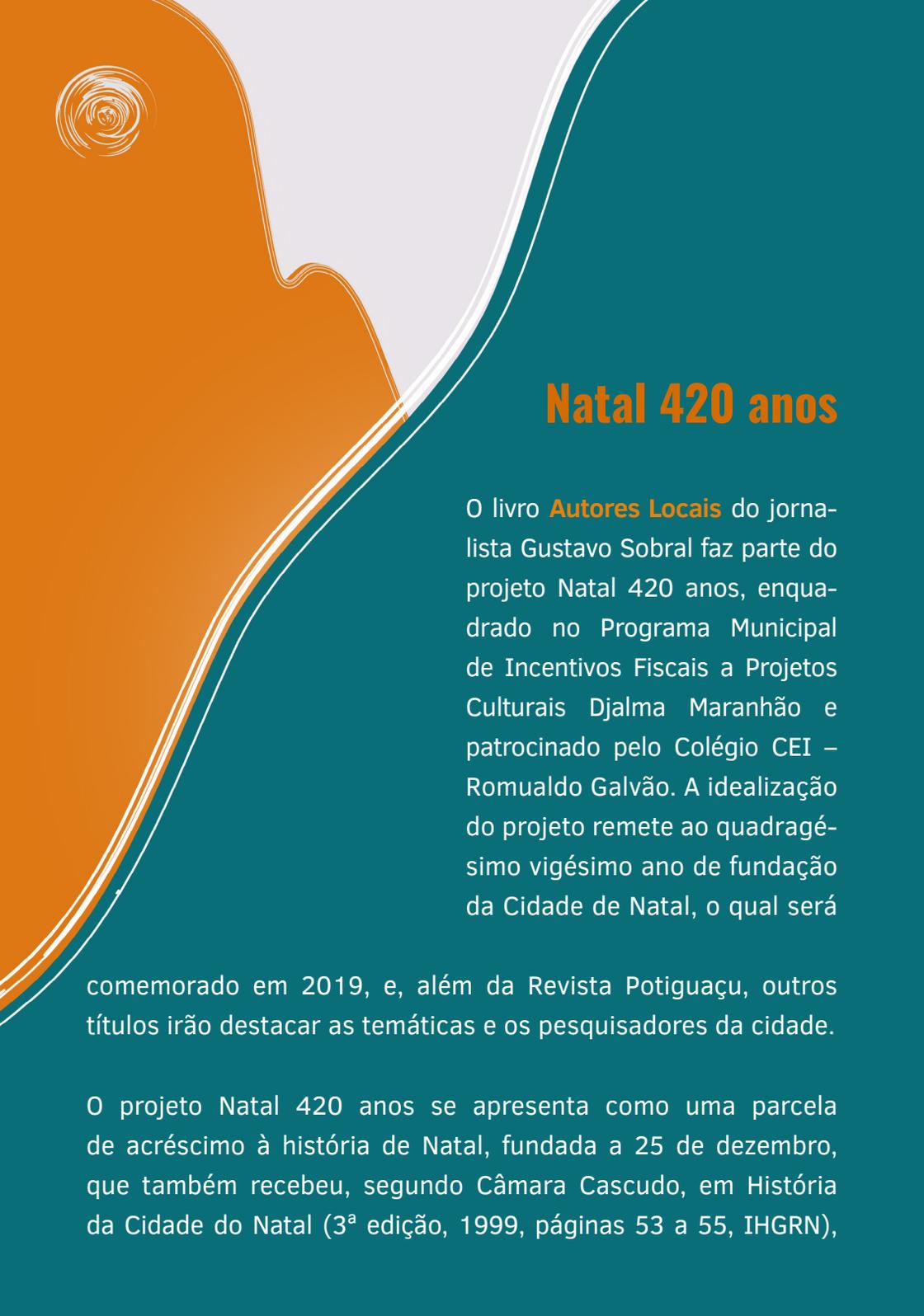




AUTORES LOCAIS

Gustavo Sobral



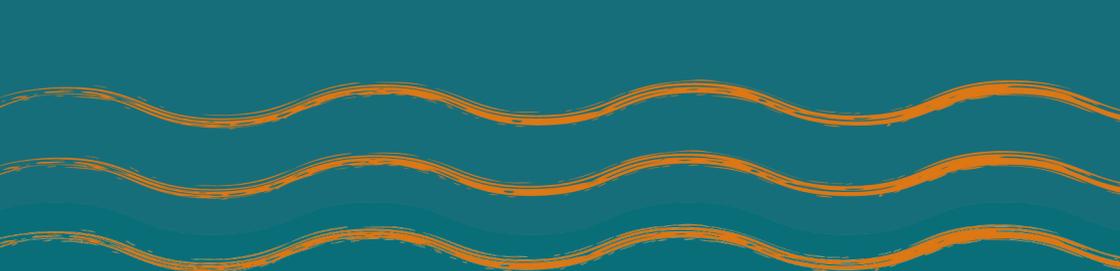


Natal 420 anos

O livro **Autores Locais** do jornalista Gustavo Sobral faz parte do projeto Natal 420 anos, enquadrado no Programa Municipal de Incentivos Fiscais a Projetos Culturais Djalma Maranhão e patrocinado pelo Colégio CEI – Romualdo Galvão. A idealização do projeto remete ao quadragésimo vigésimo ano de fundação da Cidade de Natal, o qual será

comemorado em 2019, e, além da Revista Potiguaçu, outros títulos irão destacar as temáticas e os pesquisadores da cidade.

O projeto Natal 420 anos se apresenta como uma parcela de acréscimo à história de Natal, fundada a 25 de dezembro, que também recebeu, segundo Câmara Cascudo, em História da Cidade do Natal (3ª edição, 1999, páginas 53 a 55, IHGRN),



os nomes de Cidade do Natal do Rio Grande, Cidade dos Reis, Natal los Reis ou Rio Grande, Natal ó los Reys, Cidade Nova, Ciudad Nova, Cidade de Santiago, New Amsterdam, Nova Amsterdã, ou simplesmente Amsterdã, Natalópolis e Vila de Natal.

Aquela cidade, fundada em 1599 e que, “com quinze anos de vida, [...] tinha maior nome que número de moradas” (CASCUDO, 1999, p. 52), hoje se estende por uma área de 167.264 km² com trinta e seis bairros (PMN, Bairros, 2^a edição, 2010) e possui uma população estimada de 885.180 pessoas (IBGE, 2017). Em 2015, ainda segundo o IBGE, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 38,8%, conferindo-lhe a ducentésima décima segunda posição no país; a taxa de escolarização (para pessoas com idade de 6 a 14 anos) era de 96,3% em 2010, o que a posicionava na quatro milésima trecentésima quinquagésima nona posição no país, e a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 12,06 para mil nascidos vivos, colocando-a na posição duas milésima septingentésima vigésima sétima no Brasil.

O projeto Natal 420 anos contribuirá para registrar parte da história da cidade e o trabalho de grandes e significativos pesquisadores, deixando para as gerações futuras o registro de sua memória.



A obra

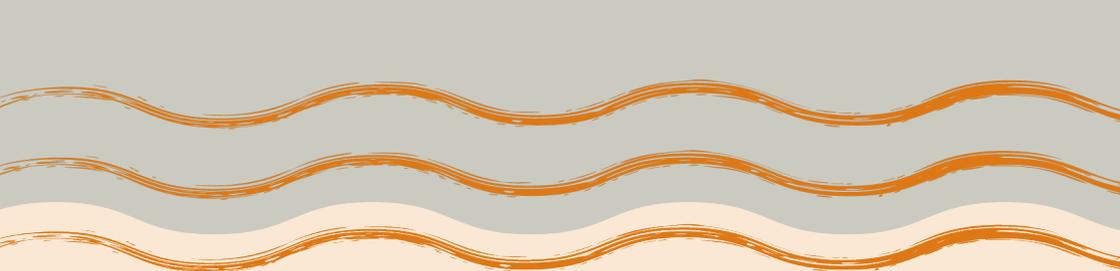
Este livro é uma reunião de ensaios variados acerca de alguns autores locais. Dividido em três partes, a primeira abriga uma coleção de textos sobre a obra de Newton Navarro contista e cronista e uma pretensa interpretação de sua obra completa. Os textos acompanharam originalmente os livros de Newton Navarro organizados pelo autor destes ensaios.

A segunda parte compreende trabalhos elaborados sobre os cronistas da cidade. O primeiro deles é escrito para acompanhar a antologia de cronistas da qual éco-organizador; o texto versa sobre Berilo Wanderley, Newton Navarro, Augusto Severo Neto, Sanderson Negreiros e Vicente Serejo. O segundo ensaio trata da obra inédita de Augusto Severo Neto, considerações sobre a vida e obra desse poeta e cronista. O terceiro e último ensaio dessa segunda parte dedica-se à crônica de Berilo Wanderley, no que tange especificamente às publicadas no jornal Tribuna do Norte sob o epíteto de Revista da Europa.

A terceira parte abriga um extenso ensaio sobre alguma correspondência da poeta Zila Mamede, qual seja com o bibliófilo José Mindlin e com o poeta Carlos Drummond de Andrade.



Gustavo Sobral



O autor

Gustavo Sobral é jornalista e escritor, mora e vive em Natal/RN, esquina do continente, de onde observa o mundo. Autor e organizador de diversos livros, ensaios e artigos, dedica-se ao estudo de temas culturais diversos. Jornalismo, literatura, história, memória estão entre as suas áreas de interesse. Sobral já escreveu sobre arquitetura moderna, sobre o artista Newton Navarro, do qual estudou a obra, e sobre jornalismo cultural (tema de sua dissertação de mestrado), entre outros temas. Compôs um primeiro livro de depoimentos, propondo uma quase-biografia de Newton Navarro, e o resultado foi o livro Saudade de Newton Navarro, em co-organização com Ângela Almeida e Helton Rubiano. Interessado pela cultura brasileira e pela vida na sua cidade Natal, passou a reunir toda a sua produção de textos e de desenhos no seu site pessoal: www.gustavosobral.com.br. Autores Locais é o título proposto para reunir seus ensaios sobre literatura, vida, autores e livros.

AUTORES LOCAIS

Gustavo Sobral

1ª Edição
Natal/RN
2018

Copyright © Gustavo Sobral, 2018

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n.º 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, do autor.

1ª edição

Catálogo da Publicação na Fonte:
Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva. CRB-15/692.

Sobral, Gustavo.

Autores locais / Gustavo Sobral; José Correia de Torres Neto (Editor); Veronica Pinheiro da Silva, Camila Maria Gomes e Valnecy Corrêa Oliveira Santos (Revisoras); Amanda da Costa Marques (Diagramação e Projeto gráfico); Fernanda Beatriz Souza de Oliveira (Diagramação). – Natal: Caravela Selo Cultural, 2018.

200 p. : il.; 1 PDF.

ISBN 978-85-69247-65-4

1. Literatura norte-rio-grandense. 2. Biografia. 3. História. I. Torres Neto, José Correia. II. Silva, Veronica Pinheiro da. III. Gomes, Camila Maria. IV. Santos, Valnecy Corrêa Oliveira. V. Marques, Amanda da Costa. VI. Oliveira, Fernanda Beatriz Souza de. VII. Título.

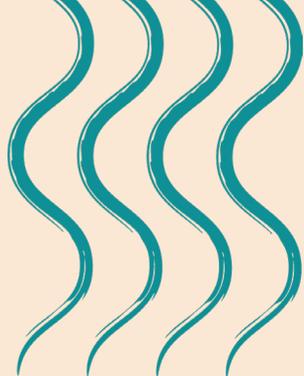
CDU 82 (813.2)
S677s

Direitos reservados a Gustavo Sobral
Natal – Rio Grande do Norte – Brasil

2018

CONSELHO EDITORIAL - SÉRIE HUMANIDADES I

- João Bosco Araújo da Costa
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) – **Presidente**
- Alessandro Galeno Araújo Dantas
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Daniel Menezes
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Francisco Alencar Mota
(Prof. Dr. da Universidade Estadual Vale do Acaraú)
- Jacimara Villar Forbeloni
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal Rural do Semiárido)
- Jessé de Souza
(Prof. Dr. da Universidade Federal Fluminense)
- Joana Aparecida Coutinho
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Maranhão)
- Joana Tereza Vaz de Moura
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- João Emanuel Evangelista
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- José Antonio Spinel Lindozo
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Maria Conceição Almeida
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Maria Ivonete Soares Coelho
(Prof.^a Dr.^a da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)
- Norma Missae Takeuti
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Vanderlan Francisco da Silva
(Prof. Dr. da Universidade Federal de Campina Grande)



sumário

Newton Navarro

Então sopra um solitário
vento de verão

O cronista da hora sublime

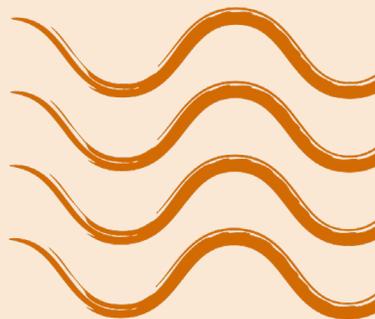
Navarro por completo

Os cronistas da cidade

Os cronistas da cidade

Augusto Severo Neto, inédito

O cronista da cidade



Zila Mamede, correspondência

Zila Mamede e José Mindlin,
breve relato da correspondência
e de amizades (e como se prepararam
os originais da bibliografia de João
Cabral de Melo Neto)



PRIMEIRA PARTE

Newton Navarro

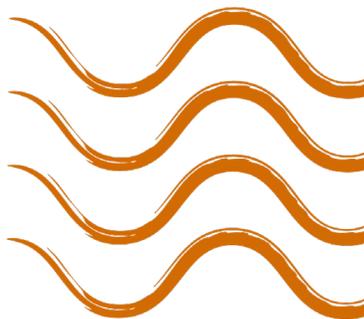


Então sopra um solitário vento do verão...

O solitário vento do verão é o primeiro livro de contos de Newton Navarro, lançado em 1961. Impresso na Imprensa Oficial de Pernambuco, é como consta na edição “uma promoção do Plano Cultural do governador Aluísio Alves (Rio Grande do Norte) através da Secretaria de Educação e Cultura, na gestão do prof. Grimaldi Ribeiro”. Capa com desenho de Navarro, infere-se, porque não há folha de

rosto, nem referências no livro. Sete contos ao todo em sessenta e cinco páginas. Segundo notas do jornal *Tribuna do Norte*¹ à época, o lançamento foi sucesso de público.

Algumas décadas depois, em 1998, o livro ganha uma segunda edição. Na oportunidade do lançamento do que se considera as obras completas de Navarro. No entanto, nenhum dos dois volumes



¹ “Coluna de B.W.”, colunista Berilo Wanderley, nota “Pelos caminhos da cidade”, *Tribuna do Norte*, sexta-feira, 06 de outubro de 1961.

publicados incluía seus textos para o teatro. Esses volumes são organizados por Candinha Bezerra, com apresentação do poeta Luís Carlos Guimarães, amigo de Navarro. São publicados por meio da Fundação José Augusto e da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte. Nas orelhas, trecho de correspondência para Navarro de Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado. Nessa segunda edição de *O solitário vento do verão*, há algumas supressões e alterações em relação à primeira edição. Não se sabe se houve uma consulta a algum original; ao autor não seria, pois Navarro falece em 1992.

Nessa terceira edição, se procurou ser o mais fiel possível ao original, sendo as correções de ordem estritamente gramatical. Acredita-se que Navarro, inventivo, vanguardista, também tenha imprimido em sua literatura algumas ousadias. É recorrente o uso de parênteses que atravessam parágrafos, aspas para marcar o discurso direto, travessões e períodos dentro de períodos. O texto de Navarro é sinuoso, curvo, visual, como seus desenhos. A busca foi pela manutenção do texto da primeira edição, intervindo apenas com correções das “falhas” encontradas. Reeditar uma obra e trazê-la à luz depois de cinquenta anos de sua publicação é resgatar também o período, as formas e as contingências em que o livro

foi confeccionado. Possa ser que estudos comprovem, ou desmintam, ou não cheguem a uma conclusão. Essa terceira edição está como prova de que seria possível que Navarro também ousasse na escrita ao desconstruir em parte os símbolos gráficos. É uma suspeita, não uma comprovação, e uma justificativa para uma apresentação tanto quanto possível mais próxima do livro de 1961.

O solitário vento do verão integra a produção literária de Newton Navarro que também compreende poesia, crônica, novela e teatro. Entre as décadas de 1950 e 1980, Newton Navarro experimentará formas literárias diversas para contar uma mesma história: a da vida, do drama e das tramas da gente simples, do povo. Tanto que, inserido no contexto de valorização do local, do social, das raízes, Newton fará a sua obra na esteira do programa moderno, que não outro senão o de descobrir o Brasil nas coisas do povo, na tradição, nos costumes. Navarro é o contista que, na verdade, é um artista multifacetado, pois é também reconhecido e festejado pela sua obra plástica. Pintor e desenhista, foi como se tornou mais conhecido, no entanto, a sua produção literária se iguala em originalidade e beleza a tudo que fez em desenho. Uma figura pública, boêmia, que frequentava os bares da cidade, todos eles, do mais simples

aos mais agitados, e que cultivava a amizade, o respeito e o afeto de todos os que o conheciam. Um observador da cena cotidiana e um colecionador de imagens da vida.

Nasceu e morreu em Natal (1928-1992), onde passou toda a sua vida. Navarro é um habitante da cidade. Ele a vive e a retrata, o rio, o mar e o sertão. Não são outros os elementos que habitam os seus desenhos que estas personagens: pescadores, palhaços, cangaceiros, marinheiros, rendeiras, lavadeiras etc. Navarro foi desenhista, exímio desenhista. Vocação que assumiu muito cedo e que levou por toda vida. Navarro foi também o homem das amizades e dos porres profundos. É de espantar-se que tenha despertado pouca atenção dos pesquisadores, em se tratando da envergadura artística de um homem que transitou pelas artes plásticas e literárias, e que, acima de tudo, foi um poeta da vida. Poucas são as reflexões publicadas sobre seus escritos. Ainda não existe em definitivo uma análise da produção literária de Navarro, enquanto que sua obra plástica já é alvo de interesse, revelando resultados que reafirmam a necessidade de estudá-lo. Também é preciso ler Navarro, reler Navarro, comentar Navarro. Navarro é atual e sua literatura tem méritos que ainda precisam ser registrados e propagados para além das fronteiras

da sua cidade Natal. A republicação e a divulgação de sua obra são ainda uma missão a se cumprir.

Desde sempre, a biografia não escrita de Navarro revela um artista que percorria a cidade. Da intimidade do centro, Cidade Alta, à zona baixa do comércio, Ribeira, transitava nos bares com intelectuais da pequena Natal e com a gente do povo, sobretudo, os pescadores do Canto do Mangue e da Redinha, objeto de seus desenhos e narrativas literárias, na poesia, no conto, na crônica em jornal e no teatro. Também cidadão do mundo, suas crônicas anotam idas a Paris, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Madri, Lisboa. Navarro foi um experimentador de todos os gêneros e em todos eles procurava imprimir o seu estilo próprio. Viajante que volta e meia deixava a sua cidade e corria para desbravar o mundo, apreender o mundo, escutar, ver, observar o que produziram e produziam seus pares. Um cosmopolita observador do trabalho dos seus contemporâneos.

Nos anos 1940, muda-se para Recife/PE. O caminho é o curso de Direito. No entanto, há controvérsias se Navarro pretendia mesmo estudar Direito ou se era apenas um meio de viver uma nova vida no efervescente cenário intelectual pernambucano

de Gilberto Freyre, Mauro Mota e Cícero Dias. Navarro “perde” a data dos exames para faculdade de Direito e passa ao curso livre de desenho de Lula Cardoso Ayres, momento em que cede à primeira vazão do artista plástico fascinado pela quebra de paradigma que o modernismo lança como bandeira. Os trabalhos desse período fotografam um Navarro de traço solto, seduzido pelo desenho, necessitando expressar o lirismo encantado que absorvia da vida. Um tanto onírico e surrealista que, ousadamente, confiava na recepção da nova estética por um grupo de artistas, dentre eles o célebre Cícero Dias – que aderira ao abstracionismo em voga. A vida no Recife é de entrega à boemia.

Mas Navarro volta para Natal. O amigo Ticiano Duarte² narra o seu retorno: “Newton em Natal, vestido de pintor, com um cachecol, com muito estilo. E foi quando comecei a conviver com ele, já então com dezoito anos, Newton com vinte e um, já nos integramos como de mesma geração, passei a frequentar a boemia, a gostar de literatura”. Nesse regresso, o Navarro já artista inaugura a arte moderna em Natal, em 1948, ao expor

² Entrevista com Ticiano Duarte, em sua residência. Condomínio Edifício Cidade do Rio de Janeiro, Rua Dr. Nizário Gurgel, 2012, Tirol, Natal/RN, sexta-feira, 26 de outubro de 2012.

seus desenhos ao público, sua primeira exposição individual, e, pelo que consta, a primeira exposição de arte moderna em Natal, no salão contíguo à Sorveteria Cruzeiro, *point* de encontro da sociedade. Nesse evento, já alcança a repercussão local que o acompanhará durante toda a sua trajetória como pintor e escritor. No jornal *A República*, a notícia³:

Exposição de pintura de Newton Navarro Um novo talento a serviço de uma nova arte

Acha-se aberta, anteontem, a exposição do jovem pintor conterrâneo Newton Navarro, aluno da Escola de Belas Artes de Recife.

Esse certamente que é inédito para o público natalense por se tratar de arte nova, ainda não exibida nesta cidade, tem atraído numeroso público.

³ *A República*, quinta-feira, 30 de dezembro de 1948, n. 290, p. 6.

Em todos os trabalhos de Newton Navarro há um cunho de originalidade. Destacamos, entre eles, na secção de aquarelas: 'Negros do Cacau', 'Detalhes de Altar' e 'Detalhes de Mosteiro'. Na secção de desenhos a bico de pena, 'Rosto de Cristo' e 'Ponta Negra', expressiva paisagem praiana. Na sessão de crayon, 'Retirantes'.

Há, entre outros, quadros apreciáveis pela técnica e pelo colorido, evocando paisagens, pessoas e símbolos que, para não se destacarem dos citados, nem por isso deixam de merecer a admiração dos que apreciam a arte moderna a que se filiou Newton Navarro, um dos mais esperançosos pintores da nova geração.

57 trabalhos com uso dos mais diversos materiais, entre nanquim, carvão, óleo, aquarelas. Navarro mostrou ao público homens, mulheres, paisagens, abstracionismos, uma variedade de experimentos. Na abertura, Antônio Pinto de Medeiros, jornalista, intelectual, que possuía uma coluna de crítica cultural no jornal Diário de Natal e que, nos anos 1950, estimularia a produção da nova geração de artistas potiguares, pronunciou

algumas palavras, seguido por Grimaldi Ribeiro, então estudante de Direito da Faculdade do Recife, primo e amigo de Navarro. A exposição foi concorrida, era novidade. Navarro convidava a todos que passavam pela rua para entrar, observar e conhecer.

Inovador e sempre na vanguarda, a formação de Navarro é de um observador da produção contemporânea, um artista que procurava se atualizar. Navarro parece sempre atento aos movimentos artísticos e às inovações estilísticas. Seguiu sempre experimentando, à procura de seu próprio estilo, o qual fixará deixando uma marca pessoal e autêntica. Muitos são os pontos de confluência que permitem afirmar que a obra de Navarro é única. Registramos que não se pode compreender a sua produção literária sem considerar a sua produção plástica, e vice-versa. Nos anos 1940, um Navarro sob a influência do Picasso cubista abandona o corriqueiro da tinta a óleo sobre tela pela tinta à base de água, aquarela e guache, experimentando também o nanquim colorido, café, chá. Navarro está à procura de sua arte. Não será de todo absurdo aproximar o seu trabalho plástico desse momento com os temas e os motivos de Portinari e Di Cavalcanti. A vanguarda combinava a experimentação com o cubismo e a

escolha de temas regionais. Navarro chega a assinar os seus desenhos com Di Navarro, uma clara referência a Di Cavalcanti.

É preciso entender que depois da Semana de 1922, a cultura no Brasil estaria totalmente impregnada do brasileiro. Os estudos culturais de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, o regionalismo na literatura de Graciliano Ramos, os temas sociais na poesia de Drummond, as mulatas e os cabarés nas telas de Di Cavalcanti, o trabalho no campo e a miséria da seca em Portinari. Nesse caminho, Navarro partiria para as cenas da praia, da lida dos pescadores, para o retrato dos cangaceiros, para os costumes do sertão, na composição dos seus desenhos e dos seus contos e crônicas. O abstracionismo passa a ser um tema de experimento e o figurativo assume espaço definitivo na sua produção. A obra de Navarro será profundamente social.

As artes plásticas firmavam-se num circuito próspero em que se registrava: a fundação da Sociedade de Arte Moderna no Recife, idealizada por um artista contemporâneo de Navarro, Hélio Feijó; a criação do MASP, em 1947; do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Museu de Arte Moderna no Rio, ambos em 1948, completando o tempo que se escrevia com a redemocratização

do Brasil, eleições convocadas, fim da Ditadura Vargas, móveis de Calder expostos no Brasil e Pollock, nos Estados Unidos, lançando o seu abstracionismo. Abstracionismo e figurativismo serão as correntes que perdurarão pelos anos 1950. A arte e a poesia concreta surgirão em cena. Navarro não estará alheio e fará a sua opção, que será pela sua realidade e, por isso, será sempre, nos desenhos e nos contos, um cronista do cotidiano, dos hábitos simples, do dia a dia e da paisagem de uma cidade ainda pequena e bucólica que era Natal, dividida entre a cultura do mar e a cultura do sertão. Suas memórias da vida no sertão inspirarão os seus contos, suas andanças pela Redinha as suas crônicas mais belas, evocando o rio, os pescadores, a vida praiana.

Dorian Gray Caldas, artista plástico, poeta, ensaísta, parceiro de Navarro na aventura moderna das artes plásticas, justifica o caminho tomado pelo figurativismo, o mesmo escolhido por Navarro. Por volta de 1953, Dorian Gray começa a dominar a figuração.

A figuração é própria da arte brasileira, não tinha porque fazer abstração. A abstração era uma solução para uma arte de extremo, o Brasil não tinha tradição

para uma arte de extremo. A cópia foi o exercício, de Portinari, “uma mulher chorando”, peguei um Van Gogh para copiar de uma revista, aquele que é um terraço noturno; de Cézanne, “Jogadores de carta”. Apresentei vinte trabalhos no Salão, entre cópias e desenhos autorais. Veríssimo de Melo fez uma crônica favorável na época. Navarro tinha amizade com a geração da pintura e do desenho Hélio Feijó, Lula Cardoso, Mauro Mota, um pessoal do Recife que começou a se corresponder com a gente.⁴

Nos anos 1950, Navarro e Dorian Gray sacudirão o marasmo da cidade, anota o cronista Veríssimo de Melo em suas crônicas no jornal “A República”, com uma série de exposições que acabam por celebrá-los como personalidades da cidade, artistas genuínos, reconhecidos, de valor, e em trânsito por todas as esferas, dos pescadores aos intelectuais e políticos. Navarro, Dorian Gray Caldas e Ivon Rodrigues expõem no I Salão de Natal (1950) trinta telas. Veríssimo de Melo comenta:

⁴ Entrevista com Dorian Gray Caldas, Natal/RN, 10 de fevereiro de 2011.

“Newton frisou que os trabalhos ali expostos representavam o melhor esforço de três moços que entendiam, como Van Gogh, que deveriam pintar o que viam e não o que os outros viam”.⁵ Os anos 1950 serão marcados pela tendência para o figurativismo e para a saturação do abstrato. A arte reaproxima-se da realidade.

Os anos 1950 também anunciam o Navarro boêmio, que, por onde passava, conquistava afetos, solidificava amizades, como a do poeta Luís Carlos Guimarães, que destaca, no prefácio das *Obras completas*, a faceta do Navarro *causeur*: “enfeitiçava os ouvintes com um vocabulário de magia, alternando com os gestos e a entonação da voz, animando qualquer conversa, fosse o tema a amenidade do dia a dia ou a gravidade de um assunto que exigisse uma observação mais séria”.⁶ A sua vida era a sua literatura. Na apresentação do livro de crônicas *Beira Rio* (1970), Navarro aponta que o caminho de sua escrita é simplesmente o caminho da vida. Ele afirma:

⁵ MELO, Veríssimode. A República, 12 de abril de 1950. In: CALDAS, Dorian Gray. *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte 1920-1989*. Natal: EDUFRN, FUNPEC, SESC, 1989, p.30.

⁶ GUIMARÃES, Luís Carlos. Prefácio. In: NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998. 2 volumes, v. 1.

Devo estas anotações – quase narrativas, primeiramente ao Rio Potengi, sua água, seu leito, suas margens, seus barcos e navios, seus mistérios.

Devo, ainda, às conversas, PROSAS, anedotas, o dia a dia vivido com fraternidade, aos muitos amigos que, generosamente, quase que escreveram com a sua amizade muitas dessas linhas.

Essas anotações, à maneira de um “longbook”, poderiam começar na Confeitaria de Olívio Domingues – “mestre” Olívio, continuar seu curso até à casa de compadre Zé Arruda (caldo de feijão verde, panelada, buchada, manjuba frita, que o “tio” Vitor traz da Barra), alcançar o meio da Avenida, no balcão hospitaleiro de Araújo, onde Silvio Caldas deu entrevista, bebeu e cantou e onde o poeta Sanderson distribui amostras grátis de Poesia; e por fim o nosso BEIRA-RIO, porto de ir-e-voltar, hospedaria, acolhida, chegada dos “guerreiros”...

O cenário de sua vida era composto pelos bares da cidade, pela Confeitaria Delícia, de seu Olívio na Ribeira, pelo Granada, de Dom Nemésio, espanhol de origem, na av. Rio Branco, Cidade Alta. E por tantos outros. Navarro habitava a vida. Deixava-se ficar nas mesas dos bares, nas mais animadas e assíduas, cercado pelos seus amigos Luís Carlos Guimarães, Berilo e Maria Emília Wanderley, Albimar Marinho, entre tantos outros. Recitavam García Lorca, Neruda, os grandes poetas. A vida e a bebida eram o exercício da liberdade e condição para a criação. Em entrevista ao programa *Memória Viva*⁷, declarou:

Duvido muito do poeta que não bebe. As pequenas observações que ele, natural (sóbrio), não teria observado, a euforia que nasce nele ou, às vezes, a revolta, tudo isso vai concorrendo para que, depois, em estado não mais etílico, possa transformar todas aquelas observações em poesia.

⁷ LYRA, Carlos (Coord). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Navarro Bilro, Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFRN, 1998, p. 59.

Foi o que aconteceu com todos os poetas. É o caso de Baudelaire, quando ele pede num poema “Embriagai-vos”. Ele começa no vinho, depois vai para outras bebidas (da época). Depois “se não tiverdes mais nada com o que embriagar, embriagai-vos com a virtude, mas embriagai-vos”.

Quando eu não tiver mais condições de andar pelos bares para me embriagar, até de virtudes, e dizer do que penso, saibam sentir na cor e nas limitações das palavras que, pelo menos, de todos os meus defeitos, eu fui simples, leal aos amigos e a minha arte, e, sobretudo, resumindo no verso de Shakespeare: “fui fiel a mim mesmo”.

Formava-se, nos anos 1950, um renovado cenário das letras potiguaras, no qual se inseriu Navarro. Uma cena movimentada pelos suplementos literários feitos de poemas e artigos, onde os consagrados Américo de Oliveira Costa, Luís da Câmara Cascudo e Edgar Barbosa apadrinhavam os chegados: Zila Mamede, Nei Leandro de Castro e Newton Navarro, entre outros. O clima

social e político era favorável à efervescência da cultura potiguar. Antônio Pinto de Medeiros, na sua coluna no *Diário de Natal*, fazia crítica séria e imperdoável, na qual não cabia elogio desbaratado nem tampouco simpatias e apadrinhamento. A mudança de governo, com a morte do governador Dix-Sept Rosado (1952) e a posse do vice, Sylvio Pedroza, promove um impulso na produção cultural do estado. A coleção Jorge Fernandes publicará os novos poetas que timidamente começavam a produzir, poetas que se tornariam grandes nomes na literatura potiguar. Zila Mamede, em 1953, publica seu primeiro livro: *Rosa de Pedra*; Celso da Silveira, *26 poemas do menino grande* (1952); e Sanderson Negreiros, *O ritmo da busca* (1956). Navarro, em 1953, se lança na poesia e sai com o seu *Subúrbio do silêncio*, que depois renegaria, tratando por obra da juventude.

Nesse livro, Navarro apresenta quatorze poemas, curtos, bem do modernismo, embora os temas explorados ainda sejam os dos românticos: amada, tempo que se esvai, a fugacidade da morte, o drama do amor, a desolação pelo que perde da vida, o saudosismo. Poemas que revelam um poeta que cria paisagens, anota cenas do cotidiano, sente-se solitário, melancólico e que escreve revelando a presença das cores na paisagem

e na alma, como se dissessem o estado de espírito do poeta no drama de sua poesia. Dentro do azul vive um anjo, o coração é mistério vermelho, o gesto se desenha, o quintal é cinzento, o sol tem a cor de ouro antigo. Até o silêncio é colorido e as poças de lama têm o som verde. O Navarro poeta do *Subúrbio* é o poeta que semeia a brevidade da vida, que fala do tempo, que trata dos bichos (Sapo, Aranha, Abelha), que sente e evoca suas impressões e sentimentos perante o mundo.

Em 1955, Navarro apresenta o *ABC do cantador Clarimundo*, ganhador do primeiro Prêmio de Poesia Câmara Cascudo, concurso literário promovido pela prefeitura de Natal. Um longo poema narrativo, a espelho do que teceu o poeta João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida severina*, publicado no mesmo ano. Câmara Cascudo dirá na apresentação: “uma experiência humana e coletiva que vive o destino genérico da região. O poema reassume as vozes tradicionais da terra na autenticidade de um símbolo palpitante”. Um cordel que narra a saga de um cego cantador de viola que anda solto pelo mundo, partidário da vida sofrida do sertanejo, admirador do protetor dos oprimidos, o cangaço Lampião, que passa por Monte Santo (alusão a Canudos);

uma vítima das injustiças sociais, que padece na mão da polícia, opressora e violenta, quando deveria salvaguardá-lo.

Uma literatura em sintonia com o moderno, traçando uma ponte com a tradição e inaugurando o novo. Na literatura potiguar a poesia reinava. A produção de contos era muito tímida, como bem nota Tarcísio Gurgel⁸, até Navarro, em 1961, lançar *O solitário vento de verão* e Nei Leandro de Castro, em 1966, o *Contistas norte-rio-grandenses*, uma antologia. Navarro inaugura, portanto, uma vertente muito ausente na literatura potiguar ao propor um livro de contos inédito. Inédito, porque não é fruto de compilação de contos publicados em jornais ou revistas, mas confeccionados propriamente para o livro. Os livros de Navarro todos eles nasceram livros, à parte somente as crônicas não selecionadas, fruto de coletânea de textos que publicava nos jornais. O Departamento Estadual de Imprensa e a gráfica Manibu, da Fundação José Augusto, serão as rotativas dos livros de Navarro. Alguns com desenhos do próprio autor na capa. Em *Subúrbio do silêncio*, primeiro livro, uma cidade; no ABC do cantador Clarimundo, uma rabeça; em *O solitário*

⁸ GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

vento do verão, uma árvore ao vento, nas *30 crônicas não selecionadas*, um desenho abstrato; em Beira Rio, a cachorra Aparecida, uma das personagens; em De como se perdeu o gajeiro Curió, um marinheiro. Nas epígrafes, encontramos Vinicius de Moraes, Jorge Luis Borges, Caetano Veloso, Jorge Amado, Camus, Dorival Caymmi, Veríssimo de Melo, Cascudo.

Navarro, nos anos 1960, exatamente em 1961, ano em que publica *O solitário vento do verão*, já era um escritor frequente das crônicas publicadas em jornal. Navarro tem uma veia jornalística e nas suas crônicas outro não é o estilo que o da crônica moderna totalmente impregnada pelos temas do jornalismo: a provocação dos fatos diários e a aproximação com o cotidiano e com os temas sociais, assuntos que são a marca do gênero como ele se desenvolve no Brasil por Rubem Braga, Drummond e uma plêiade de autores que a literatura brasileira consagraria. Drummond era também um escritor plural não se destacando somente como um poeta brilhante, mas um cronista de fôlego e um contista notável. Navarro segue na mesma esteira. Seu segundo livro de contos, *Os mortos são estrangeiros*, publicado em 1970, merece comentários de Drummond e de Érico

Veríssimo, com destaque para o conto “Os cavalos”, presente no primeiro livro e curiosamente incluído no segundo.

Drummond escreve:

Prezado Newton Navarro: seus contos foram para mim uma surpresa boa. A começar pelo caso do Boi Milonga, com traços paisagísticos que iluminam a narrativa (“o grupo esguio das carnaúbas que espanta o claro do tempo”) e a notação rápida, dizendo mais que a circunstanciada informação da morte do animal (“o rastro da cobra na areia frouxa”). Vi imagens de cinema em suas histórias. A bela gravura sensual de “Os cavalos” deixa marca na lembrança. Você soube ligar terra, bichos e gente em trama sensível de palavras. Pena que o livro seja tão breve: fica-se desejando mais.

E assim testemunha o que se encontra na face contista de Navarro. Impressão não outra que vem de Érico Veríssimo: “sua prosa, meu caro Newton, é duma precisão, duma concisão

que me lembra a do Graciliano. Seca e despojada como a paisagem nordestina.”.⁹

Navarro foi pintor, poeta, cronista e um contista moderno. Leitor de Faulkner e de Hemingway, tão em voga nas rodas literárias natalenses. Absorve e emprega a capacidade de imprimir na narrativa o drama da personagem numa perspectiva subjetiva; a frase na ordem direta, curta, visual, limpa, objetiva, não por isso, menos poética. Em uma de suas *30 crônicas não selecionadas* (1969), textos que lançara em jornal, Navarro narra um encontro com John dos Passos, que Woden Madruga, em entrevista¹⁰, afirma ter sido em Natal, no bar da Rampa, nas Rocas, quando da vinda de John dos Passos ao Brasil. Um encontro por puro acaso. Navarro chegava ao bar para encontrar os amigos e se depara com John dos Passos: “E quando lhe falei de Faulkner e Hemingway, que juntamente com ele formaram o grande trio da chamada ‘geração perdida’, as suas repostas às minhas

⁹ VERÍSSIMO, Érico. Orelhas. In: NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2volumes, v. 1.

¹⁰ Entrevista com o jornalista Woden Madruga, na redação da *Tribuna do Norte*, Ribeira, Natal/RN, quarta-feira, 17 de outubro de 2012.

indagações pareceram mais sentidas. Como se falasse de sua casa, de sua família, assim como da sua horta”.¹¹

Navarro estava atualizado. O interesse na literatura está no drama pessoal, que envolve vivências particulares, com a forte manifestação das experiências e das motivações do artista nas suas criações. Se como desenhista soltou a forma, lição do abstracionismo, e voltou-se para o figurativismo; como poeta, rompeu com o verso metrificado, com a prática do verso livre; na crônica, assume o lirismo da narrativa da vida cotidiana, simples, coloquial; no conto, realista como Faulkner, explora o drama das personagens, optando pelas frases curtas, valendo-se do fluxo de consciência, compondo cenas como no cinema, planos, panoramas. Navarro é também um contista visual. Propõe uma visão particular para os dramas e agonias da existência humana e compõe retratos.

O solitário vento do verão é lançado na Primeira Praça de Cultura de Natal, evento promovido pelo governo do estado e pela

¹¹ NAVARRO, Newton. 30 crônicas não selecionadas. In: *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes, v. 1, p. 233.

prefeitura. Uma série de eventos culturais durante uma semana que contemplou também lançamentos literários. Veríssimo de Melo trouxe o seu livro *Cantador de viola*, Jaime Wanderley, o seu *Macambira*, na ocasião saudado pelo amigo Newton Navarro, títulos que vieram a público durante o evento, lançamentos que ocorreram na barraca da loja de livros. A Primeira Praça da Cultura de Natal foi um evento amplamente noticiado pelos jornais que anunciavam os lançamentos do dia e a repercussão do dia anterior. O evento constava de saudação do autor por alguma personalidade, apadrinhamento e noite de autógrafos. No lançamento do livro de Navarro, a apresentação foi feita pelo Secretário de Educação, Grimaldi Ribeiro, primo de Navarro, companheiro no tempo do Recife; e, em nome da cidade, o bacharel Ticiano Duarte, chefe de gabinete do prefeito Djalma Maranhão e amigo de Navarro. A madrinha de Navarro, Iracy Pereira, Rainha do Algodão de Currais Novos, também autografou os livros. Berilo Wanderley contabiliza o sucesso do evento: Navarro foi o autor mais vendido.¹²

¹² Notícia de Berilo Wanderley em sua coluna diária na *Tribuna do Norte*. “Coluna de B.W.”, colunista Berilo Wanderley, nota “Pelos caminhos da cidade”, *Tribuna do Norte*, sexta-feira, 6 de outubro de 1961.

Em *O solitário vento do verão*, sete contos marcados pela presença da vida, momentos transformadores na trajetória das personagens. É como se se dessem conta que por uma pré-dica do destino estão mudados, nunca mais serão os mesmos. Nas epígrafes espalhadas por seus livros, Navarro revela algumas pistas de leitura, e talvez de alguns dos seus caminhos. Clarice Lispector está demarcada. A existência que não se basta em razão da força maior da vida e uma perturbação interior, como se de repente algo, como no conto “Os cavalos”, o inesperado, acontecesse e o mundo passasse a ser visto de outra forma. Os contos de Navarro são habitados pela mudança. Uma perturbação, uma inquietude. Assim também é em “Um fruto verde”, “Raízes”, “As três serenas manhãs do galo amarelo”, “Tarde”, “Três frutos podres”, e no conto “O solitário vento de verão”.

Não só essa descoberta de si mesmo marca os contos de Navarro. Há uma crueza, uma brutalidade do destino marcando as personagens, cercando-as de alguma adversidade a que são reticentes. O desengano encurrala, a ordem é rompida, mas a vida tem que retomar o seu curso. A descoberta de si mesmo e do mundo, o avanço do tempo, lento, passo a passo, como se registrasse um instante ou uma cena, numa vida pega de

surpresa em algum ponto, para assim nos contar o drama da existência. Assim Navarro procede, revelando mistérios. Há uma surpresa e expectativa que vão se satisfazendo a cada ponto que avança a narrativa. O pintor se revela na literatura com as imagens que cria. A pobreza material aponta as mãos que sempre são rudes, calejadas. Seus personagens são a gente do povo diante das contingências da vida.

Há cuidado na escolha das palavras, mais apropriadas, comuns às coisas do hábitat do sertão, os lajedos, o caixão da lagoa, o sentimento dos pés descalços que sentem a “friagem”; e, em epígrafes espalhadas pela sua obra, uma pequena pista de que era um leitor de Guimarães Rosa. Navarro foi um homem da cidade, mas, como Guimarães Rosa, com a alma no espaço do sertão. Desenhou cangaceiros, vaqueiros. Seu pai trabalhava em fazendas de algodão em Lajes, interior do Rio Grande do Norte. Navarro caminhou muito por aquele mundo na infância. Em suas crônicas, escrevendo de Paris, numa estação de trem, lembra e cita de passagem suas férias da infância e nomeia os municípios de São Miguel, Santa Cruz, Nova Cruz... O lugar na sua obra literária são todos os lugares, pode ser uma vila de pescadores, tudo é muito indefinido e por isso universal.

Mas também muito definido. A paisagem é a natureza, os animais, a vida simples e despojada.

Alguns contos de *O solitário vento do verão* começam com o vento, talvez o protagonista maior, porque nele impera a mobilidade e o transitório da vida: “com a chegada da noite o vento foi reinando...” (“As três manhãs do galo amarelo”); “toda tarde foi de vento forte, raspando o telheiro baixo e sujo...” (“A tarde”); “Depois da chuva ficou o vento frio...” (“Três frutos podres”); a beira do rio onde se banham os meninos, em “Os cavalos”: “onde o vento fresco encrespava pequenas ondas de espuma amarelada”. “Como ventou, àquela tarde em Rosário”, em “O solitário vento de verão”. O vento é aquele tudo conduz, que dita o tempo, revolve o espaço, espalha o drama que se aquieta, segue na contramão, incólume, um vento que solitário, nesse conto título do livro, leva a personagem, tomada pelo imobilismo, a perceber que para romper é preciso fazer como o vento, passar, levar, empurrar, espalhar, seguir.

Navarro espelha nos seus contos o caminho da liberdade, a necessidade de agir mesmo que o destino esteja selado e que não haja contra o que lutar. A força de viver é maior. Trata-se da

necessidade de ir sempre em frente, mesmo esmagado pelo destino. Com isso, Navarro está legando aos seus contos um tanto do que foi a sua vida, uma total entrega ao simples ato de viver desmedidamente e de transformar a existência em algo significativo, lutando contra o que aprisiona, fenece, recolhe, estagna.

O vento de agosto que sopra em todos os contos parece que conduz as cenas e as intrigas de cada narrativa. Mas o fio da esperança sempre se conserva. O caminho das personagens é sempre de mudança e de transformação. Algo nasce da dor, nem que seja a perplexidade, o espasmo, a continuidade ou a ruptura. A transformação é uma tomada de consciência de si no mundo. Navarro escreve seus contos do jeito como se conta uma história oral, como se desfia um caso. Um efeito que, embora pareça fácil e aparente, como se se falasse como se escreve, revela um autor com profundo domínio da palavra e das técnicas narrativas. Navarro sabe construir uma personagem em sua complexidade. Ele elenca sua natureza psicológica, constrói os cenários com os elementos necessários e, ao destacar detalhes, constrói imagens visuais com economia de palavras e com a riqueza do poeta que é.

Experiências mínimas, como um simples fechar dos olhos, são descritas com a beleza que revela um autor atento ao menor dos detalhes, que nada deixa escapar ao necessário na construção de suas imagens. Econômico, mas preciso. Como a cena em que o menino sai da lagoa e se deita às suas margens, em “Os cavalos”:

Pedro foi o primeiro a cansar. Saiu resfolegando para a ribeira e daí alcançou o lajeiro. Estirou-se à vontade. Fechou os olhos porque a claridade era muito intensa. Sob as pálpebras cerradas, parecia-lhe que se agitavam sem número de pontos luminosos. Estrias de súbita luz arroxeadas; riqueza de tons dourados, pretos, aveludados e dominantes. Espalmou a mão sobre a testa e emborcou-se.

Navarro escreve ciente de que para criar literatura é preciso despertar a consciência do leitor, movê-lo pela vida e pelas paixões. Compartilha da confissão de Guimarães Rosa:

[...] o leitor tem que ser chocado, despertado se sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos. Tem de

tomar consciência viva do escrito, a todo momento. Tem quase de aprender novas maneiras de sentir e pensar. Não o disciplinado – mas a força elementar, selvagem. Não a clareza – mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. E é nos detalhes, aparentemente sem importância, que esses efeitos se obtêm. A maneira-de-dizer tem de funcionar, a mais, por si. O ritmo, a rima, as aliterações ou assonâncias, a música subjacente ao sentido – valem por mais expressividade [...]. Tudo é trabalhado, repensado, calculado, rezado, refervido, recongelado, descongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado.¹³

Navarro atinge um lirismo profundo. Seus contos têm cor, cheiro, sons, revelam o íntimo das personagens, as desnudam na crueza dos pensamentos, medos, esperanças e frustrações. Navarro viveu para contar. Um tanto do espírito desbravador foi o motor da sua literatura. Navarro foi total, se entregou à vida crendo

¹³ GUIMARÃES, Rosa. Carta a Curt Meyer-Clason. In: MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2001 p. ix e x.

que a experiência de viver é sempre única, ciente de que a cada passagem nada seria como antes. Em cada noite, em cada entrega, cada conversa, buscou o motivo da inspiração e a força para criar. Sem entrega não há vida, tampouco arte. A embriaguez chama à flutuação, liberta do real, desperta a fantasia e recria o mundo. Se a lucidez é opressiva e uma vida regrada um contrassenso, o devaneio provocador é libertador. É impossível criar sem transitar pelas fronteiras entre a vida formal, diária, que passa na rua; as madrugadas, que pulsam; e as noitadas, que se prolongam apagando o mundo que será posto na criação. Então sopra um solitário vento do verão...

O cronista da hora sublime

Sobem bolhas de sabão. O cronista admira a menina que, do alto da varanda, encanta a garotada com seu sopro mágico, e escreve: “Fluidas, passageiras, levadas pelo vento na hora da manhã. O entusiasmo do pequeno público que a tudo assistia deslumbrado. A vida passando nas bolhas que a menina espalhava no tempo”. O cronista é Newton Navarro no desenho da vida, nas páginas da *Tribuna do Norte* e do *Diário de Natal*, jornais em que exerceu a atividade de forma irregular, ao sabor do tempo. Não há precisão de quando se estampou a primeira ou de quando saiu a derradeira, mas é certo o fato de que Navarro publicou febrilmente nos anos 1960. Das crônicas de jornal, chegou a organizar um volume. Paulo de Tarso Correia de Melo, poeta e amigo, conta que as não selecionadas passaram por seleção rigorosa do cronista, catando aqui e acolá o que mais lhe aprazou do que tanto produziu até aquele tempo.

O livro das crônicas saiu em 1969 e chama-se *Trinta crônicas não selecionadas*. Nele se reúnem o Navarro das viagens e das celebridades, a convivência e as impressões de Paris, Buenos Aires, e do encontro com celebridades como John dos Passos.

São retratos do cotidiano do mundo maravilhoso, aquele do sol que não se levanta e que fez de Paris uma festa que Navarro conheceu. É esse o registro em livro do que selecionou. Algo mais em livro sai agora com a seleção e escolha do poeta e amigo Paulo de Tarso, que desperta, do seu baú de guardados, crônicas recortadas no calor da publicação e no deslumbre dos seus 18 anos. Uma seleção de um universo de crônicas dentre tantas outras ainda espalhadas nos arquivos dos jornais, trabalho minucioso de registro e de resgate que merece a coragem futura de um escrutinador afiado. Portanto, ainda tudo é muito provisório quando se fala de Newton Navarro, o cronista.

Das crônicas selecionadas por Paulo de Tarso, há também uma linha de agrupamento que as irmanam em certos temas, o que já sinaliza a matéria que Navarro dedicava para as suas crônicas: o círculo familiar e de amizade, as coisas da cidade e a poética do cotidiano. Navarro escreveu sua autobiografia em seus textos e ao mesmo tempo biografou a cidade que tanto venerou e viveu. Também se anota na produção em crônica de Navarro, na diversidade de sua literatura, para além do artista plástico, ator, diretor de teatro e comandante da escolinha de arte do governo, a Cândido Portinari, o poeta, o novelista, o autor de peças

de teatro e o contista. Faltou o fôlego do romance, que se pode (até quem sabe seja risco dizê-lo), no volume de crônicas que chamou *Beira-Rio* (1970) e *Do outro lado rio, entre os morros* (1975), encontrar a semelhança do que representa *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, um conto-romance ou um romance em contos. E assim está posto que a crônica de Newton chega a sobrepor os gêneros.

Classificados de crônicas pela história da literatura potiguar, esses dois volumes independentes, que não tiveram origem primeira na página de jornal, consistem em narrativa e descrição da vida da gente que convivia com Navarro, os pescadores da Redinha e a sua lida com a vida na praia, a simplicidade, a pobreza, o encanto e a dureza da vida, o desenho de uma epopeia até tragicômica de personagens da cidade. Talvez essa presença da realidade dos dias e da carne e osso dos personagens nominados chegue a ser crônica, em razão também do seu amparo no cotidiano e da sua matéria não advir da pura criação da ficção. No entanto, a sua estrutura engajada, novelística, literária, em que pesa narrador, personagens, enredo, descrições, diálogos e clímax, chama-a para o conto de ficção. Mas não é de gêneros que aqui se trata, porque tudo em Navarro é uma única coisa que pode ser tudo.

Beira-Rio (1970), convite e louvação a uma história que contada por Navarro é de autoria de uma coletividade. A história é uma criação coletiva, porque parece que, para Navarro, como pregou e fez o poeta e letrista Vinicius de Moraes, sem os amigos e parceiros não se escreve a vida, como também sem o *locus* não se desenvolve a peça da vida, por isso, os becos, as ruas, os botecos são palco da irmandade das ruas, em que se celebra “uma só humanidade”, como se extrai da epígrafe de *Beira-Rio*, trecho de Jorge Amado. Pouco importa os nomes reais, a irmandade emana do uso dos apelidos. Então a primeira crônica anuncia Beira-Rio. Mais que um lugar real, Beira-Rio é um canto poético em que o espetáculo da vida se tece em desenhos por imagens sentimentais. Navarro devaneia num exercício do seu ser, Navarro navarreia assim, sobre o que é Beira-Rio sonhada: “*radiosa aurora, flor de rubros tons nascendo sobre a cidade quieta...*”¹⁴. Os espaços da cidade definidos e demarcados com pinceladas vivas da presença de corpos da cidade na paisagem fulgurante em que se encenam o amanhecer, o entardecer e o passar das horas e dos dias na paisagem. O rio, o Forte dos



¹⁴ NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p.9.

Reis Magos, a ponta do Refoles, a barra, o porto, os casarões, os botecos, a Ribeira.

A noite é uma das grandes personagens porque é ao cair que ela torna possível Beira-Rio, a poesia do narrador e a boêmia instalada. As lembranças são também fio condutor e personagens. É por meio delas que Navarro passeia no tempo das histórias e causos da vida no dia a dia, e assim justifica a missão de cronista, e da coletividade, sendo ele a voz das tantas vozes, o narrador da irmandade: “Somos apenas um narrador vulgar de Beira-Rio. Nosso cantar é igual ao cantar dos velhos violeiros de interior, falando do trivial das coisas. Esses acontecidos verdadeiros, mas que, nem por isso, o povo deixa cobrir de certa poesia simples. E para que mais do que a simplicidade poética a escorrer das coisas, nelas demorando como alma, integrando-se para sempre numa pedra, paredes, chão, água? Assim, como no Beira-Rio, sua história...”.¹⁵

Há uma recuperação da história lendária de Beira-Rio e do seu folclore. Vê-se isso em Nestor, uma espécie de Quincas Berro D'Água (personagem da novela homônima de Jorge Amado),

¹⁵ NAVARRO, Newton. Beira-Rio. Natal: Sebo Vermelho: 2011, p. 22.

e em toda a gente do cais, prostitutas, trabalhadores, vagabundos, artistas, uma espécie da Salvador de baixo, cidade do povo presente nos romances/novelas de Jorge Amado, um cenário navarreano que está também em todas as cores de Jubiabá (1935), do mesmo Jorge Amado, acentuando o caráter pictórico da gente do povo como uma marca que seria a consagração de toda produção de Amado. Navarro a Jorge Amado vai compondo uma espécie de geleia geral potiguar, em que o rico está não só na diversidade do popular, mas no colorido da composição do quadro. E todos os elementos só funcionam porque juntos. É assim desenha os tipos que fazem Beira-Rio: Baier, Zumbi, Carcará, Cara Lisa e outros. Até o bicho se integra nessa paisagem, se integra ao bicho homem, todos irmanados. O bicho é um irmão, é coragem, é companheirismo, é humano. A cadela Aparecida é bicho e gente. Cena das mais belas da literatura do Rio Grande do Norte.

Os capítulos desfilam também como atos, um *mise em scène* que é puro teatro no palco, teatro que Navarro também produziu como autor, diretor, cenógrafo e ator. Boca da noite e madrugada são espaços cenográficos, em Beira-Rio: “O cais resta só, num silêncio a que somente a maré vazante, vez por outra, quebra como um

solução de água do rio, sumindo para as bandas do mar”¹⁶. E tudo se encerra como tudo recomeça. Navarro trata o tempo como fugaz, mas certo de que as coisas se repetem, se recriam e se renovam: “mas, na ordem do mundo, tudo será, em breve, renovação, esperança, claridades”¹⁷. E assim escreve Beira-Rio, como que tomado por um surto de lirismo. Imagina-se, pelo conjunto da obra, que tudo tenha sido esculpido em uma pedra de mármore e não confeccionado em parte, nascido de uma única matéria bruta. O texto em sua unidade aparenta ter sido trabalho de um jorro criativo, quem sabe o mesmo que se apossou de Ferreira Gullar e fez com que o *Poema Sujo* nascesse todo de uma vez.

Em *Do outro lado do rio, entre os morros* (1975), a Redinha volta a ser objeto do seu olhar crítico em mais um livro que recebe o selo de livros de crônicas. Cinco anos depois de *Beira-Rio*, Navarro recupera a Redinha. O artista visual é quem abre as páginas dessas nomeadas crônicas, um começo de viagem pelas

¹⁶ NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 45.

¹⁷ NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 63.

plagas da Redinha, que lembra um Saramago¹⁸ viajante a beira do Tejo a perguntar aos peixes que se pertencem às águas são tão portugueses quanto espanhóis. Do outro lado do rio: “Do cais, você olha a boca da barra. Do lado de cá, o pontal escuro como um farol sinaleiro. Braço de pedra, mar adentro, ajudando navios e barcos maiores nas aberturas do canal. Do lado de lá, o dorso branco das praias e morros, manchas vermelho-azuis do casario irregular. Uma torre humilde de igreja. Os cocares impacientes do coqueiral. O território livre da Redinha”.¹⁹

Uma longa carta de amor à Redinha, um guia de viagem, um passeio em que o narrador toma a mão do leitor e o conduz, como José Saramago o faz em sua viagem a Portugal. Toda redinha se descortina, o que há para se ver, apreciar e sentir na condução

¹⁸ “Então, sobre as águas escuras e profundas, entre as altas escarpas que vão dobrando os ecos, ouve-se a voz do viajante, pregando aos peixes do rio: ‘Vinde cá, peixes, vós da margem direita que estais no rio Douro, e vós da margem esquerda que estais no rio Duero, vinde cá todos e dizei-me que língua é a que falais quando aí em baixo cruzais as aquáticas alfândegas, e se também lá tendes passaportes e carimbos para entrar e sair”.

SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. Fotografias de Maurício Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 9.

¹⁹ NAVARRO, Newton. *Do outro lado do rio, entre os morros*. Natal: Sebo Vermelho, 2010, p.11.

sentimental e poética de Navarro a apontar de tudo que é feita a Redinha. Um lugar vivido por ele na sua experiência boêmia e lúdica da cidade e que colhe nessa vivência em relatos do povo. Navarro coleciona histórias da Redinha para recriá-la a sua maneira, então como uma terra encantada, a sua Pasárgada que é o lema de toda a sua literatura: o deslumbramento da vida com a paisagem, o povo e a própria existência como um ato sublime, e assim imprime também o seu sentido de vida: viver plenamente e entregue às contingências dos dias. *Do outro lado do rio* é um texto que aparenta ser menos febril e mais reflexivo, pensado, em que se descortinam referências para compor um mosaico e uma pluralidade de vozes. Então, Costeau, Carybé, Cascudo, Camus, Drummond, Caymmi, pescadores e tipos populares (Cutruco) são as vozes que completam o seu dizer nesse passeio pela memória sua e coletiva, uma espécie de busca do tempo perdido e fruto de um tempo coletivo.

Navarro instaura-se apenas como uma voz que conta a experiência humana coletiva. Cutruco é um perfil bem-acabado, um retrato em que às formas rígidas dos fatos, Navarro impõe o olhar do poeta que deforma as formas a uma composição cubista em que se inserem todos os ângulos em um único plano,

em diversas facetas. Cutruco é uma figura completa: “a alma mergulhada em vapores etílicos, flutuava, sonora, nos encampados que sua voz despertava...”²⁰. Outros retratos, perfis, imprimem-se: o mestre Pignataro e o homenageado amigo José Aguinaldo de Barros, a quem dedica o livro. A ambos contempla com um perfil lírico nas mesmas proporções que dedica a Cutruco... Mas não é dessa produção em crônica de Navarro que se calha lançar como corruptela “crônica-conto-romance-guia-perfil-memórias”; e sim, desses dois volumes de crônicas Beira-Rio e *Do Outro Lado do Rio*, preparados para livro cujo tema são os pescadores e a Redinha venerada.

Para encerrar as crônicas sobre as quais não vai se falar, cabe bem registrar o lirismo que embota Navarro e que aparece em toda literatura que fez, como que tomado por uma embriaguez, aquela de que fala Baudelaire e a qual Navarro fez referência quando entrevistado pelo Memória Viva²¹, que não é privilégio da poesia, nem privilégio da crônica. O que são *As ondas* de

²⁰ NAVARRO, Newton. *Do outro lado do rio*, entre os morros. Natal: Sebo Vermelho, 2010, p. 53.

²¹ LYRA, Carlos (Org.). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Navarro e Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFRN, 1998. p.33-60.

Virginia Woolf senão a quebra desse paradigma (se um dia tiver existido)? Navarro, *Beira-Rio*, não custa repetir: “Beira-Rio não é boteco somente. É um chão à parte. Faixa de pedra escura entre os começos da cidade e a margem esquerda do rio. Tem vida própria. Domínio de barcos, embarcações, mulheres-damas, boêmios, bandejas de peixe-frito, prateleiras de garrafas cantantes. Beira-Rio tem sido pátria de apátridas e canto protetor desses deserdados que herdaram, no entanto, o tempo amplo e solto do não ter nada”²². Esse é Navarro no exercício do sublime.

Mesmo tom e esmero que emprega nas crônicas que se espalharam pelos jornais e que eram concebidas no correr da pena, num jorro só. Contam os amigos²³ que Navarro sentava diante da máquina de escrever e pronto: estava lá a crônica. Dizem que era gestada no caminho de casa para redação. Descia lá Navarro, que morava em Petrópolis àquele tempo, rua Potengi, em direção à redação da *Tribuna*, na Ribeira, e no caminho tirava a matéria da crônica do dia. Assim, por certo, nasceram essas bolhas de

²² NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 9.

²³ Livro inédito: *Saudade de Newton Navarro*, entrevistas/depoimentos com/ de amigos de Navarro sobre a vida, a obra e a amizade.

sabão, das quais aqui já se deu a prova, e tanta coisa do cotidiano, como o falar dos passarinhos, amor que dividia com Rubem Braga, o escritor que se fez na crônica e fez dela literatura e literatura moderna. Se foi gênero menor, como traçado pela história da literatura, Rubem Braga a elevou. Ele foi essencialmente e exclusivamente cronista e nada mais, quebrando a tradição de nossa literatura de a crônica ser um também na sua produção e não o principal. A começar por Machado de Assis, e seguindo por tantos outros, de antes e depois.

Rubem Braga é referência porque a fez maior e associou-a a seu nome. Virou adjetivo. A crônica pelo jornal se tornou o gênero brasileiro. Navarro, profundamente vanguardista, foi um escritor múltiplo como os escritores do seu tempo. Produz tudo ao mesmo tempo. As crônicas de jornal nascem com os dias e tão logo entra 1961, lança o seu primeiro livro de contos, resultado de um trabalho esmerado, cuidadoso, de quem curtia, curtia e curtia a elaboração e o acabamento do texto, que era fruto de muita transpiração, assim conta Paulo de Tarso. Dessa feita, lança Navarro *O solitário vento do verão* (1961), solidificando as bases da contística potiguar, numa terra e numa cidade de poetas consagrados, tradição a que se filiou porque seu primeiro

livro é um livro de poemas: *Subúrbio do Silêncio* (1953). Newton desenhou a sua literatura como os norte-americanos, trazendo o jornalismo como estilo, já nesse primeiro livro. Tarcísio Gurgel declara: “O solitário vento de verão revela um ficcionista que faz bom uso da experiência com a linguagem jornalística, (vale dizer: períodos curtos, clareza na exposição, sem prejuízo no impacto da informação) que na boa tradição americana era o primeiro e eficiente estágio para o bom narrador de histórias curtas.”²⁴

Na crônica se lê um Newton lírico, como se lê nos contos, mas um Newton que realmente traz essa experiência jornalística, talvez eivada no exercício da crônica diária, o que aproxima Navarro não dos contistas norte-americanos, de quem era ávido leitor, mas sim dos cronistas de sua geração e do jornalismo diário que exerciam todos. A crônica é uma literatura-jornalismo, reconhecida hoje como gênero literário e gênero jornalístico por excelência. Está na fronteira. Seu princípio básico é registrar o circunstancial. Toma do texto do jornal, o coloquial, e da poesia, o lirismo. O cronista do jornal é repórter e escritor, e, acima de tudo, um grande redator. Foi no espaço de jornal que

²⁴ GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001, p.115.

se avizinhou Navarro de outros cronistas seus contemporâneos. Praticavam a crônica diária Hélio Galvão, Berilo Wanderley, Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães, Woden Madruga, Dorian Jorge Freire. Navarro pertenceu a esse círculo literário em que aqui se nomeiam cronistas e muitos deles também escritores de outros gêneros, e quase todos poetas. Navarro era amigo de toda gente. Alçou, inclusive, a pompa de membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ocupando a cadeira 37.

A liberdade e o descompromisso são a marca da crônica. Esse gênero pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é um exercício de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, o cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. Ela popularizou a literatura brasileira, apresentou os romancistas e chamou o público a pular da página do jornal para a leitura dos romances e dos livros de contos. Os poetas também assim ganharam popularidade. O cronista é aquele alvissareiro que Cascudo fala, aquele que subia a torre da Igreja do Galo e observava atento o que se passava pela cidade. O cronista é um poeta que não sabe fazer verso, e ficou assim só com o lirismo da coisa. Navarro foi poeta. Fez bem mais a sua prosa com a linguagem do verso.

Era um apanhador da vida no cotidiano. Das coisas que estão no ar, fez a solidez da sua crônica; da leveza do insustentável, fez o ser.

A matéria do acontecimento dos dias era a sua crônica. Antonio Candido²⁵ imortalizará a crônica como uma literatura que chama “ao rés do chão”: a crônica, dirá, é produto *suis-generis* do jornalismo literário brasileiro. No Brasil, ela tem uma boa história. Até se poderia dizer que, sob vários aspectos, é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou e a originalidade com que aqui se desenvolveu. A origem da crônica no jornal é o folhetim, artigo de rodapé sobre questões do dia (políticas, sociais, artísticas, literárias). Com o tempo, diminuiu de tamanho, tornou-se mais leve e chegou ao que hoje se conhece por crônica. A mudança foi o tom informativo e de comentário para a função de divertir. A linguagem ficou leve, descompromissada, afastou-se do argumento e da lógica e ganhou em poesia. A crônica foi bem com os modernos, era bem a proposta de abandonar a retórica vazia, o rebuscamento e seguir por uma busca da oralidade na escrita, aproximando-se do leitor.

²⁵ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1992. p. 13-22, citação p. 20.

Nas *Outras crônicas não selecionadas*, o cambiante de temas da razão dos dias e do sabor das horas. Navarro sentava e escrevia desafiando o tema do dia, embora esse método de trabalho e essa característica da crônica de ser de tudo possam apontar um quadro caótico em que não se identifiquem certos temas, predileções etc. Essa seleção de Paulo de Tarso Correia de Melo apontou um Navarro cronista que no jornal também se destaca: o brilho de sua literatura na riqueza das descrições e perfis dos personagens, na facilidade com que agarra qualquer tema pueril e encontra nele a beleza e o sentido da vida. As construções são sempre imagens poéticas que arrebatam o leitor e levam o corriqueiro da vida à categoria do que realmente é o importante. Na crônica está a sua porção de vida, as suas crenças e o artista completo que foi desenvolvendo o seu poder de criação nas mais diversas formas de expressão, o desenho e a escrita, as mais profícuas. O orador dos dias se perdeu no tempo e as peças se fizeram na encenação. Se categorias fossem elencadas para agrupar o disperso da crônica de Navarro, não poderia faltar a presença proustiana do passado e das relações de família e, nelas, a infância no sertão, os vaqueiros, a terra dos seus.

O criador, o memorialista, não pode partir de outro ponto que não a sua experiência de vida. Mais que observador, Navarro foi um cronista vivente, por isso, talvez, para a realização de sua arte tenha vivido de forma tão plena e intensa. Um cronista sentimental em *Milhã* e dramático em *Elpídio Soares Bilro*, que lembra o retrato do pai esboçado por Vinicius de Moraes, quando também sofria a perda paterna. De maneira que na crônica está a biografia de Navarro, sobretudo a sentimental; está a história de Newton Navarro que não poderia ser contada por fatos, porque só viveu sentimentos. Quem sabe também um exercício para os temas que desenvolveria no trabalho incessante dos contos. Os temas se espelham quando escreve a crônica *A alma do grande sertão*, talvez com um pouco do desenho da Rosário fictícia de *O solitário vento do verão*. Nessa crônica, se observa a forte característica prática do gênero de fixar os dias nas coisas diárias.

Há a solta presença não identificada das pessoas do seu círculo de convivência e amizade que brotam ao natural em suas reminiscências, cuja identidade se perde no tempo e no anonimato do afeto: quem foi Helena da casa grande do Tirol (personagem de uma crônica) que fazia doces? Noutra crônica um retrato afetivo, a imagem mais digna do santo que foi padre João Maria:

“Em noite de muito frio emprestou a batinha velha e única a um pobre, e para que não escandalizasse com a sua nudez, Nosso Senhor Jesus Cristo mandou chamá-lo, às pressas, para o seu Reino, onde não se precisa de roupas e sim de asas”. Poeta dos passarinhos, existencialista nas conversas com Sanderson Negreiros, relator dos personagens da cidade, Xarias e Canguleiros, a conversar com os leitores, a homenagem aos amigos, o leitor dos seus pares, defensor do Ateneu, admirador do artistas amigos, o desenhista dos dias lentos, dos belos dias, das bolhas de sabão, domingo e paisagem, Newton Navarro consagrou a crônica por completo porque exerceu por ela toda a diversidade que lhe é permitida. E assim foi o cronista da hora sublime ao registrar o intangível do tempo perdido.

Navarro por completo

Navarro está por toda a cidade. É o pintor do álbum de futebol que alguém guardou, é o homem que vivia na Redinha junto aos pescadores. É um pôr do sol sobre o rio Potengi, é os marinheiros no cais, é a crônica nos arquivos da *Tribuna do Norte*, é aquele que era reconhecido em todos os bares. Personagem da cidade, Navarro é mito. Nascido em Natal/RN, em 1928, filho do classificador de algodão, Elpídio Soares Bilro, e de dona Celina, Celina Navarro Bilro, professora primária, começou a desenhar ainda menino. Estudou nos colégios tradicionais da cidade: foi aluno do Colégio Marista, tímido, metido nas coisas dele, segundo o primo e colega de turma Jurandyr Navarro²⁶; passou pelos bancos no secundário do tradicional Atheneu Norte-Rio-Grandense, destinando-se, como os demais, para a Faculdade de Direito no Recife/PE, mas terminou mesmo foi na escola de desenho de Lula Cardoso Aires, vivendo a efervescência cultural do Recife no final dos anos 1940.

²⁶ NAVARRO, Jurandyr. Newton, o mítico.

In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRRN, 2013.

Navarro se encontrou e voltou para Natal vestido de pintor com cachecol no pescoço²⁷. E daí para frente transformou a cidade. A primeira exposição de artes plásticas foi um estouro, no point da cidade, o Grande Ponto, no bairro de Cidade Alta, onde o comércio acontecia e a sociedade e os intelectuais se encontravam. O poeta Luís Carlos Guimarães avistou-o pela primeira vez cometendo as suas excentricidades e lá estava Navarro tomando cerveja num sapato²⁸. Era ele, Newton Navarro, quem na Sorveteria Cruzeiro, naquele ano de 1949, fazia a primeira exposição de arte moderna em Natal. O jornalista Woden Madruga²⁹ era um menino naquele tempo, aquilo foi um estouro, desenhos que tinham até mulher nua, era um acontecimento para a época. Houve quem confundisse com o cartaz de um circo que aportava na cidade. Festejado na primeira exposição, Navarro viera para escrever seu nome no cenário cultural da cidade.

²⁷ DUARTE, Ticiano. Newton e a rapaziada. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

²⁸ DUARTE, Ticiano. Newton e a rapaziada. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

²⁹ MADRUGA, Woden. Navarro um homem da cidade. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

De lá para cá Navarro nunca parou. A cada década foi aprimorando cada vez mais o seu estilo e o seu traço. Filiado à geração de artistas brasileiros entre as bandeiras do figurativismo e do abstracionismo, Navarro vai rabiscar nos seus primeiros desenhos e telas a assinatura Di Navarro, engajando-se no movimento moderno que imperava no Brasil pelas mãos e pelos pincéis de Di Cavalcanti, Portinari e, lá na Europa, em Paris, pelo pernambucano Cícero Dias, amigo de Picasso. É em Recife que Navarro toma, além das primeiras lições formais de desenho e pintura, o contato com a arte moderna que vinha da Semana de 1922 e das primeiras exposições em terra brasileira de Anita Malfatti e Lasar Segall. Era arte moderna o que Navarro queria fazer, e o caminho foi o mesmo: explorar a brasilidade. A brasilidade que estava em Natal, na paisagem da cidade que ele foi encontrar no rio Potengi, na praia da Redinha, nas ruas e nos becos, na vida noturna e boemia; e no sertão onde o pai trabalhava como classificador de algodão e ele viveu a infância nas férias.

Navarro nasce então um artista atento à produção cultural do seu tempo, e os motivos passam das suas telas, para os poemas, para as suas crônicas nos jornais diários. Frequentador de todas as rodas – as intelectuais, a dos jornalistas e dos boêmios, a dos

pescadores e a dos marinheiros –, Navarro estará em todos os lugares da cidade recolhendo traços e a vida de cada dia que, no encantamento do seu lirismo, verterá em obras de arte, seja nos desenhos, seja na escrita. Navarro procurará de forma original – ao se filiar a uma proposta brasileira de explorar o Brasil, na linha de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, também ao escrever as suas crônicas e contos (Navarro foi poeta, cronista e contista) – acompanhar a literatura expressa na poesia e nas crônicas de Vinicius de Moraes, nos romances de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, entre outros, seus contemporâneos. No teatro, além de realizar montagens com o grupo de teatro amadores, da peça de Sartre, *O muro*, e de Ariano Suassuna, *Cantam as harpas de São*, foi autor de suas próprias peças, cenógrafo, figurinista, diretor e ator. O teatro efervescente dos anos 1950 e 1960 teve seu espelho no Rio Grande do Norte por obra também de Newton Navarro Bilro³⁰.

Navarro participou de tudo. Quando surgiram as escolinhas de arte, que se fundaram em todo o Brasil, Navarro trouxe o modelo para Natal e instalou a Candido Portinari em 1961. Foi quando conheceu

³⁰ FERNANDES, Marcelo. Navarro, o ator, a cena e o teatro. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRRN, 2013.

Salete, professora de artes, com quem se casaria. Ao mesmo tempo que dispersava todo o seu poder criativo, Navarro também sorveu a vida como um torvelinho, era frequentador de todos os bares da cidade, onde reunia amigos. A vida boemia foi vivida nos seus extremos, Navarro se considerava um existencialista e entendia que o poder de criação pertencia à entrega à vida e que o clima de poesia e boemia eram fruto do poder de inspiração. Navarro considerava a atitude boemia imprescindível à arte³¹ e gastou a vida como ninguém, e produziu como nunca. Os contos inéditos revelam que muito antes da publicação do primeiro livro em 1961, o livro de contos *O solitário vento do verão*, Navarro já escrevia. O que pode levar a crer que ele começou a sua carreira de pintor e desenhista ao mesmo tempo em que começou os primeiros passos na literatura.

É a partir da obra literária que Navarro começa a sair do silêncio. Em 1998, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN) lança *Navarro obra completa*³², reunindo em dois volumes toda a publicação literária de Newton Navarro até então.

³¹ LYRA, Carlos (Coord). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas*, Newton Navarro Bilro, Leopoldo Nelson. Natal: EDUFRN, 1998.

³² *Navarro obra completa*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes.

Constam na edição todos os títulos: *Subúrbio do silêncio* (1953), *ABC do cantador Clarimundo* (1955), *O solitário vento do verão* (1961), *30 crônicas não selecionadas* (1969), *Os mortos são estrangeiros* (1970), *Beira-rio* (1970), *Do outro lado do rio, entre os morros* (1975), *De como se perdeu o gajeiro Curió* (1978) – com exceção da sua obra teatral, ainda inédita. Navarro então volta à cena literária, toda a sua obra publicada se encontrava esgotada. O Sebo Vermelho, edições de Abimael Silva, também trata de trazer para circulação em *fac-símiles*, em 2010, *Do outro lado do rio, entre os morros*³³; e em 2011, *Beira-rio*³⁴ e *ABC do cantador Clarimundo*³⁵.

A obra de Navarro passa novamente a circular. No entanto, ainda carece de estudos que se debrucem sobre os aspectos literários, linguísticos, sociais, históricos e biográficos (da cidade do autor e do autor). Na sequência, a editoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN), em edição organizada por



³³ NAVARRO, Newton. *Do outro lado do rio, entre os morros*. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

³⁴ NAVARRO, Newton. *Beira-rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

³⁵ NAVARRO, Newton. *ABC do Cantador Clarimundo*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

Helton Rubiano e Gustavo Sobral, republica *O solitário vento do verão*³⁶, que integra uma coleção com trabalhos inéditos para a bibliografia navarreana.

O solitário vento do verão ganha um posfácio³⁷, uma tentativa de apresentar o autor para os novos leitores e de situar a obra no contexto em que foi escrita e publicada; concomitantemente, organizado por Angela Almeida, Gustavo Sobral e Helton Rubiano, é publicado um volume com depoimentos (fruto de entrevistas) com amigos de Newton Navarro, *Saudade de Newton Navarro*³⁸, uma tentativa de recuperação da vida e da obra do artista pela memória dos que conviveram com Navarro e dos que se debruçaram sobre a sua vida e a sua obra em que se revelam facetas pouco conhecidas de Newton Navarro, como a sua atuação no teatro. Na mesma coleção, Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral lançam (inéditos em livro) uma coletânea com poemas não publicados e crônicas veiculadas

³⁶ NAVARRO, Newton. *O solitário vento do verão*. Natal/RN: EDUFERN, 2013.

³⁷ SOBRAL, Gustavo. Quando sopra um solitário vento do verão... In: NAVARRO, Newton. *O solitário vento do verão*. Natal: EDUFERN, 2013.

³⁸ ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFERN, 2013.

em jornal por Navarro e colecionadas por Paulo de Tarso³⁹. No mesmo ano, para se somar à profusão de novos trabalhos de e sobre Navarro, a jornalista Sheyla Azevedo propõe um ensaio biográfico: *Navarro, um anjo feito sereno*⁴⁰.

A obra de Navarro volta completamente à cena literária do Rio Grande do Norte, movimentando lançamentos dos livros e eventos que evocam a sua produção literária. Durante a Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura (CIENTEC) 2013, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o estande da Editora Universitária foi todo voltado à sua obra; e a primeira leitura poética de trechos dos livros publicados é realizada na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da qual Navarro foi imortal. As últimas duas décadas foram, em se tratando do contexto editorial do Rio Grande do Norte, de republicações e publicações. Navarro paira como unanimidade pela qualidade literária do seu trabalho.

³⁹ NAVARRO, Newton. *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas*. Organizadores Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral. Natal: Edufrn, 2013.

⁴⁰ AZEVEDO, Sheyla. *Navarro, um anjo feito sereno*. Natal: Edufrn, 2013.

Os temas e a forma explorados por Navarro sobrevivem e a leitura da sua obra permite inseri-lo na literatura moderna potiguar⁴¹. Sua obra plástica também é destaque. No raro contexto de publicação de catálogos e, sobretudo, de uma obra dispersa, a pesquisa, a reunião e a organização pela artista e pesquisadora Angela Almeida⁴², catalogando a obra plástica de Navarro, é de extrema importância. Além de dispersa nos acervos particulares e ameaçada de extinção pelas condições materiais em que fora produzida, é, pela primeira vez, possível de ser vista em conjunto, compondo um legado documental e um registro necessário para perenidade de Newton Navarro.

A toda essa coleção Navarro – que a editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte imprime o seu mérito de registro, promulgação e divulgação –, parte integrante do acervo patrimonial literário do Rio Grande do Norte, a oportuna publicação dos contos inéditos, *O boi Careta e a morte do cavalo baio*, vem

⁴¹ DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001.

⁴² ALMEIDA, Angela. (Org.). *Newton Navarro: os frutos do amor amadurecem ao sol*. Natal: EDUFRN, 2015.

não só a acrescentar mais uma bibliografia, mas, também, propor um novo olhar sobre a obra literária de Newton Navarro. O livro consta de sete contos escritos entre 1949 e 1966, ou seja, compreendem o período anterior à publicação dos seus dois primeiros livros em versos, o livro de poemas *Subúrbio do silêncio* (1953) e *ABC do cantador Clarimundo* (1955) e os livros de contos *O solitário vento do verão* (1961), e antecede o seu último livro de contos *Os mortos são estrangeiros* (1970).

O livro *O boi Careta e a morte do cavalo baixo* traz sete contos e segue a mesma estrutura dos anteriores⁴³. Paulo de Tarso Correia de Melo fez a escolha do título. Outra característica comum aos livros anteriores, todos eles trabalham a mesma temática: solidão, incerteza, violência, angústia, são alguns temas, e se desenvolvem no mesmo estilo literário, são textos curtos em que predominam as imagens visuais. Navarro foi um criador de paisagens na literatura. A presença das cores é marcante, a descrição dos detalhes nas cenas literárias também enriquece o quadro.

⁴³ Em *O solitário vento do verão*, Navarro reuniu seis contos; em *Os mortos são estrangeiros*, sete.

O primeiro conto, “O boi careta”, é de 1949, mesmo ano da sua badalada exposição, o que leva a crer que o escritor nasceu junto ao desenhista. Se, pode considerar pela data o primeiro conto escrito, Navarro nele já se revela um escritor preparado, com domínio sobre as técnicas de escrita, certo da sua escolha temática e do seu estilo. A estrutura do conto é muito semelhante à dos contos que estão no primeiro livro, o ambiente predominante é o sertão. Em “O boi Careta”, Navarro explora a visualidade, trabalha a oposição entre a secura da terra e a chuva que se anuncia, o clarão do dia e o escuro da noite. A cor é uma presença marcante: a terra vermelha, o azulão do céu, o voo preto dos urubus, o escampado cinzento; e os sons: o barulho do chocalho, o urro do boi, o chiado das cascavéis. O discurso indireto livre é outra marca, as personagens, sejam os homens, sejam os animais, expressam seus dilemas, incertezas, angústias, medos, solidões.

O cavalo baio de Navarro se encontra com o Burrinho pedrês de Guimarães Rosa⁴⁴. Ambos, o cavalo e o burrinho, vivem a velhice, estão à espera da morte, já decadentes, no fim da vida. “Agora,

⁴⁴ ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo à distância: no algodão bruto do pelo – sementinhas escuras em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semissono; e na linha, fatigada e respeitável – uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas”.

Era esse o burrinho de Rosa, que bem vive o mesmo fim, do cavalo de Navarro: “Da vida, somente, na solidão do ermo ensolarado, o cavalo baio. Um geral de tristeza. No pelo ralo e velho o sinal de um tempo amargo de viver. Tinha os olhos fundos na cacimba das olheiras que as moscas inquietavam. A cauda esfiapada abanando, como se com esse gesto irrequieto ajudasse a soprar do vento vagabundo. As orelhas já não se alteavam mais, caídas que estavam para esconder as oíças dos rumores da pouca vida que o cercava. Era um cavalo dos mais abandonados. Com uma corda de solidão infinita”.

A mesma correspondência está nas cachorras Tainha e Aparecida de Navarro e a cachorra Baleia de Graciliano Ramos⁴⁵. As cachorras representam a brutalidade do homem, que é muito mais bicho que o animal. Baleia: “A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente”. Tainha, de Navarro: “Silvino atira o pé e chuta o animal magoado. Agora Tainha late alto. Como num choro, quase sem grito. Cai se contorcendo e cisca a areia mole do morro. O brilho alegre dos seus olhos esmaece. As costelas parecem mais expostas sob o couro cinzento. Silvino mantém a mesma indiferença, tira uma baforada forte, bochecha a fumaça e solta num longo espiral de fumo...”.

⁴⁵ RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Graciliano Ramos é uma influência duradoura nessa fase que começa em 1949 com o conto “O boi careta” e termina em 1970 com a publicação do livro *Os mortos são estrangeiros*. A obra contista de Navarro, nesse período, apresenta uma unidade que transpassa divisibilidade nesses três livros. O primeiro, *O solitário vento do verão*, termina na cidade fictícia de Rosário, que aparece em quase todos os contos, e na mesma cidade começa o livro seguinte, *Os mortos são estrangeiros*. Navarro agrupa a sua obra em conto numa continuidade retomada em cada livro.

Se os contos foram separados para cada livro deve-se ter como uma questão de publicação; a obra em conto de Navarro é uma só e deve ser lida em seu conjunto. Uma pista é a republicação, por Navarro, entende-se proposital, de um conto de um livro no outro, firmando ainda mais a continuidade⁴⁶. Outros pontos coadunam para construir essa unidade. Os animais são personagens recorrentes e principais: boi Milonga, boi Careta, galo amarelo, cavalo baio, e as cachorras Tainha e Aparecida. E quando não marcam a narrativa numa perspectiva simbólica, os patos, no

⁴⁶ O conto “Os cavalos” aparece em *O solitário vento do verão* e em *Os mortos são estrangeiros*.

conto “Os patos”, que trata da repressão. Também há contos a partir de objetos: “A arma”, “Pão de milho” e “A cadeira”.

Temas que também permeiam o livro de poemas *Subúrbio do silêncio*: o morto e a morte, a composição em que se destaca o cenário, poesia que Navarro exercita em trânsito com a sua ficção. Também o mar e os animais estão presentes (sapo, aranha, abelha), motivos que continuam a aparecer nos poemas esparsos. Navarro não interromperá com esse livro a sua atividade poética, que coexistirá com as suas crônicas, os seus contos e os seus desenhos. *Canto ao poeta Renato Caldos* é de 1966, o poema *As roupas* é de 1950 e *Canção antiga* de 1952 e *Os presentes* (1987)⁴⁷; e o livro *ABC do cantador Clarimundo* é de 1955.

O conto de Navarro dessa fase explora uma só linha temática, um estilo e uma forma. O tema é, predominantemente, a vida no sertão, a forma é o conto curto, em torno de uma personagem central e do drama vivido. O estilo é conciso, a exemplo do romancista Graciliano Ramos, no entanto, diferente do mestre

⁴⁷ Todos os poemas publicados no livro *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas*. Organizadores Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral. Natal: EDUFRN, 2013.

por um aspecto: Navarro é um grande construtor de paisagens. Navarro não fez uma mera reprodução literária ou apropriou-se da forma desse escritor ambientando-a a cor local. Há inspiração sem prejuízo para originalidade. Nesses aspectos se filia à vanguarda da literatura de sua época, desenvolvendo um estilo próprio tanto na primeira fase, que compreende os três livros de contos *O solitário vento do verão*, *Os mortos são estrangeiros* e *O boi Careta e a morte do cavalo baio*; quanto na segunda, em que se juntam os livros *Beira-rio*, *Do outro lado do rio*, *entre os mortos* e *A morte do gajeiro Curió*.

Navarro trouxe para a sua literatura a sua capacidade de observação do desenhista e pintor. O pano de fundo, o quadro, e muitas vezes a história do conto, é o próprio ambiente criado por ele com a presença da cor e as mudanças sutis que tornam os contos da primeira fase peças de extrema beleza e apuro descritivo. A literatura é a expressão em que reuniu toda a sua multiplicidade artística, o escritor está impregnado pelo artista plástico e pelo teatrólogo. Navarro tinha 21 anos em 1949, nesse período, a ficção regionalista de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego imperava. Navarro também procura estabelecer contato com escritores brasileiros;

fragmentos de correspondência nas orelhas dos dois volumes de *Navarro obra completa*⁴⁸ sinalizam, de alguma forma, que os romancistas Jorge Amado e Érico Veríssimo e o poeta Carlos Drummond leram os seus contos.

Jorge Amado: “Caro Newton, você é um porreta. Bom no desenho, bom na literatura. ‘Pão de milho’ é um conto muito bonito, assim como ‘Os mortos são estrangeiros’, duro e denso. Em realidade, gostei de todo o livro. ‘Os cavalos’, por exemplo, com o menino Pedro a olhar as ancas dos animais. Parabéns.” Érico Veríssimo: “Newton Navarro: Eu quisera ter mais tempo para lhe dizer do quanto gostei de seu *Os mortos são estrangeiros*, a começar pelo título. Santo Deus! Esse Nordeste brasileiro é um viveiro de escritores. Creio que é dessa zona que nos tem vindo os melhores narradores. Sua prosa, meu caro Newton, é de uma precisão, duma concisão que me lembra a do Graciliano. Seca e despojada como a paisagem nordestina. Mas rica e bela não apesar mais por causa disso... Parabéns!”.

⁴⁸ *Navarro obra completa*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes.

Carlos Drummond de Andrade: “Prezado Newton Navarro: Seus contos foram para mim uma surpresa boa. A começar pelo caso do boi Milonga, com traços paisagísticos que iluminam a narrativa (‘o grupo esguio das carnaúbas que espana o claro do tempo’) e a notação rápida, dizendo mais que a circunstanciada informação da morte do animal (‘o rastro da cobra na areia frouxa’). Vi imagens de cinema em suas histórias. A bela gravura sensual de ‘Os cavalos’ deixa marca na lembrança. Você soube ligar terra, bichos e gente em trama sensível de palavras. Pena que o livro seja tão breve: fica-se desejando mais”.

Navarro fará uma opção por esse caminho literário. O sertão é a porta de entrada e o caminho em que traçará a sua literatura pelos próximos vinte anos (1949-1970). No entanto, na contra-mão de Rachel de Queiroz de *O Quinze* e de Graciliano em *Vidas secas*, Navarro construirá a sua literatura não como imitação de estilo, mas com períodos literários em que não só importam as ações e os fatos para a composição de uma narrativa. O conto é um gênero predominantemente narrativo, e ganha em Navarro a construção de um cenário e a composição de cenas cinematográficas. Navarro é capaz de descrever as cenas em planos. A paisagem também tem movimento, que Navarro alcança sem

perder a força da expressão e sem perder a concisão. O conto “O boi careta” se passa entre a mudança do tempo, o dia está claro e o céu anuncia nuvens, uma chuva virá? E a passagem do dia para a noite. O vocabulário é outro destaque na sua obra. Navarro, além de pecar pelo preciosismo, empregando os termos próprios do universo do sertão, também se vale da oralidade, há ocorrências de “tou”, para “estou”, “pras”, para “para as”, entre outras, alcançando a verossimilhança.

Os contos de Navarro têm esse movimento independente da ação das personagens. O conflito em cena é, senão, solitário, na presença apenas do homem e do animal, ou de apenas um deles e do pensamento, como a história do boi Careta. Chico sai à procura do boi perdido, desgarrado do rebanho naquela seca, e vai aflito, temendo a tragédia que se anunciará; só há Chico, o espaço e os seus pensamentos. Navarro filia-se ao realismo em voga, com Graciliano aprende a extrair a dor, a violência, o conflito, a resignação. Chico está conformado quando encontra o animal morto. Como Graciliano, Navarro faz do seu personagem, também um narrador.

E assim será em todos os contos que se inscrevem nas obras dessa nomeada primeira fase. Navarro encontrou um campo

propício na cidade para a literatura. Entre 1944 e 1961, diversos lançamentos apresentaram uma nova geração de escritores e poetas que farão a literatura do Rio Grande do Norte nas décadas seguintes: Zila Mamede, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, Celso da Silveira, Myriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Deífilo Gurgel, Augusto Severo Neto, Oswaldo Lamartine de Faria. Acompanha também, no caso de Navarro, a instauração definitiva da arte moderna em Natal.

Navarro é um caso raro, e talvez único, de um artista que produziu com originalidade, continuidade e qualidade notável tanto desenho e pintura quanto literatura. Numa terra de poetas – ele mesmo publicando um livro de poemas – e de cronistas, ele mesmo um cronista diário, Navarro fará uma opção acertada na literatura pelo conto. Um gênero pouco explorado e sem notoriedade na literatura do Rio Grande do Norte até então⁴⁹.

Newton Navarro praticará a crônica nos jornais a Rubem Braga e a Vinicius de Moraes, com o tema do cotidiano, a vida na cidade. Não bastasse, firmar-se-á um agitador cultural da

⁴⁹ GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

cidade aliado ao clima propício do governo municipal nas mãos de Djalma Maranhão, que institui as Praças da Cultura, inclusive construindo uma galeria de arte (depois demolida) na Praça André de Albuquerque, na Cidade Alta; e no governo estadual, que publicará uma coleção de ensaios e poesia promovendo também o I Festival do Escritor Norte-Rio-Grandense⁵⁰. Navarro também criará as condições propícias para que a cultura, a arte e a literatura movimentassem a cidade. Navarro promoverá exposições coletivas, incentivará o trabalho dos artistas, escreverá crônicas para os jornais, apresentará peças e escreverá peças, publicará livros de poesia e contos, participará de um concurso literário⁵¹, fará desenhos de capa para os livros dos amigos, balançará a vida cultural da cidade, e também



⁵⁰ CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas*. Natal: Una, 2011.

⁵¹ *O ABC do Cantador Clarimundo*, vencedor do primeiro prêmio de poesia Câmara Cascudos, concurso promovido pela prefeitura municipal de Natal no ano de 1955.

será parte integrante da primeira antologia de contistas do Rio Grande do Norte (1966)⁵².

O livro de contos *Os mortos são estrangeiros* (1970) encerra a primeira fase da sua literatura. Uma segunda fase totalmente lírica, que se considera de difícil categorização em gênero, se crônica, se conto, se ensaio biográfico, se guia da cidade, se memória, em que se funde a poesia, o conto e a crônica. Todo o exercício literário anterior prepara essa fusão que redundará em dois livros: *Beira-rio* e *Do outro lado do rio, entre os morros* que se completam. Mais uma vez, são trabalhos independentes que se constituem como partes de um livro só. Apenas o rio os separa. Misto de biografia da cidade, história da praia do cais, do rio e da praia da Redinha, as personagens são ele mesmo, Navarro, e os seus temas, o mar, o rio, os pescadores e os boêmios, a vida na beira do rio, seja no cais, ou na outra margem (o cenário

⁵² CASTRO, Nei Leandro de (Org.). *Contistas do Rio Grande do Norte*. Natal, 1966. Capa de Newton Navarro. Estão presentes contos de 13 contistas. O conto “Os Patos”, que sairia no livro de contos *Os mortos são estrangeiros*, consta nessa antologia. Na apresentação do contista Newton Navarro, Nei Leandro escreve que aquele tempo, 1966, Navarro era já autor de uma novela ainda não publicada, só seria em 1976, *De como se perdeu o Gajeiro Curió* e do livro de crônicas nunca publicado *Três negros e um samba*.

e o ambiente dos dois livros), é a própria literatura despojada das amarras. Navarro deixa o sertão e segue a caminho do mar.

Navarro já é dono do próprio traço literário compondo uma narrativa híbrida e sem igual na literatura do Rio Grande do Norte. Ninguém nunca fará um *Beira-rio*. Navarro abandona os mortos, os conflitos, a dor, o sofrimento, a angústia e o sertão da primeira fase e vem a abraçar a vida da cidade. São os tipos pitorescos de quem encontra na leitura de Jorge Amado uma chave para composição de um quase romance. A literatura de Navarro passa a ser ele. Os capítulos despojam-se de títulos. O livro é um contínuo. Uma única história, a da própria vida. Navarro está impregnado da vida e compõe uma ode à Redinha: “Da pedra mais afoita do cais, pedra limosa e escura, o sujeito procura descobrir, ao certo, de onde chega à noite anoitecida. Se dos altos cumes da cidade, se da linha do mangue, com a bocarra úmida de suas gamboas; se das encostas verdes do Refoles ou quem sabe, das bandas do Forte dos Reis Magos, onde a barra entre pontos de luz, é saída e entrada para os longes do mundo?”⁵³, e literalmente se consagra um escritor da cidade.

⁵³ NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p.13.

A cidade é a sua vida e dela extrai os seus motivos, seja a paisagem do rio, as ruas, o cais, a praia, o mar, o folclore, os amigos e o bar, a literatura de Navarro passa a ser o registro de bordo da cidade e da sua vida, para finalmente assumir a sua condição de mito e pairar na lenda como personagem da cidade: “estas anotações, à maneira de um *logbook*, poderiam começar na Confeitaria de Olívio Domingues – ‘mestre’ Olívio –, continuar seus cursos até à casa do compadre Zé Arruda (caldo de feijão verde, panelada, buchada, manjuba frita, que o ‘tio’ Vitor traz da Barra), alcançar o meio da Avenida, no balcão hospitaleiro de Araújo, onde Silvio Caldas deu entrevista, bebeu e cantou e onde o Poeta Sanderson distribuiu amostras grátis de Poesia; e por fim o nosso BEIRA-RIO, porto de ir e voltar, hospedaria, acolhida, chegada dos ‘guerreiros’...”.

Beira-rio é um espaço literário. Se Rosário, a cidade fictícia em que se desenham a maioria dos contos ambientados no sertão, é a recriação do sertão de Angicos, terra da sua infância, Beira-rio é o Potengi e o cais. Aqui a literatura de Navarro se revelará em toda a sua experimentação, conquistada a partir do primeiro conto. Aparecida é um emblema, um elemento dessa fusão dos seus textos que torna a sua literatura uma continuidade, um quase

romance composto por contos que compartilham de um mesmo universo. “Aparecida” se repete tanto em *O boi Careta e a morte do cavalo baio* quanto em *Beira-rio*. Comparar os dois textos que tratam de Aparecida é também encontrar o percurso de um autor nas suas questões e escolhas. Navarro lega assim, na literatura, o próprio exercício da escrita quando se confrontam supressões de parágrafos, acréscimos, escolha de palavras, construção de frases. Navarro revela a literatura não só na obra criada, escrita e publicada, mas também na própria engenharia do fazer literário. Assim é possível pensar Navarro por completo.



SEGUNDA PARTE

Os cronistas
da cidade

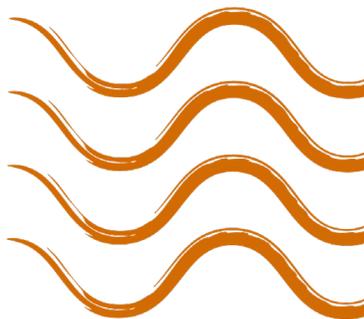


Os cronistas da cidade

Os mestres e seu ofício

A crônica é o espaço do trânsito, do experimento e da realização. Mas exige cuidado, esmero e trabalho. Pode até parecer despreziosa pela leveza própria do gênero, mas, na verdade, como toda grande literatura que se escreve e sobrevive em bases sólidas, exige dedicação. Rubem Braga,

considerado o maior cronista brasileiro, escreveu mais de 15 mil crônicas em 62 anos de atividade. Consagrou e popularizou a crônica que foi o seu ganha-pão. Já cronista respeitado, em 1978, assinou contrato com a *Revista Nacional*, encartada nos jornais de domingo e com distribuição de quatrocentos mil exemplares, para publicação de uma crônica semanal recebendo um salário mínimo por semana. Assim foi até a morte, em 1991, redigindo 800 crônicas nesse período. A quantidade também se torna



espantosa, porque a ela está associada à qualidade da literatura que produziu. Braga checava tudo para ter a absoluta certeza que não se enganava.

Os originais eram sempre escritos, reescritos, corrigidos. O cronista cortava palavras, substituía, reescrevia frases. Era minucioso e detalhista e conservou como estilo a brevidade. Exterminador de adjetivos, dizia que a crônica deveria se aproximar da conversa fiada, ou seja, parecer despreziosa para arrebatá-lo leitor. A lição para o exercício da crônica acrescia a necessidade de conhecimento amplo. Conta o seu biógrafo⁵⁴ que Braga lia de tudo. Poesia, biografia, literatura estrangeira, romance policial e até tratados sobre jardinagem. O cronista cultivava um conhecimento enciclopédico. João do Rio, percussor de Rubem Braga, foi quem trouxe para a crônica o caráter literário que não tinha.⁵⁵ João do Rio era fruto da crescente circulação dos jornais no começo do século XX, da popularidade dos jornalistas e da

⁵⁴ CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

⁵⁵ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica. O marco inaugural desse gênero é o folhetim no século XIX.

Antonio Candido⁵⁶ esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero. Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, esse é o todo objeto e assunto da crônica. Literatura maior nas mãos do escritor brasileiro, taxaram a crônica de gênero menor. Massaud Moisés⁵⁷ classifica-a como expressão literária híbrida e múltipla porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo. Ele a situa entre a poesia e o conto, e explica: parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. Seu poder está em não ser mera transcrição da realidade, mas na sua capacidade de recriá-la.

⁵⁶ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro/RJ: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992..

⁵⁷ MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

A crônica tem o poder de ser um retrato do tempo. Revisitada como se faz a uma fotografia antiga, é capaz de revelar toda a graça, engenho e inventividade que encerra nos seus domínios. A crônica sobrevive e se liberta a qualquer tempo da leitura e não tem nada de literatura menor.

O exercício da crônica

Vinicius de Moraes, nos seus arrebatamentos poéticos, que também guiaram as suas crônicas, foi taxativo ao apontar: na crônica está o coração do jornal. Uma visão romântica para disseminar um que-remismo para o jeito descompromissado, leve e desprezioso da crônica, face ao rigor da realidade estampada nos cadernos de cidade e política. A crônica, ensina Vinicius, é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assumiu de ser livre, casual e lírica. Coisa que Vinicius acusa: ela estaria perdendo por uma prática de um tipo de crônica que ele, numa espécie de crítica, chama as crônicas vagas, temperamentais, ególatras, *à clef*, para alertar para a missão do cronista de contrabalancear o peso da realidade do jornal, por

isso, é obrigação do cronista: “ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista”.⁵⁸

Vinicius dedicará duas crônicas ao tema crônica, e com o mesmo título “O exercício da crônica”; fazendo graça e forçando um falso drama, dirá o quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem.⁵⁹ O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o *deadline* se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação. A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, as reportagens e os editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão. Vinicius aconselha: o ideal é sempre ter uma crônica adiantada, ou duas, para evitar

⁵⁸ MORAES, Vinicius. O exercício da crônica. In: *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 53-54. O livro é resultado de crônicas selecionadas pelo próprio Vinicius de Moraes das que publicou em jornais e revistas a partir de 1941, o critério foi cronológico e o livro foi publicado em 1966.

⁵⁹ MORAES, Vinicius. O exercício da crônica. In: *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008, p. 15-17. O livro é uma reunião de crônicas publicadas pelo poeta em jornais e revistas diversos, a maioria no jornal A Última Hora, a partir de 1959. A seleção ficou a cargo de Yvonne Barbare, secretária de Vinicius.

o suplício quando o tema não vem; para tão logo desconversar, corroborando para uma visão poética do ofício.

Vinicius classificara os tipos que fazem crônica e os expedientes de que se vale o leitor como remédio para as atividades do dia a dia. Irônico e mordaz ao classificar, faz crítica aos cronistas. Para ele, há aqueles que prezam em ser simples e diretos, colocam um floreio aqui e outro acolá, e que servem aos leitores como assunto para comentar em conversa na mesma noite; outros, aqueles que escrevem de maneira elaborada, servem para o leitor entediar-se e adormecer logo. Dos cronistas, há aqueles que simplesmente fazem logo, apressados para livrar-se do suplício; há os eufóricos, que procuram levar alegria e felicidade ao leitor; os tristes, que inundam a crônica de desânimo; os modestos, que ocultam a sua presença na crônica; e os vaidosos, que estão lá em primeira pessoa, personagem sempre. Mas seja qual for a crônica, Vinicius é taxativo: o leitor não dispensa ao se acompanhar do cafezinho e do cigarro. Crônica é vício também declarado.

A crônica da cidade

Natal não há tal, foi um dos seus adágios, entre outro que pregava que em cada esquina há um poeta e em cada rua um jornal. Cidade que cresceu sonolenta, segundo seu historiador-mor, Luís da Câmara Cascudo. Até que acordou na lenda de Manoel Dantas e se projetou moderna. Primeiro foi cidade na Ribeira e Cidade Alta, contida pelo rio, pelo mar e pelas dunas que não chegaram a cobri-la, depois se esticou para outros tantos bairros formados antes, durante e depois, Rocas, Alecrim, Petrópolis, Tirol, Ponta Negra... Certo de que não há um único símbolo que a consagre, a não ser apresentar-se à famosa cidade do sol protegida pelos Reis Magos. Também cidade onde antigas modinhas rolaram nas violas sofridas em canções de um Ferreira Itajubá, esquecido poeta, pintor de parede, e tantas outras profissões que pôde ter.

Visitada por Mário de Andrade, poeta, romancista, cronista, totalmente modernista e amigo de Cascudo, é terra, dita pelo mes-tre Cascudinho, que não consagra nem desconsagra ninguém. Nesse corre-corre do tempo, do que só o que passa

permanece, no verso do poeta biógrafo⁶⁰ e natalense por adoção, Diógenes da Cunha Lima. Teve a sorte de ter registrado os fatos, a vida e a cidade, os seus cronistas diletos que fundaram definitivamente a crônica moderna nos jornais e a praticaram-na fazendo dela o uso preciso. Contar a vida a partir da própria perspectiva, as coisas da cidade e as andanças pelo mundo. O cronista foi então o historiador do presente e o biógrafo da própria vida. Prova de que a cidade existe e a história da vida diária está na crônica.

A passagem norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial transformou a cidade. A população aumentou, os hábitos mudaram, novos jornais surgiram na praça. A *Tribuna do Norte* foi fundada em 1950, com duas linotipos e uma impressora, distribuindo dois mil exemplares, uma edição de doze páginas e uma seleção de colaboradores⁶¹. Woden Madruga escrevendo sobre os costumes, a cidade, a literatura, a política,

⁶⁰ LIMA, Diógenes da Cunha. *Natal: biografia de uma cidade*. Rio de Janeiro: Lidoar, 1999.

⁶¹ *60 anos*, suplemento comemorativo aos sessenta anos do jornal *Tribuna do Norte*. Coordenação editorial de Carlos Peixoto, textos de Nelson Patriota, revisão e pesquisa histórica de Woden Madruga. Natal/RN, *Tribuna do Norte*, 2010.

além de comentários gerais; crítica de cinema por Berilo Wanderley, intercalada com as suas crônicas e os assuntos dos dias. Nesse caminho, florescerá também as crônicas líricas de Newton Navarro. A transformação também implicou a fundação da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em 1962, criada por lei estadual, que funcionava no edifício e sob a administração da Fundação José Augusto. Outras faculdades também se instalavam: Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia.

O Grande Ponto era o centro da cidade que andava de bonde. As pessoas frequentavam cafés e a Sorveteria Cruzeiro. O Granada Bar de Nemésio era o sucesso da boemia intelectual: Berilo Wanderley, Newton Navarro, Augusto Severo Neto e companhia ali se encontravam. A Ribeira era do comércio, dos clubes esportivos, hotéis, sede dos jornais, estação de trem e do Teatro Alberto Maranhão. Jornais eram sete em circulação: *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *O Poti*, *A Ordem*, *Jornal de Natal*, *Jornal do Commercio*⁶² e *A República*⁶³. O carnaval passava em

⁶² Jornal pernambucano que circulava em Natal.

⁶³ MADRUGA, Woden. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998.

desfile de automóvel pela Avenida Rio Branco e, pela Deodoro, vestidos de marinheiro, uma fotografia antiga guarda Lenine Pinto e Newton Navarro em festa. À movimentação cultural, somam-se as promoções do Centro de Documentação e Cultura da prefeitura recém-criado e dirigido por Mailde Pinto Galvão, que instalara uma galeria de arte na Praça André de Albuquerque, Cidade Alta, e promovera eventos, como a Praça da Alegria, com feira de livros, apresentações musicais e folclóricas. O governo do estado realiza o Festival do Escritor Norte-rio-grandense e lança duas coleções, uma de poesia, que leva o nome do poeta Jorge Fernandes,⁶⁴ e a outra dedicada ao ensaio, a coleção Henrique Castriciano.⁶⁵

Outra movimentação é o curso sobre Literatura do Rio Grande do Norte ministrado por Peregrino Junior, Câmara Cascudo e Jayme Adour da Câmara.⁶⁶ A livraria Universitária comandada por Walter



⁶⁴ Celso da Silveira, Augusto Severo Neto, Deífilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Myriam Coeli e Sanderson Negreiros foram os poetas publicados.

⁶⁵ Publicará de Romulo Wanderley o ensaio A geografia potiguar na sensibilidade dos poetas; e de Alvamar Furtado, Jazz, cinema e educação.

⁶⁶ SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

Pereira e a livraria de Ismael Pereira, na Ribeira, eram ponto de encontro dos escritores e intelectuais. Walter Pereira era uma espécie de patrono que recomendava leituras e publicava livros.⁶⁷ A fixação da crônica nos jornais pertencia ao time dessas duas gerações. Berilo Wanderley e Newton Navarro já ocupavam as páginas da *Tribuna*. Sanderson Negreiros começa no *Diário de Natal*, colaborando com a coluna de Woden Madruga.⁶⁸ Diva Cunha e Constância Lima Duarte⁶⁹ classificam esse período da literatura potiguar (que começa com a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes em 1927 e vai até meados da década de 1960), ao proporem uma organização didática em etapas para a história da vida literária do Rio Grande do Norte,

⁶⁷ CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas*. Natal/RN: Una, 2011, p. 42-43.

⁶⁸ MADRUGA, Woden. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998, p. 16.

⁶⁹ DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001, p. 32-33.

de modernista, a que poderia se acrescentar o florescimento da crônica da cidade.⁷⁰

Cronista e boêmio

Berilo Wanderley despertava às cinco da manhã para escrever a *Revista da Cidade*. Publicada na *Tribuna do Norte*, a *Revista da Cidade* era um espaço visitado pela crônica, crítica de cinema, comentários sobre literatura e música popular brasileira. As suas paixões, depois de Mary, é claro. Apaixonado por toda vida, Berilo cultivou a paixão como elemento do amor. Todos aqueles que de- põem sobre a amizade de Berilo registram o seu amor por Mary,

⁷⁰ As primeiras antologias foram as poéticas: *Poetas do Rio Grande do Norte*, publicada em 1922, organizada por Ezequiel Wanderley; e *Panorama da poesia norte-rio-grandense em 1965*, por Romulo Wanderley. De contos, *Contistas norte-rio-grandenses* por Nei Leandro de Castro; como também romancistas e contistas em *Ficcionistas do Rio Grande do Norte*, por Manoel Onofre Junior; e as antologias literárias de DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. 2. ed. Natal/RN: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Estado e Tributação, 2001; e SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

Maria Emília Wanderley. Casados, andavam pela cidade como se sempre estivessem de mãos dadas nas noites no Granada Bar, de Nemésio, e nas reuniões nas casas dos amigos onde Berilo cultivava a sua maior arte: ser querido por todos. Nome completo, Francisco Pinheiro Berilo Wanderley (Natal/RN, 1934-1979). Jornalista por vocação, começou na *Tribuna do Norte*, foi repórter e tão logo começou a preencher a sua crônica substituindo interinamente Woden Madruga em 1956 e, depois, com saída de Woden para o *Diário de Natal*, assumiu-a para todo o sempre.

Daí nunca mais parou de exercer o seu vaticínio. Por pouco tempo, arriscou o jornalismo no Rio e em São Paulo, mas voltou cheio de saudades para falar da sua cidade. Belo Lírio, afirma o amigo Veríssimo de Melo,⁷¹ gostava tanto de cinema quanto apreciava a bossa velha e assim levava a vida com leveza, regramento e despretensão. Bebia vinho, hábito que adquiriu na temporada em que passou na Espanha, fruto da bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica. Ávido leitor, descansava as leituras sérias, de Drummond, Pessoa, Lorca, seus poetas

⁷¹ MELO, Veríssimo. Lembrança de Belo Lírio. In: LIMA, Diógenes da Cunha (Org.). *Berilo Wanderley: memórias, depoimentos, poemas, crônicas*. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 24.

prediletos, nas aventuras de um bom romance policial. Concluiu o curso de Direito, mas não conseguiu largar o jornalismo. Professor do curso de Comunicação, uniu a sua paixão pelo cinema e pela literatura e apresentou candidatura para cadeira de telejornalismo em 1977 com a monografia *Cinema e literatura*. Cultivou um sonho, revelação do amigo Celso da Silveira⁷²: ter uma casa com árvores e uma pequena horta, na estrada da Redinha, cercado por Maria Emília, amigos, sossego e livros. Simples, dispensava elogios, não se engrandecia.

Nunca sonhou outros voos, pelo romance, novela, conto, embora tenha sido poeta com livro publicado, o livro de sonetos *Telhado do sonho* de 1956. O jornalismo era a sua total dedicação. A crônica, a sua literatura. Nada mais ousou. O gênero supria toda a sua capacidade de observador da vida. Berilo foi como uma crônica, breve, intenso, presente, revelador, com os pés no tempo vivido. Outro Berilo não se encontra que não esse, no íntimo das suas crônicas, nas homenagens dos amigos atônitos com a sua partida, outra forma não poderia ser a de apresentar

⁷² SILVEIRA, Celso. Berilo Vivo. In: LIMA, Diógenes da Cunha (Org.). *Berilo Wanderley: memórias, depoimentos, poemas, crônicas*. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 32.

o cronista da cidade que consagrou a forma na grandeza da sua simplicidade. Atividade que também condecorou um dileto amigo, companheiro do Granada, o cronista Newton Navarro.

Enfant terrible

Newton Navarro passava na redação da *Tribuna do Norte* com a crônica já batida (datilografada) à máquina ou ia lá mesmo para fazê-lo. Agitador cultural, pintor, artista que voltou à cidade, em 1948, vindo da efervescência cultural de Recife/PE, onde fora a pretexto de estudar Direito e terminou nas aulas de Desenho de Lula Cardoso Aires. Lançou arte moderna em Natal de cachecol, fantasiado de pintor.⁷³ Becos, ruas, bares, o rio, os viventes, as figuras emblemáticas são as suas crônicas sem dia certo, produção que chegou a dois livros, uma seleção do próprio Navarro que se chamou *30 crônicas não selecionadas*,⁷⁴ lançado em 1969, com epígrafe de Vinicius de

⁷³ CALDAS, Dorian Gray. O tempo de Newton. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

⁷⁴ NAVARRO, Newton. *30 crônicas não selecionadas*. Composto e impresso no Departamento Estadual de Imprensa, 1969.

Moraes: “um jornal é um pouco um organismo humano [...], a crônica é o seu coração”; o outro, póstumo, lançado em 2013, seleção do amigo Paulo de Tarso Correia de Melo, *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas*.⁷⁵ A crônica na obra de Navarro é um exercício múltiplo de suas habilidades literárias. Autobiografia não escrita e uma história da cidade revelada.

Navarro foi um vivente da cidade, das festas oficiais, dos palanques políticos, das mesas dos bares, dos salões literários e da festa das exposições, frequentou todos os espaços, andou por todos os bairros. Personalidade conhecida e reverenciada, não sobra pelas esquinas de hoje quem invoque uma história pitoresca e que não exija como uma patente o grau de ter conhecido Newton Navarro, de maneira que sobre a sua vida pairam lendas e se incorporam versões e mais versões de episódios vivenciados.

Teatrólogo, cenógrafo, ator, orador, poeta, cronista, contista, novelista, muralista, desenhista, pintor, Newton Navarro Bilro (Natal/RN, 1928-1991). Os contos de Navarro têm a cor e a luz

⁷⁵ NAVARRO, Newton. *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas*. MELO, Paulo de Tarso Correia de; SOBRAL, Gustavo (Org.). Natal: EDUFRN, 2013.

de um atento compositor de paisagens. A novela costura-se sobre o mar, a vida do pescador e a cultura popular. Sua poesia, um tanto Manuel Bandeira, fala do simples, dos bichos, das coisas, dos sentimentos e está impregnada de cor, e assim os aspectos concorrem, formando um artista completo em que a forma de expressão pouco importa. Tudo é manifestação do poder criativo.

Navarro se revela muito cuidadoso com a sua produção literária. Paulo de Tarso Correia de Melo⁷⁶ afirma que os contos eram escritos e reescritos cuidadosamente, mesmo empenho e trabalho que também dedicou para a reunião de suas *30 crônicas não selecionadas* em livro. Os amigos⁷⁷ revelam a sua cultura humanística ampla, conquistada nas conversas e leituras. Navarro era capaz de recitar poemas completos, tomado de emoção nas noitadas boêmias.⁷⁸ Nas epígrafes dos seus livros, vê-se que era leitor da literatura que despontava Clarice

⁷⁶ MELO, Paulo de Tarso Correia de. *Saudade de Newton Navarro*. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

⁷⁷ ALMEIDA, Angela; RUBIANO, Helton; SOBRAL, Gustavo (Org.). *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

⁷⁸ WALDERLEY, Maria Emilia. Newton, o amigo. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e um verdadeiro encantamento pela obra de Jorge Amado. Há notícia de correspondência de Navarro com alguns desses escritores brasileiros, a quem remeteu seus dois livros de contos. Na edição Navarro obra completa,^{79/80} há trechos de comentários escritos por Jorge Amado,⁸¹ Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo⁸² aos livros *O solitário vento do verão* e *Os mortos são estrangeiros*.

Um escritor influenciado pelo existencialismo que a vida revela praticada ao extremo de quem se entregava em demasia para sorver a essência no amor, na bebida e na dor. Navarro foi

⁷⁹ Na capa dos volumes consta “obra completa”, nas referências “obras completas”.

⁸⁰ NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal/RN: Fundação José Augusto; FIERN, 1998, 2v.

⁸¹ Consulta realizada ao setor de documentação da Casa Jorge Amado em Salvador, depositária do acervo do escritor. Não foi localizada nenhuma carta de Newton Navarro a Jorge Amado.

⁸² Sem referência de onde vieram, se de alguma carta, artigo publicado em jornal. Só uma consulta aos originais poderia comprovar, mas, infelizmente, o arquivo de Navarro encontra-se em local incerto e não sabido.

personagem de si próprio. Confesso baudelairiano,⁸³ inventor de si mesmo, circulava pela cidade construindo o mito Navarro, ao mesmo tempo em que se dedicava com afincos e cuidado a preparar uma obra artística sólida, ao escrever e encenar peças de teatro, ao publicar crônicas e ao eleger temas caros à literatura brasileira. O que o torna parte de uma geração de escritores que se debruçaram sobre a realidade do país, a diversidade cultural, a vida do povo.

A tudo isso Navarro impregnou com o seu toque existencialista numa atitude, a exemplo de Hemingway, de um escritor que parte de sua realidade para criar a sua ficção. Era preciso viver, conhecer e sentir para contar. As suas crônicas são parte e exemplo bem-acabado de um projeto literário que criou, compartilhando a cena da cidade e o exercício da crônica com um amigo e também cronista, Sanderson Negreiros.

⁸³ LYRA, Carlos (Coord.). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Bilro Navarro, Leopoldo Nelson*. Natal/RN: EDUFRRN, 1998.

O poeta dos cronistas

A precocidade acompanhou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros (Ceará-Mirim/RN,1939). Saiu menino do Colégio Santa Águeda, em Ceará-Mirim/RN, aos nove anos de idade, para o Salesiano, em Natal/RN. Teve vida breve no Seminário São Pedro, renunciando ao futuro sacerdócio e incorporando-se à vida da cidade. Passou pelo colégio Marista, cursou o Atheneu Norte-Rio-Grandense, foi para faculdade de Direito no Recife/PE, voltou para a faculdade de Direito de Natal/RN, por fim, bacharel em 1963. Foi a sua formação. Outra escola foi o jornalismo. Começou a escrever aos 16 anos, cronista da *Tribuna do Norte*. Com sensibilidade de poeta, no mesmo ano lançou o primeiro livro de poesia, *Ritmo da Busca* (1956), bem recebido pela crítica e pelo público. Continuou poeta publicando livros, engajado com a turma do poema processo em Natal na década de 1960. Foi o autor do manifesto. Redator de *Manchete e Visão* no Rio de Janeiro/RJ numa curta temporada, adjunto de promotor em Ceará-Mirim e Santa Cruz, dentre outras funções anotadas no seu currículo.

Cronista desde o princípio, escreveu para a *Tribuna do Norte* e ao *Diário de Natal*. A crônica sempre foi a sua revelação do mundo e um diário íntimo. Existencial, fez cálculos sensatos e decentes, lia no mínimo dois mil livros ao ano, o amor cultivava para sempre bem amar, o pessimismo era para abandonar para longe no cotidiano de cortar o cabelo, tomar o ônibus e engraxar os sapatos.

O cronista Sanderson é um terráqueo, tem os pés no chão e nas coisas a fazer. Sonha ler mais poesia e pretende estudar Camões, nunca perder tempo e sempre ganhar espaço. Cumprirá suas atividades e será feliz. O cronista é um homem de fé e falso resignado na sutil ironia que lhe convém. Homem do contra e a favor, nada de chinela japonesa e mulheres burras-enfeitadas-fetichistas, a favor, sim, é da mulher irrevelável. O cronista é maroto e espreita mistérios.

Entre prós e contras, desfilam suas crenças e ideologias. Só o comove o destino das pessoas humildes, mais do que tudo, são anônimos do heroísmo diário. Não o conforma a baba dos invejosos, a traição dos covardes e a falta de cerimônia dos fracassados. Contrário ao derrotismo, à ingerência, ao despotismo

e à falência que povoa o mundo, impõe um remédio: a poesia e o amor que cabe na finitude do homem e do universo.

Sabe das questões mais urgentes: a do amor e as mulheres. Oscila entre as inquietações maiores da existência e as coisas do dia a dia, sobretudo, as do coração. Da cidade, anota os problemas do cotidiano, falta de luz, telefone mudo, ruas esburacadas, trânsito, enxerga os seus habitantes: poetas especialistas em jazz, boêmio em levitação, loucos e chatos. E muito mais. Uma cidade em trânsito e o Grande Ponto fervilhando. A Natal, cidade que há 100 anos era uma festa. Também se pinta de cores o Ceará-Mirim/RN da infância revisitado, saudade que dói como a Itabira, de Drummond. Assim o cronista revela a crônica, o seu diário íntimo na paisagem urbana.

Compositor de cenas urbanas

Outra cidade não é Natal na Cena Urbana do cronista Vicente Serejo. Vicente Alberto Serejo (Macau/RN, 1951) é essencialmente jornalista (concluinte da Faculdade de Jornalismo em 1977). Um confesso vocacionado de carreira para o exercício da crônica e à observação da vida política. Sua literatura se imprime todos os dias em papel jornal, desde quando instado a uma coluna semanal, a Cena Urbana, que nasceu por acaso. Começou a traçar as linhas no *Diário de Natal*, era 1970. De repórter, passou a redator, depois chefe de redação, depois editor, e sempre cronista. Com o fim do *Diário*, passou curta temporada no jornal *Gazeta do Oeste*, de Mossoró/RN, transferindo, depois, definitivamente, a sua coluna para o vespertino *Jornal de Hoje*.⁸⁴ Leitor dos grandes cronistas, sempre esteve atento ao exercício da crônica, debruçando-se sobre a engenharia do gênero quando professor de Estilos Jornalísticos no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁸⁴ Depoimento Vicente Serejo. *Voz e criação: escritores potiguares e seus processos criativos*. Auditório da Biblioteca Zila Mamede, UFRN, Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

Cronista em todos os tempos, não se sabe se é o cronista que não larga a crônica ou é a crônica que não larga o cronista. As alegações do por acaso estão explicadas: “Passei a cronista sem querer. Em razão da interinidade de uma coluna social que não sabia fazer. Resolvi substituir as recepções pelas cenas diárias, umas minhas, outras da cidade”.⁸⁵ 1982 é o ano em que Vicente Serejo lança o primeiro livro de crônicas, seleção de 50, dentre as 400 que publicou nos últimos dois anos. O estilo do jovem jornalista de 30 anos revela o intelectual em formação. As cenas são o cotidiano e as coisas prosaicas da vida. A Redinha é personagem recorrente. Todos os cronistas amaram a Redinha. Serejo cumpriu a tradição e a elegeu dos seus sonhos e encantamentos. Verão de 1982, janeiro, manda notícias do mundo de lá à redação do *Diário de Natal*, dirigidas ao “Sr. Editor”. As *Cartas da Redinha* foram reunidas dois anos depois em livro sem alterações. São crônicas em forma de carta sobre o único tema, a praia da Redinha, na visão de um cronista em veraneio.

O livro é dedicado ao companheiro de profissão Berilo Wanderley, de quem pesca a epígrafe: “praia de jangadeiros, poucas casas

⁸⁵ SEREJO, Vicente. *Cena urbana*. Natal/RN: EDUFRN, 1982.

e cajueiros em dezembro”. Serve bem a um resumo do que o cronista fotografa: a sua preguiça cotidiana de quem se dedica à caminhada, conversa com amigos, leitura de jornais e livros, uma cervejinha e delícias da mesa. As férias do cronista são só deleite, mesmo que vez ou outra se queixe de estar sem notícias do outro lado do rio.

Na Redinha, está bem munido pelos seus informantes Geraldo Preto e comadre Dalila. A lendária Dalila da consagrada ginga com tapioca. Aliás, o veraneio do cronista é farto: das bacias de caju na estrada, desfilam sabores da mesa, tainhas fritas com dendê, escaldado de cioba (muito melhor que o cozido, adverte), carapeba, caranguejos e siris de corda, tudo servido e acompanhado de uma cerveja geladinha ou uma cachacinha. Os hábitos são fugazes, como espiar a cidade do outro lado, procurando as luzes do farol de Mãe Luíza. O que o desagrada é o piche na praia.

O cronista também se veste de explorador, segue em busca de águas calmas para levar as filhas para aprender natação e vai até Genipabu. Anota e registra todas as praias do litoral na sequência, só não vai a Touros e ali encerra a geografia. O mar, as conversas de pescador, as jangadas e paquetes, tudo

é assunto para as cartas até que o verão passa e fica a nostalgia da saudade. O cronista é um lírico que enxerga o azul no Gim,⁸⁶ que fala da cidade e da vida com encanto, assim completa a tradição de quem levanta todos os dias com a missão primeira de ser cronista e escrever para o jornal. Confesso dividido entre um eu lírico e um eu político que se revezam no espaço da crônica diária. Vicente Serejo eleva o gênero crônica à categoria de perfeição. O exercício diário, as leituras de tudo e o olhar aguçado do vivente e intelectual levaram-no a expor o melhor do gênero nos temas e na forma, mantendo a antiga medida precisa que usava quando enviava por fax, de onde estivesse, a crônica para o jornal. Métrica perfeita de linhas e parágrafos orquestrados.

O viajante e seus retratos

Augusto Severo Neto (Natal/RN, 1921-1991) foi cronista pela eleição propícia dos temas. Registrou suas andanças pelo velho mundo, passeios e revelações que aguçavam o seu interesse pela cultura universal, as artes, a literatura e as línguas estrangeiras.

⁸⁶ SEREJO, Vicente. *Canção da noite lilás: crônicas*. Rio de Janeiro/RJ: Lidador, 2000.

Poeta que foi, não prescindiu da observação cuidadosa do cotidiano. Memorialista, descendente dos velhos Albuquerque Maranhão, linhagem de política, poder e posses no estado do Rio Grande do Norte, recebeu no nome a homenagem ao avô sonhador e aventureiro que, sobrevoando Paris de balão, se envolveu em um acidente fatal, em 1902. Severo Neto herdou, além do nome e da estirpe, o pendor aventureiro, de viajor, e a vocação para as nuvens, foi piloto. Seus temas e assuntos de conversa sempre foram o mar e o tempo. Gostava de perambular pela Europa e, a partir de 1965, fez das viagens uma constante. Ano sim, outro não, ou seguidos, corria para uma temporada.

Batia perna por diversos países conhecendo e revisitando cidades, Paris, Roma, Sevilha, Madri, Barcelona, Lisboa, Creta, entre tantas outras, vivendo cada coisa que registrou com sabor delicioso de um bom contador de histórias nas suas crônicas de viagem. Sempre ele e sua mulher, Lúcia Severo, fazendo amizade, descobrindo o mundo. Se lhe perguntassem uma cidade, não hesitaria em apontar Paris, mas se fosse para apontar um país, não hesitaria em dizer Espanha. Seu refúgio em janeiro era o verão na praia de Pirangi do Norte, Parnamirim/RN, onde cultivou amigos, leituras e a companhia de Lúcia. Diferente não era a vida

em Natal. Andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas. A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*.⁸⁷

Jornalista habilitado, formado pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, prolífico e assíduo, colaborou escrevendo artigos e crônicas, como voluntário, nos jornais *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, até o *Jornal do Commercio*, do Recife/PE, cidade onde também cultivava amigos como Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto. Tradutor de personagens, reuniu-os no livro *De líricos e de loucos*, no qual tratou com olhar de poeta os 50 nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são os que vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas que foram frutos da observação e da vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade

⁸⁷ SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossa Editora, 1985.

cuja obra foi a própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos Lima, “ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho”.⁸⁸ Registros que revelam a cidade, a crônica e a amizade, sabor de instantes contínuos.

Augusto Severo Neto, inédito

Citado na Enciclopédia Delta Larousse de 1970, membro correspondente da Academia Paulistana de Letras, sucedendo Câmara Cascudo, Augusto Severo figura na antologia da literatura do Rio Grande do Norte das professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte⁸⁹ e na antologia e história literária do Rio Grande do Norte do professor Tarcísio Gurgel⁹⁰. Esses e outros destaques

⁸⁸ Depoimento de Lúcia Severo. Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

⁸⁹ DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). Literatura do Rio Grande do Norte: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001.

⁹⁰ SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. Informação da literatura potiguar. Natal/RN: Argos, 2001.

sustentam a sua importância para as letras e para a cultura do Rio Grande do Norte.

Augusto publicou crônicas em diversos jornais da capital, dentre eles *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, e até o *Jornal do Commercio*, do Recife/PE. Os livros publicados por diversas editoras, Pongetti, Nossa editora, de Pedro Simões Neto, Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, na Coleção Jorge Fernandes, e Imprensa Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Há, ainda, à espera de publicação, trabalhos inéditos deixados pelo autor. *Profissão de fé à Bem-Amada*, 1964-1981, 32 p., capítulos de prosa poética sobre a vida e o amor dedicados à bem-amada Maria Lúcia Severo, Lucinha; *Roteiro de Ausências*, livro de poemas, datado de 1981, 41 p., com doze sonetos, cinco rondós, seis cantigas e cinco poemas à bem-amada; Na lírica estação de outono: estórias de viver muito, 1981, 50 p., que inclui memórias, lembranças e reminiscências; *Valdetrudes Rodovaldo Castanha e o Deflorete no pino do meio-dia*, em volume encadernado, com 50 páginas e datilografado pelo autor; e a sua colaboração para os jornais, ainda dispersa.

Além de sua colaboração como poeta e escritor, demarca-se a sua participação cultural na vida da cidade. Faceta de Augusto Severo Neto que precisa ser desperta e recontada, como a história da Galeria de Arte Vila Flôr, iniciativa que marcou a vida cultural de Natal, com exposições dos artistas consagrados da cidade, como Leopoldo Néelson, Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Iaperi Araújo e Thomé Filgueira.

Dentre outras atividades, Severo Neto também foi diretor cultural da Fundação José Augusto e diretor do Museu de Arte Popular do Forte dos Reis Magos.

Instalado pela arquiteta pernambucana Janete Costa a convite do governador Aluísio Alves, nos anos 1960, o museu reunia uma coleção de arte popular. Janete Costa fez todo um levantamento, inclusive localizando móveis holandeses antigos para compor o acervo do museu e instalando em um areial uma casa de farinha completa. Além disso, propôs uma sala toda arte popular do Nordeste⁹¹. Janete Costa era arquiteta pernambucana. Formada pela Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro em 1961,

⁹¹ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

marcou a sua trajetória desenvolvendo projetos de arquitetura e de exposição voltada para a valorização e o uso da arte popular. Para a criação do museu, moveu os artistas da cidade que foram colaborar na confecção e apresentação das peças, fizeram parte da aventura Lúcia Severo, Manxa, Iaponi, os artistas da cidade.

Severo Neto frequentava também as rodas da cidade, os bailes, conviviam com os escritores, jornalistas, poetas, artistas, músicos, a gente toda cidade e os pescadores e veranistas de Pirangi. Pirangi era refúgio. Adquirindo um terreno e uma casa de taipa diminuta, ali ia para curtir os finais de semana e o verão entre amigos. O terreno é para muita vivência, inspiração e histórias, é quando a vida acontece na despreensão dos dias e Augusto Severo Neto exerce a sua espontânea arte da convivência e da provocação mútua, gesto de carinho, convivência e admiração entre amigos, um dos seus livros será um retrato desta Pirangi, é *Amigo*⁹² para Márcio Marinho, que ao falecer deixa um vazio de amizade. Augusto ali reúne o que significava Pirangi nas suas vidas, são composições de Márcio, poemas de Augusto, e as

⁹² SEVERO NETO, Augusto. *Amigo*. Natal/RN: Nossa Editora, s/d. Capa de Carlos José Soares, a partir de concepção de Augusto Severo Neto, 132p.

histórias vividas e passadas juntos. O livro é uma declaração de amizade e um retrato da personalidade de Severo Neto e da sua relação com os amigos.

Era um terreno bem grande aquela casinha de nada. Pirangi deserta e ali a menor casa que havia. Era só dunas até a beira da praia e um pé de araçá. Foi ali que conheceu seu Calemba, futura personagem do *De Líricos e de Loucos*, querendo lhe vender mais um bocado de terra. Calemba, “o arquitetcho de Pirangi”. A casa era de taipa, e nas idas e vindas a Pirangi pelos finais de semana Augusto e Lucinha acompanharam a construção da Barreira do Inferno. No caminho atolavam na areia, atolavam na lama, e lá iam para aventura numa casa sem luz elétrica e água encanada. A solução era lampião e um tanque de água fria. Era uma vida franciscana que eles apreciavam.

Celso da Silveira, visitante, chegou a definir a casa em um dos seus poemas: era uma casa que não tinha lá dentro. Foram eles que desenharam a planta, Augusto e Lucinha. E era tanta gente que passava por lá dia e noite que ninguém sabe como cabia. Márcio Marinho com o violão, e ficavam até o raiar do dia quando Lucinha preparava um café para a turma. Quando tudo passou

e fizeram uma rua, ficou lá o nome Rua Augusto Severo Neto, documentando aquele tempo. E a casa era de taipa e feita com vara ruim, todo inverno caía uma parede e eles faziam de concreto, aos poucos a casa virou de alvenaria⁹³. Depois ergueram o muro.

Um dia veio a inauguração do muro. Muro com uma placa. No começo, os limites demarcam com cerca de faxina que frequentemente era preciso ser refeita, então resolveram construir de tijolo um muro, também feito aos pedaços, e que virou um falatório. Os amigos e conhecidos só falavam naquele muro, era o assunto de todo tempo e, por isso, com ele pronto, resolveram promover a inauguração. O governador do estado do Rio Grande do Norte e o vice, ausentes, deixavam em exercício o presidente da Assembleia Legislativa, ele mesmo, o amigo e vizinho, Márcio Marinho.

Autoridade já se tinha. A placa foi motivo de discussão, um muro era uma agressão ao instituto da amizade, porque é da natureza do muro impor uma separação, que fosse muro da amizade, sugeriu-se, e ficou: muro da amizade sem muro, por unanimidade. Juntou-se o público, fez-se a cena. Imaginem: Márcio Marinho,

⁹³ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

Governador do Estado, inaugurando uma parte de um muro, uma garrafa de champanhe seria quebrada como se faz a inauguração de embarcações, Márcio, alegaram que, por simpatizar com o conteúdo das garrafas, jamais cometeria o ato, passou a garrafa para Lucinha que a quebrou no muro encerrando o ato que a fotografia registrou num momento sublime⁹⁴.

A fantasia, o bom humor e a verve faziam de Augusto Severo Neto o promotor de quimeras. Foi na galeria Vila Flor que o professor, antropólogo e amigo Nazaro, após um suspiro de saudade, “ai que saudade de Batróvia”, trouxe o país imaginário para a vida de Augusto. E assim nasce Batróvia que Augusto adotou para si, alegando no mesmo momento “está criado o país de que sou o cônsul plenipotenciário”. Brásovia virou uma onda entre os amigos e com diversos desdobramentos inimagináveis e completamente pertinentes a um país.

Augusto elegeu a capital, Batruski; a língua, batroviscália, e compôs o hino, Distribuiu, já que era o cônsul, comendas aos amigos. E quando perguntavam: Augusto, onde é que fica mesmo Batróvia? Ele respondia: Sabe a Europa do Leste, empurrei

⁹⁴ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

um bocado daqueles países e fiz Batróvia. E não só fez Batróvia como desenhou o mapa para que não houvesse mais dúvida de sua localização⁹⁵.

Beatriz da Conceição fadista em Lisboa emocionou Natal nos anos 1970. Augusto e Lucinha a trouxeram para uma apresentação a pedido da primeira dama do estado que faria uma ação beneficente. O jantar que superou as expectativas de público e deixou muita gente na porta, porque tudo se esgotou rapidamente, aconteceu no restaurante do Bosque dos Namorados. Beatriz da Conceição fora um dos inúmeros acasos em que a vida brindou Augusto e Lucinha em suas viagens pela Europa, documentadas nos seus livros de viagem.

Foi numa casa de fados em Lisboa. A artista em uma apresentação geralmente canta três números e há um intervalo, depois mais três e um intervalo. Percebendo o entusiasmo de Augusto e Lucinha que a assistiam, Isabel em um dos intervalos foi até a mesa deles e entabularam uma conversa, assim nasceu uma amizade que levou Augusto e Lucinha a assistirem outras apresentações da fadista. Quando dona Tereza, a primeira

⁹⁵ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

dama, pretendia angariar donativos para obras sociais, procurou Augusto e Lucinha para providenciar a vinda da portuguesa. O sucesso foi tamanho. Isabel era uma mulher bonita e cativante e destacava-se no contralto. Houve até boato na cidade que Augusto deixaria Lucinha para fugir com a portuguesa.

Outros encontros fariam a vida de Augusto o inusitado dos instantes. O poeta e presidente do Senegal L. S. Senghor, um homem culto, polido e elegante, pousaria em Natal. O avião em trânsito para as Antilhas pararia no aeroporto para abastecer, o governador Tarcísio Maia solicitou a presença de Augusto, que dominava perfeitamente o francês, para fazer as honras da casa. Cumprimentaram-se com entusiasmo após a apresentação e em saber que Augusto também era poeta, Senghor o presentou escrevendo de punho uma dedicatória o livro de poesias *Poèmes*.

Outros encontros e acontecimentos inesperados estão nos seus livros, a registrar que o acaso sempre o favorecia, tiveram a oportunidade em Atenas de, por acaso, assistir, no Teatro de Herodes Átticos, as *Bachantes* de Eurípedes⁹⁶. O teatro era das

⁹⁶ Atenas. Os cristos e as *Bachantes*. In: SEVERO NETO, Augusto. *Estórias e distâncias*. Natal/RN: EDUFRN, 1982, p. 80-84.

suas paixões. Quando esteve em Natal a Companhia Baiana de Comédias, encenando um Macbeth no Teatro Alberto Maranhão, Augusto e Lucinha tiveram a oportunidade e argúcia de levarem-nos ao Forte dos Reis Magos, e ali eles reencenaram a peça como nunca Augusto e Lucinha viram igual. Uma viagem a Bahia, posteriormente, marcou um reencontro com o grupo e levados pelo diretor foram à casa de Jorge Amado conhecê-lo. Jorge escrevia aquele tempo *Tereza Batista cansada de guerra*. Foi uma manhã de bate-papo.

Na viagem inaugural do navio Mermoz, estavam Augusto e Lucinha embarcando em Paris com destino ao Rio, convidados como homenageados em nome da companhia. Augusto era Neto de Augusto Severo, o pioneiro da aviação, e a primeira viagem do navio seria em homenagem aos pioneiros da aviação. Seu Sérgio, pai de Augusto, colecionou os objetos deixados por Augusto Severo zelando por eles, veneração que transmitiu ao filho. Augusto Severo Neto, com a morte do pai, virou o guardião do acervo. Lucinha conta que havia um quarto na casa só para abrigar as peças e os documentos que reunidos somavam mais de quatrocentos itens. Augusto tratou de ampliar a coleção e promover a memória do avô.

Em suas viagens a Paris, perseguia os rastros. Numa delas, conseguiu, ainda no inusitado dos momentos que a vida lhe brindava, um pedaço do tecido do balão e a barquinha. No governo de Cortez Pereira foi proposto um museu para abrigar a coleção em homenagem ao aviador. O arquiteto João Mauricio de Miranda foi encarregado de propor um projeto. O teto ao nível da rua e uma cúpula de vidro compunham o desenho do que seria projetado para um museu da aviação, homenagem a Augusto Severo.

O museu seria erguido na av. Café Filho, próximo ao Hospital Universitário Onofre Lopes. E nunca saiu do papel. E isso tudo ficou guardado, móveis, bengalas, uma com castão de ouro maciço, outra de marfim esculpido os animais sagrados da China, echarpes de seda, que se usava como gravata, até que tudo foi doado ao Museu Aeroespacial da Aeronáutica em Campos dos Afonsos, Estado do Rio de Janeiro⁹⁷.

Veio um avião da Força Aérea Brasileira com museólogos e fizeram o levantamento das peças. De todo acervo, Augusto ficou com duas peças que pediu para serem doadas apenas quando

⁹⁷ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

ele morresse, um pedaço do balão que ele ganhou em Paris de um casal que residia na rua em que houve o acidente; e um quadro de Rosalbo Ribeiro, que retratava a entrada na Baía de Guanabara, em 1902, do navio chamado Brasil com os restos mortais de Augusto Severo e os pertences.

Augusto Severo ganhou uma sala com as condições de conservação adequadas e de exposição no museu para abrigar todas as peças que Sérgio e Augusto Severo Neto, filho e neto do aviador, conservaram por toda vida. Quando Augusto Severo Neto faleceu, Lucinha se encarregou de promover a doação das duas peças restantes, recebendo o diretor do museu e duas tenentes museólogas em sua casa. Convidada para cerimônia de doação na qual assinou o termo de doação, participou de uma missa cantada e um coquetel na sala Augusto Severo. Lá, ao lado do retrato do avô, o retrato do neto promotor daquela ação em favor da cultura brasileira.

Augusto procurou sempre vestígios do avô quando das suas viagens à Europa. Certa feita, e está tudo contado nos seus livros de viagens, foi até a embaixada brasileira em Paris, para buscar apoio em busca de um possível registro dos irmãos Lumière da

queda do balão de Augusto Severo. A recepção do embaixador Lyra Tavares está documentada em *Estórias e Distâncias*.

Piloto na juventude foi do Aero clube de Natal retirando o brevet. No tempo da guerra (Segunda Guerra Mundial), os aeroclubes foram convocados pelo Governo Federal para fazer a patrulha da costa. Augusto, requisitado, foi assim expedicionário, certo de que os aviões naquele tempo eram tão frágeis que um menino com uma baladeira poderia derrubar.

Adepto das acrobacias, ele inventou um rasante sobre uma sombrinha colorida na praia, mas lá estava a esposa do Brigadeiro e lá ele levou uma suspensão pelo feito. Posteriormente, tornou-se instrutor de aviação e, entre os tantos alunos, Geraldo Melo, que seria Governador do Estado do Rio Grande do Norte e que, proprietário de um monomotor, sempre convidava Augusto para pilotar e Lucinha para um passeio. Sobrevoaram Natal e até foram certa vez à Barragem Armando Ribeiro Gonçalves em Açú/RN.

Nos 50 anos da Semana de Arte Moderna, recebeu uma medalha, dentre tantas outras, com que foi agraciado pela sua atividade cultural ativa e participante. Augusto também se voltou para o

passado ao buscar suas memórias de menino, recompondo a vida na cidade da sua infância, descrevendo passo a passo como um flâneur por uma cidade da sua infância, os caminhos dos bairros da Ribeira e Cidade Alta. Em *O tempo ontem*, escreverá: “reencontro com um tempo ontem de ser menino ainda e com um tempo mais agora de ainda sonhar e já ser grande”⁹⁸.

Alvamar Furtado traçara, na apresentação do livro *O tempo ontem*, o retrato de Augusto àquele momento: “entre um e outro faturamento [é comerciante como o pai], lê Rilke e Aragon. Confidencia, às vezes, que, quando menino, quis ser marinheiro, professor de línguas, diplomata e, em certa época, de estanho romantismo, quis ser monge. São essas frustrações. Tem algumas tentativas no domínio das artes plásticas, em pintura e escultura em madeira”.

Alvamar também revela o Augusto frequentador ativo do movimento cultural da cidade: “não deixa também de encontrar tempo para uma exposição de pintura. Presença certa em lançamentos literários, seus e dos outros. Perdido por uma boa conversa, quando reporta uma recordação feliz de um instante europeu [...]”.

⁹⁸ SEVERO NETO, Augusto. *O tempo ontem*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

Alvamar ainda escreve: “crônicas onde perpassa o espírito de um poeta, mesclando visões da vida, sensações do cotidiano e o predomínio de suas vividas viagens”⁹⁹.

Nesse livro, Severo Neto atua como um escritor relator de suas experiências, assim será a sua obra em crônica. Até os sonhos loucos serão matéria do improvável. Severo Neto é um contador e chama o leitor para uma conversa como se pusesse a contar uma experiência em que se fundem páginas de um diário, lembranças, memória e autobiografia. O leitor pode acompanhar um dia ou um sonho e todas as impressões que pode colher de cada um deles. A crônica de Severo será puramente centrada na sua experiência pessoal e nas suas impressões, são registros de instantes, do momento vivido, como se dispusesse aquilo que vê, escuta, pensa ou sente no momento, por isso as feições de um diário literário.

Nesse livro está o primeiro e o segundo Opus, os demais permaneceram inéditos e aparecem agora com a publicação de *Na lírica estação do outono*. Um livro que, em seu aspecto, muito

⁹⁹ MENDONÇA, Alvamar Furtado de. Prefácio. In: SEVERO NETO, Augusto. *O tempo ontem*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

se assemelha, nos motivos e na forma, a *O tempo e ontem*. Representam parte de um mesmo universo de crônica, diário e autobiografia em que se passam as impressões vividas.

Augusto admite que escreve por um impulso que lhe impinge a escrever para contar, assim declara em *Do outro lado do mar: crônicas de viagem*: “sinto realmente necessidade de escrever; de contar as minhas emoções de tristeza e alegria; de dizer da minha exaltação diante do belo e do inesperado”. Nesse livro, como nos outros de viagem que virão depois, Augusto escreve e descreve as cidades do mundo em um tempo em que andar pela Europa era novidade, uma aventura para poucos privilegiados e em que se viajava de navio (anos 1960).

É nos relatos de Augusto que o estrangeiro é apresentado, não ao fausto dos palácios, catedrais, museus, da monumentalidade da história universal, mas nos pequenos hábitos da gente das cidades, das impressões que se colhe no dia a dia por um viajante, de tomar suco de laranja com sanduíche de Jamón, por exemplo, e do folclore nas ruas, a vestimenta das pessoas, a cultura do joie de vivredo europeu, uma espécie de etnografia participante, excursão antropológica, a revelar um mundo novo

numa linguagem sem rigor, pompa, na voz com que o cronista narra as passagens da vida, de forma desprestigiada, divertida, sem perder a presença de toda a cultura humanística que levava na bagagem. Augusto Severo Neto era também um erudito, e por isso também um bom causeur que revela sem cerimônias suas impressões sobre os lugares e as pessoas.

Milão: “Embassy. O teto é formado de brocados de cetim azul, pelo menos me pareceu assim, àquela meia luz. O número de variedades foi fraco, mas o uísque era bom e nós estávamos meio perdidos nas poltronas, tão boas quanto o uísque. Tangos, rocks e vagos blues chegavam a nos surpreender, quando escutados. Dançávamos de blue em blue e nos sentíamos languidos, sonolentos. Falou-se em palitinhos, para conservar os olhos abertos. Cigarros – ainda não era coloridos – fumaça, uma lassidão gostosa e uma vontade maluca de falar coisas, de dizer poemas de Rilke, de Vinicius ou, em último caso, meus até”¹⁰⁰.

¹⁰⁰ SEVERO NETO, Augusto. *Do outro lado do mar: crônicas de viagem*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960, p. 81.

O passado também sempre esteve presente. Em *Ontem vestido de menino*, Augusto propõe uma volta ao tempo: “já vestido de menino, começo a caminhar pelos outrora desta cidade que é minha e pelos antigamente das gentes que, de pedra, cal e amor, construíram a história desta cidade”¹⁰¹.

Ao percorrer os espaços da cidade, Severo Neto visita as recordações e reconstrói o tempo. São os laços afetivos que o movem em mais um livro de viagem, desta feita, a terra dos seus que habitam as lembranças. O plano de voo se desenha no mapa em como tudo foi um dia: Ribeira e Cidade Alta e os antepassados, os parentes, vizinhos, conhecidos, a gente da cidade, como Aureliano Medeiros, seu palacete, o Solar Bela Vista, e o chofer e tantos outros. Augusto andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas.

¹⁰¹ SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985, p. 6.

A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*¹⁰².

Tradutor de personagens, ele os reuniu no livro *De líricos e de loucos*, no qual tratou com olhar de poeta os cinquenta nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são o que vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas frutos da observação e da vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade cuja obra foi a própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos Lima, “ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho”¹⁰³.

Augusto amou Lucinha, dedicando-lhe, como um relicário, um livro de textos e poemas em *Profissão de fé à Bem-Amada*.

¹⁰² SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985.

¹⁰³ Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

Augusto e Lucinha viveram o grande amor na certa e precisa receita de Vinicius de Moraes: para viver um grande amor é preciso sacrificar-se cavalheiro, ser da dama por inteiro, porque ser de muitas é para quem quer, e não tem nenhum valor, fez do seu corpo uma morada, das viagens com Lúcia uma aventura, e ela dedicou todos os seus livros também como uma declaração de amor.

Juntaram-se ao mundo, em tantas viagens, perseguiram os rastros do avô Severo, andaram por Natal conhecendo meio e todo mundo, dos loucos aos líricos, dedicando-lhe igual amizade sem nenhum pudor. Fizeram de Pirangi um refúgio e da convivência com os amigos um manancial inesgotável exercendo ali a completa arte de viver para conviver.

Formaram-se e informaram-se, liam todos os autores dos populares aos eruditos, tornaram-se colecionadores e galeristas. Augusto escrevia seus livros, Lucinha quem revisava, traçaram uma perfeita união em que cada dia era completamente diferente, repleto de surpresas e fascinação e se apaixonaram todos os dias a cada dia vivido juntos. Para Lucinha, deixou escrito o livro da declaração de amor.

Fotógrafo amador que também foi, Augusto decompôs com extrema delicadeza cada traço do retrato de Maria Lúcia: “continuas a sorrir dentro da moldura. E mordes de leve um dos dedos da mão semiespalmada. Teus cabelos estão vadios de vento e o teu conjunto todo (olhos sorrindo, fita branca nos cabelos que se espalham assim meio sem se importar pela testa, o estar assim de tua mão, os teus dentes prendendo de mentira o dedo senhor vizinho da gente ser menino ainda) até dá um jeito moleque de quem se escondeu atrás de uma das colunas do pátio do recreio do colégio, olhando de longe e gozando a inquietude de quem a busca”¹⁰⁴.

E assim, piloto que voou pelos céus da cidade, traduziu a experiência de voar como a própria vida: “O avião subia lentamente em largos espirais e as coisas iam se tornando pequenas, geográficas e humildes. O ar tornava-se mais puro, mais leve e mais transparente. Mil e quinhentos metros. Encontro-me só, absolutamente só neste mundo infinito. A terra ficou lá longe, separada de mim por essa enorme planura branca pontilhada de torres e de dunas. Nessas alturas componho poemas e sinfonias que esquecerei quando chegar à terra. São poemas e sinfonias

¹⁰⁴ SEVERO NETO, Augusto. *Profissão de fé à Bem-Amada* (inédito).

de nuvens e não é possível acorrentar nuvens e levá-las para junto dos homens. Um frio gostoso me envolve e me orvalha. Há um silêncio tão grande que se sobrepõe ao rugido do motos. Há uma paz tão grande que se sobrepõe ao tumulto da minha alma. Mas, para minha desventura, não é possível ficar eternamente aqui nessa paz tão profunda, nesse silêncio tão infinito. Reduzo a manete e o meu pássaro inclina-se para a terra. Atravesso o lençol de nuvens e aquele outro mundo imenso do oceano abre-se aos meus olhos”¹⁰⁵.



¹⁰⁵ SEVERO NETO, Augusto. Voar (crônica).

O cronista da cidade

Quando desceu na Europa, Berilo Wanderley já era um cronista experimentado. Havia começado em 1956, com a coluna Revista da Cidade, no mesmo jornal, substituindo o titular Woden Madruga que viajara para Maceió, e conquistou o espaço desenvolvendo um jornal próprio, espécie de revista de variedades: comentário de livros, filmes, notas rápidas sobre os últimos acontecimentos, enquetes, publicações de poemas e cartas do leitor. E a crônica, carro chefe da coluna.

A crônica era o que se fazia no momento. Era a literatura do registro diário no jornal. E assumia o papel de revelação do cotidiano, impressões do cronista, comentário de algum fato do presente, confissões, autobiografia, conversa fiada, tudo que ainda hoje é possível no balaio da crônica. Berilo não fugiu da cartilha, mas apresentou estilo e temas próprios, escolheu falar da vida da cidade de Natal que era a sua vida, das suas impressões de leitura, do cinema que era a sua paixão e da literatura e, com Revista da Europa, voltaria à cena noticiando um mundo estrangeiro.

Tudo documentado e enviado pelo Atlântico para as páginas do jornal impresso Tribuna do Norte, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para a alegria do seu fiel público leitor que o conhecia da sua afamada coluna diária, a Revista da Cidade. O cronista havia se despedido da Revista da Cidade por um breve período, “e lá vai B.W. para terras de Espanha!” (Revista da Cidade, Até Breve!, sexta-feira, 23 de setembro de 1960). “Há muito precisava viajar”, escreveu na despedida, alegando que aprendeu sobre a Espanha na mesa com o espanhol Nemésio Marquenho, que contou saudades de sua terra e mandava ao irmão, em Granada, uma caixa de charutos pelas mãos do cronista.

Berilo partiu. Retornaria com notícias do além mar, inaugurando a Revista da Europa com crônicas da viagem. Seguiu para Espanha no final de setembro de 1960, rumo ao Colégio Mayor Universitario Hispanoamericano Nuestra Señora de Guadalupe para uma pós-graduação em Direito, oportunidade ofertada pelo consulado da Espanha. Seria sua primeira e única estadia no continente europeu, de lá o cronista retornaria um cidadão do mundo e faria de Revista da Europa o retrato de um tempo vivido e da Espanha do começo dos anos 1960.

Revista da Europa deve ser considerada a continuidade de um processo que começa na Revista da Cidade. Berilo traça o mesmo projeto de ver a vida da cidade, as pessoas, registrar os momentos e as suas impressões de tudo. Só que agora se abria um museu de novidades, o cronista estava na Europa e havia de contar o que via, ouvia e vivia. É a experiência no Velho Mundo, como um diário aberto, uma reportagem do dia, uma narrativa histórica, um perfil bem acabado do que se encontra na Revista da Europa que, reunida, forma um conjunto harmônico, um álbum de retratos que, revisitado, revela um frescor atual, como se o tempo não tivesse passado e pudéssemos voltar à Espanha, à Europa, naquele começo dos anos 1960 e sonhar entre um fino e outro e viajar agora não só mais no espaço, mas também pelo tempo decorrido.

O que se verifica na crônica, passado o tempo da sua publicação, é a sua perenidade. É possível, nessas crônicas, recuperar a Europa de 1960 e 1961, por isso, um documento de interesse que transpõe as fronteiras do Rio Grande do Norte. Nelas estão acontecimentos e personagens fixados num dado momento que é o tempo presente da crônica.

A narrativa contempla os fatos e não há imposição de se fazer um registro histórico. A descrição é do presente e é sobre o intangível da vida que se preocupa o cronista. A crônica é um olhar para o cotidiano e também, porque não, relato de viagem como serviu aos viajantes e aventureiros do passado para contar o que descobriram e encontravam nos lugares visitados geralmente desconhecidos do público leitor. Com Revista da Europa, Berilo retoma esse caráter utilitário e de registro histórico característico da crônica de viagem. Há um ensemblage, rico, flutuante e incomum, porque há também um que de notícia e reportagem.

Revista da Europa estava reservada para os domingos na Tribuna do Norte, considerado o dia nobre, de maior circulação dos jornais, as crônicas, portanto, eram semanais, talvez e também, por uma mera razão dos sistemas de comunicação e transporte disponíveis na época, vinha tudo pelo serviço postal.

Berilo era um jovem de vinte e seis anos, recém-formado em Direito, primeira turma da Faculdade de Direito de Natal, na Ribeira, Praça Augusto Severo, solteiro, boêmio, jornalista por ofício e total vocação para cronista, personagem de destaque na cidade, frequentando círculos intelectuais em torno dos temas do

seu interesse e instituindo-se como um guia das gerações mais jovens, amigos dos nomes que fariam o jornalismo e a literatura do Rio Grande do Norte entre tantos outros, o jornalista e poeta Celso da Silveira, os poetas Miriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede, Newton Navarro, o jornalista Woden Madruga, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo e o escritor Moacyr Cirne.

Embora tenha cursado Direito, sua vida profissional começou no jornal. Berilo se considerava essencialmente jornalista e viajou assim caracterizado no seu passaporte. Revista da Cidade, que praticou de 1956 até viajar no ano de 1960 para Espanha, era um verdadeiro Caderno B, que é aquele onde se publicam as notícias, as reportagens, as resenhas, as críticas, os comentários, as notas que tratam dos temas culturais, quais sejam, literatura, cinema, teatro, música, as artes em geral, um caderno de cultura completo de tudo que havia de necessário à época: a crônica, o cinema, a música, a literatura, o entretenimento e a vida da cidade em notas. A crônica era parte desse seu jornal publicado diariamente nas páginas da Tribuna do Norte. Berilo seguia uma escola que havia sido lançada por Rubem Braga, e que angariava cronistas do naipe de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos entre outros.

No mesmo período, e por outras razões, encontramos o cronista Augusto Severo Neto flanando pela Europa, em um mergulho do encontro em si mesmo, relatando em seu primeiro livro de viagem, *Do outro lado do mar* (1960), a que outro que se seguiu no gênero, *Estórias e distâncias* (1982), com as temporadas constantes a passeio pelo continente europeu. Também Newton Navarro, nos anos 1960, cronista da cidade, compôs crônicas de sua passagem pela Europa, algumas no livro *30 crônicas não selecionadas*.

Se hoje pode parecer banal, lugar comum falar da beleza de Notre Dame, de Paris à noite iluminada, dos pasteis de Belém de Portugal e das touradas da Espanha, o olhar local sobre o estrangeiro, naquele tempo, era artigo de primeira novidade e privilégio dos muito menos que tiveram espaço nos jornais, já conquistado, para relatar essas experiências. A literatura de viagem reúne no mesmo baú diversos autores no Rio Grande do Norte e se mostra uma vertente ainda a espera de considerações a respeito.

Berilo pertence à geração dos cronistas modernos que nasceu no século XX, aquela em que cada cronista traça o seu próprio

caminho para explorar o gênero e assim defini-lo. Jornalismo e literatura, a crônica também é um registro do tempo presente, portanto, documento. Gênero textual, apresenta características próprias dentro de uma variedade de temas e práticas como se percebe na sua construção histórica que se pode ter como marco inaugural, no Brasil, a forma e o tratamento que lhe concedeu o cronista carioca João do Rio e o seu ancestral o folhetim, prática dos jornais do século XIX. Precisa é ser reconhecida pela capacidade documental. E Revista da Europa é um exemplo disso: a crônica é um registro histórico de uma época. Um documento que deve ser também explorado como tal. E, por isso, perdura. Longe de ser efêmera, sua perenidade e sua importância são a sua razão de ser: o registro do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que Berilo, em suas crônicas, mantém o traço com que ela se configurou nos jornais, uma curta narrativa ou descrição de um fato cotidiano, o cronista mantém, ou resgata, o espaço da crônica como o espaço do folhetim era utilizado: para registro de comentários, acontecimentos, publicação de pequenos ensaios, poemas, contos. Berilo incorporou um pouco de tudo isso a Revista da Cidade.

A coluna, como dito, compunha-se da crônica em si e de outras seções que contemplavam os temas culturais: cinema, literatura, música. Revista da Europa não fugiria a esse modelo. O modelo lançado por Berilo se instituiu no jornalismo impresso do Rio Grande do Norte e gerou não só admiradores, mas também seguidores. Os cronistas da cidade ainda em atuação, Woden Madruga e Vicente Serejo, são adeptos da escola de Berilo em que se denota o emprego da ironia, da perspicácia, da formação humanística e cosmopolita do cronista, sem os quais seria impossível alcançar o jornalismo de excelência que exercem.

A lição de Berilo é de quem incorporou da crônica moderna (a que começa a ser praticada por João do Rio e se define com Rubem Braga) o tom literário de quem também fazia reportagem no que escrevia, com o uso dos recursos literários em seus textos. Então há a composição de cenas, perfis, diálogos. E também reportagem. A reportagem é um gênero jornalístico para o registro de fatos em profundidade. Enquanto a notícia é breve e totalmente informativa: o que aconteceu, onde, quando e porque, ensina a técnica do lead; a reportagem vai além e procura explicar, descrever, contextualizar.

Berilo foi um jornalista que, de fato, nunca fez reportagem no sentido estrito, mas que procurou um novo caminho expressivo para o registro da sua viagem. E conferiu às suas crônicas de viagem o tom da reportagem. Assim, recupera os fatos históricos em contexto, trata dos costumes e hábitos em terras de Espanha e segue a proposta de ser cronista da cidade, papel que está intimamente ligado a sua vida e as suas vivências onde quer que esteja o cronista.

Há uma faceta demarcada das crônicas-reportagens de Berilo, a construção de perfis. “Michel é um jovem poeta de Paris que pode ser encontrado depois da meia-noite no La Méthode”. São retratos de figuras que observa ou com quem convive na Europa. Há o professor Carmona apaixonado, o português Alberto Torres, o jovem poeta em Paris, Janiel dos cabelos longos, o velho Basílio, o casal francês, o Peruano, Josefina, Jean Pierre, e até o presidente brasileiro Jânio Quadros em passagem pela Europa, há as cidades como personagens, Madri, Paris, Cordoba, Sevilha, Toledo, Málaga Granada, Lisboa. É possível seguir os passos de Berilo ainda hoje pelas ruas e pelas praças, pelas salas de cinema e teatro, está tudo lá à espera de quem quiser viver a Europa. Há nas crônicas um roteiro de viagem incomum. Aborrece o cronista

os pontos turísticos, que não deixa de visitar, e resta a lição de que para conhecer uma cidade é preciso viver as suas ruas, os seus espaços, confundindo-se com os cidadãos.

Observador da vida, das pessoas que passam, do que acontece, o cronista vive a perseguir a vida na cidade em busca de personagens e situações. Imprescindível é viver. Mesmo que esteja com um livro aberto e absorto na leitura – o cronista sempre está com um livro aberto –, ele não deixa de perceber e registrar o que está ao seu redor. E sabe que, como um diretor de cinema, é ele quem determina o enfoque, o enquadramento, os elementos da cena e tudo parte do seu ponto de vista. Não é mera descrição do que está diante de si, mas são as suas impressões da vida o que lhe interessa e que se escreve com a sua visão de mundo, carga de humor e sarcasmo, ironia. São as suas experiências individuais. Além de observador e narrador, o cronista é personagem, está entregue ao que conta, presente no momento dos fatos, é autor das impressões que registra, e registra porque vive.

Ao contar o que vê, revela como vê. O repórter está em cena. O cronista está na Europa, mas a sua terra natal não sai de perspectiva, é ponto de referência, é o contraponto para as

suas observações, é o espaço de resgate das suas memórias, vivências, família e círculo de amizades. Sopra o vento numa tarde em Madri assobiando nos telhados, “e, de repente, confessa o cronista, a memória se desprende para bem longe e pousa num cenário antigo e diferente”.

O cenário do momento é a Fazenda Nova Cruz, dos avós maternos, no Rio Grande do Norte, onde cresceu a infância. Decididamente, Berilo tem a sua geografia sentimental como parte e referência permanente em suas crônicas. É a fazenda, é Natal, é onde vive, é de onde parte o seu olhar para o mundo, seu ponto de referência. O Potengi, a cerveja com peixe frito, a família, os amigos seja cá, seja lá, seus temas estão definidos.

Natal é o seu mundo e é sobre o seu mundo que o cronista escreve. Berilo teve a preocupação de fixar Natal na sua história. A sua proposta de cronista da cidade não arrefece. Distante, é para o jornal de Natal que remete as sua Revista da Europa e é Natal que será lembrada em certos momentos.

A Europa para Berilo começa e termina na Espanha. Uma determinada Espanha que se fixa em Madri, onde o cronista está sediado

e parte para incursões nas redondezas. O cronista vai explorar em viagens a região da Andaluzia e algumas de suas cidades. O sul da Espanha é um espaço pleno de ambientação, estamos no mar mediterrâneo de clima quente e úmido como a sua Natal.

O cronista deixa Natal no último domingo de setembro, chega a Madri em outubro. É lá em Madri ou Madrid (as duas formas estão corretas, e o cronista ora usa uma, ora usa outra) que fixa residência pelo período de estudos. É de onde parte para conhecer outras cidades da Espanha, ir também a Paris para o Ano Novo e Lisboa. Madri é o centro da Revista da Europa. Nas suas crônicas estão o vinho, a comida típica, os ciganos, as touzadas, a paisagem e o clima, as pessoas nas ruas. As cidades são aquelas em que se anda a pé e se come e bebe pelos bares, em que os estudantes do colégio universitário, oriundos do Brasil, da América Latina, andam em grupo. As mulheres, ele as vê por todo canto, e se encanta com a beleza que anuncia.

Os primeiros iberos chegaram à Espanha há mais ou menos três mil anos e deixaram a imagem do touro tomando conta dos caminhos de gado que lá havia. A praça dos touros assim se instituiu como ponto nevrálgico e central das cidades da Espanha e

o toureiro passa a representar a bravura e a sensualidade com seu traje emblemático, disposto para matar ou morrer. A tourada é um ritual que Berilo assiste com desprezo por considerar um excesso de brutalidade.

“Fui a uma dessas touradas, escreverá, num certo domingo de outubro, e a conclusão que tirei e que tourada é espetáculo que só espanhol entende e aplaude e que estrangeiro vê por uma curiosidade infantil que todo turista carrega consigo”. Para mais adiante confessar: “foi de uma monotonia exemplar, se é que um espetáculo selvagem pode comportar monotonia”. Mesmo assim, não deixará de freqüentá-las. O cronista entende que não se pode escrever sobre aquilo que não se vive, e não se pode absorver e entender os costumes e paixões de um povo, se vivenciar seus hábitos.

Para Berilo, “tudo se resumiu em uma porção de toureiros sem nenhuma maestria nem arte de que sempre se ouviu falar como dons naturais do bom toureiro, matando sangrenta e primitivamente, meia dúzia de touros”. A tourada na Espanha é um espetáculo. O toureiro se mede pelos chifres do touro e começa o balé com a capa, olé, olé, e controla, acua, põe no centro

da arena o touro bravo e sanguinolento provocado pelo tecido vermelho que lhe atija.

O toureiro movimenta os pés e o corpo em passos orquestrados, baila, dança com o touro. A plateia fica em suspensão à espera do desfecho. Há touradas por toda Espanha e a que Berilo mesmo contrariado participara um tanto de vezes para reforçar o seu enfado por aquela manifestação despropositava de violência ao animal, mas um traço profundo e milenar da cultura de Espanha que o cronista não poderá deixar de fixar. A crônica de Berilo não foge ao testemunho, o cronista aponta o espetáculo da tourada, explora o ritual, e não deixa de registrar o seu recado pessoal.

A crônica então é uma viagem cultural pelos lugares e costumes. O embate entre Hemingway, o grande escritor norte-americano, badalado por seus livros de ficção com o tom de reportagem, um vivente da Europa da guerra e do pós-guerra, admirador das touradas, e o toureiro madrilenho Dominguin, era a polêmica do momento. Hemingway acusava de performático o grande toureiro, ao que o Dominguin retrucava.

Considerado o maior toureiro da Espanha naquele tempo, admirado e venerado, com flertes e namoros com as atrizes badaladas Greta Garbo, Ava Garden e Sophia Loren e tantas outras, dizia: o americano nada entende de touradas, e assim seguia a discussão pela revista Gaceta Ilustrada (1956), uma revista no estilo da Time, Match e da Veja brasileira, celeiro das grandes novidades, semanal, frequentada por grandes. Berilo estava sempre atualizado, lia revistas e jornais da Espanha, também acompanhava a imprensa francesa, e registrava nas notas finais a cada Revista da Europa, um apanhado de novidades.

Havia outras formas de diversão, sobretudo, quando se encerravam as temporadas. Cinema, teatro, os nighclubs e as caves, espécie de bares, onde se bebe vinho, se ouve boa música e todos cantam em clima de confraternização, ali choram os violões, eram os pontos de frequência e encontro de uma cidade festiva em que circulavam a gente do povo, os artistas, os poetas e os espetáculos de dança flamenca que por lei deviam funcionar até as 2h30, enquanto os bares poderiam descer à noite até as 3h30 da manhã.

A dança flamenca é típica da Espanha e tradicional da região da Andaluzia. As mulheres dançam, sapateiam, batem as

castanholas, o público bate palma e o violeiro acompanha tudo na sua guitarra (como chamam o violão na Espanha) e ao som do batuque na caixa de percussão. É um espetáculo de balé, em que a dançarina com seu vestido rodado trabalha o movimento das mãos, do corpo, e joga as mãos para o alto, e vive e interpreta a música como um sentimento, enquanto o violão chora e o sapateado marca o passo. A bailarina, dança, dança e dança, até que a música termina e os aplausos substituem as palmas.

O cronista recomenda o show do Corral de La Moreria, casa fundada em 1956, ainda em atividade; deve-se ressaltar que é a casa de flamenco mais famosa da Espanha. O espetáculo que Berilo assistiu numa Madri de novembro de 1960 compunha-se de cinco bailarinas e três guitarristas, à mesa vinho e a comida servida com molhos.

Em novembro, começa o inverno na Espanha. É preciso se esconder sob os agasalhos e o refúgio ao frio abaixo de zero chega a ser, para o viajante, uma opção tediosa que, tão logo suba um pouco a temperatura ou apareça uma proposta de sol, ele resolve sair de casa.

O frio também se resolve com um bom conhaque, um destilado produzido a partir do vinho, bebida forte, entre 40 a 60 por cento de teor alcoólico, tradicional na Espanha, e que tão necessário é no inverno que o espanhol o trata por “el sol embotellado”, em tradução livre: “sol engarrafado”. O inverno de 1960 sucedeu um outono dos mais chuvosos. Só quando o sol retoma e a primavera se anuncia que o cronista se anima.

Aliás, lhe explica a moça que vende castanhas na Calle de Princesa, uma das ruas de comércio das mais movimentadas, que um inverno como aquele anuncia uma agradável primavera. O cronista não levava mais que quatro minutos a pé do colégio até ali, fundado em 1947, como parte as atividades do Instituto de Cultura Hispânica, sendo parte integrante da Universidade de Madrid.

A Calle de Princesa é uma das principais artérias da cidade, assim denominada em homenagem à princesa das Astúrias Isabel de Bourbon, nasce na Praça de Espanha, centro histórico da cidade, onde está abrigado o Monumento a Cervantes. Da praça se avistam os edifícios España e Torre de Madrid e de lá se toma caminho para a Gran Via, primeiro pouso do cronista. O cronista logo que chega se abriga numa pensão

na Gran Via, conhecida como a Broadway madrilena, por abrigar teatros, cinemas, hotéis, bares e cafés com seus terraços. A rua, larga, espaçosa, dos grandes edifícios. Lá estão o edifício Coliseum, os teatros Compac Gran Via, Lope de Vega, Rialto, o Cine Capitol, o centro da sua Espanha festiva.

Uma rua com aspecto de avenida bastante movimentada e agitada numa cidade em que convivem com ruas estreitas e antigas que tanto fascinaram Berilo ao flunar pela cidade. O cronista também será visto na taberna Las Cuatro Puertas, onde foi calhar assim que pousou na cidade, solitário com suas leituras e copo de vinho, nos espetáculos noturnos no Fontana e até na boate El Elefante Branco e na Plaza de Toros atento aos espetáculos das touradas.

A temporada em Madrid era uma festa para o estudante que levava da sua cidade Natal o hábito de viver a vida e a cidade. Após o ano novo em Paris, a volta as aulas e a vida em Madri, o cronista encontra no feriado da Semana Santa a oportunidade, formando um grupo com os colegas brasileiros e estrangeiros do curso, de andar pela região da Andaluzia, sul da Espanha. Na Andaluzia estão as cidades de Córdoba, Sevilha, Toledo, Málaga e Granada.

Uma região histórica, ocupada no passado pelos romanos e pelos mouros, cada qual com seu período de dominação, deixando registrada a sua passagem em construções e em influências culturais que permanecem. Cortada pelo rio Guadalquivir, que forma um vale, a Sierra Morena e cordilheiras.

O clima mediterrâneo impera na região da Andaluzia, que se torna lugar de refúgio no inverno, em razão das temperaturas mais amenas e da presença do sol. As praias são badaladas, a proposta é turística e à mesa há fartura dos frutos do mar frescos que se serve com vinho branco. A cerveja também é habito, não só o vinho.

Tapas, mariscos e pescados são as delícias da culinária andaluz, sempre acompanhada do vinho. A uva emblemática da Espanha é a Tempranillo, de casca mais grossa e baixa acidez, o nome vem da palavra “tempro”, que significa “cedo”, pelo fato de que a uva amadurece antes das demais. A Andaluzia é famosa pela produção do Jerez.

Jerez, ou fino, como são conhecidos, é um tipo de vinho fortificado e doce, como o vinho do Porto português, Manzanilla é

dos mais conhecidos, é dele que se fartara o cronista no seu passeio pela região. O cronista vai se regozijar com o pescaíto (peixe frito e empanado com farinha de chicharro), jamón serrano e gaspacho. E as tapas.

A história das tapas é capítulo primoroso da mesa na Espanha. Nas tabernas, servia-se o vinho coberto com uma fatia de jamón para cobrir o copo e acompanhar o vinho. A tapa servia para tapar o fino, e qualquer comidinha passou a servir como tapa. O cronista vai se fartar delas com vinho nas mesas de Sevilha. E também se deliciará com os mariscos e os pescados de Guadalquivir. Impressiona a presença das mulheres nos bares tomando vinho com os seus maridos e até uma senhora tomava naturalmente a sua cerveja naquela Semana Santa, março de 1961, em Sevilha.

Hábito que o cronista adquirirá, será sempre visto com a sua Maria Emília (namorada, noiva e esposa), nos bares da cidade de Natal, tomando o seu vinho, no Granada Bar, Avenida Rio Branco, Cidade Alta, Natal, do amigo espanhol Nemesio, e até nas barracas de praia. A vivência na Espanha também veste o cronista de novos hábitos que incorporará à sua vida.

Em Málaga, abril na Espanha, foi visto, nas cadeiras da calçada, tomando cerveja (melhor que a de Madri, afirma) com chaquette (peixinhos fritos) que se come aos punhados, depois descerá para a praia de Torremolinos para se regalar com vinho e punchomorño assado na brasa com pimenta, bouquerone frito no azeite e camarões.

O cronista em sinestesia com os cheiros, os sabores, a cultura e a história, a experiência viva de uma Espanha que vibra e marcará para sempre a sua formação. Toda viagem é também um processo de transformação do viajante e de autoconhecimento e que fica para sempre impressa nas crônicas, em sua completa função de ser, registrar a vida no momento em que acontece. Berilo foi, viveu e, mais que isso, tomou a crônica como diário e, assim, registrou o perecível da vida, que são os acontecimentos dos dias que sobrevivem ao seu leitor contemporâneo e que chega ao futuro como testemunho de um tempo.

Quando retorna da Espanha, pronuncia um discurso, em 19 de agosto de 1961, na seção do Instituto de Cultura Hispânica de Natal. O cronista já não é mais o mesmo rapaz que deixou Natal. Volta para o jornal, mas não mais para Revista da Cidade, escreve

agora nos mesmos propósitos uma coluna que assina Jornal de B.W. e pretende novos voos, deseja conquistar o Rio de Janeiro, capital federal àquele tempo, e anuncia a pretensão desejada de escrever para os grandes jornais do país.

O cronista estava certo do seu talento, expertise e conhecimento. A leitura das suas crônicas não deixa outra impressão, havia agora um cronista formado, ciente do seu estilo, senhor dos seus temas e nessa aventura embarca para o Rio de Janeiro em 1962. Mas a aventura carioca não dá pé, na volta se casa com Maria Emília, torna-se pai de Alexandre, Rômulo, Henrique e Milena, tenta nova aventura em São Paulo, volta a Natal e se estabelece promotor de justiça e professor da faculdade de jornalismo, escrevendo as suas crônicas todos os dias até o fim.

Autoridade em cinema na cidade, fundador da crônica moderna, figura marcante e querida da cidade, subitamente falece em 1979, aos 45 anos de idade, acometido por infarto enquanto dormia. Berilo foi definitivo por elevar a crônica ao patamar de jornalismo literário e por ter sido assim o maior cronista da cidade.



TERCEIRA PARTE

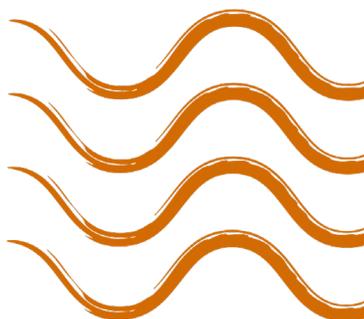
Zila Mamede,
correspondência



Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizades (e como se prepararam os originais da bibliografia de João Cabral de Melo Neto)

Mindlin escreve para Zila. É setembro de 1976. Havia uma proposta da poeta para compor uma bibliografia crítica da obra de João Cabral de Melo Neto. Mindlin oferece sua biblioteca para a pesquisa

convidando-a a uma ida a São Paulo. A biblioteca morava com o casal na casa do Brooklin, cidade de São Paulo, distribuída por todos os cômodos e mais outros dois edifícios na mesma rua. Posteriormente, mais um pavilhão foi construído no terreno da casa, chamavam “a biblioteca”, porque razão não se sabe. Era tudo uma biblioteca. A distribuição dos livros pela casa era de forma indistinta, “doutor Mindlin até brincava que um possível ladrão teria



dificuldade de localizar as obras raras, cobiçadas e valiosas”, relembra Cristina Antunes¹⁰⁶, especialista em pesquisa, numa tarde de agosto de 2015, na Universidade de São Paulo. “Havia uma estante completa para Câmara Cascudo e ao lado outra com obras de Gilberto Freyre”. Eram vizinhos na casa-biblioteca.

Na correspondência, encontram-se, enviadas por Zila, fotografias da visita de Mindlin e Guita a Cascudo, em Natal, nacasa do mestre, na Av. Junqueira Aires àquele tempo, hoje Av. Câmara Cascudo, na descida para a Ribeira e subida para Cidade Alta. No verso da foto, o oferecimento do mestre Cascudo: “ao Mindlin e Guita 4-1-76”. Guita, esposa de Mindlin, partilhava com o marido o interesse e o gosto pela biblioteca que construíram a vida toda.

¹⁰⁶ Cristina Antunes é especialista em pesquisa da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin sediada na Universidade de São Paulo. Foi ela quem, mediante contato prévio por e-mail, nos recebeu em 13 de agosto de 2015, na Biblioteca, e franqueou o acesso à correspondência entre José Mindlin e Zila da Costa Mamede que integra o Fundo José Mindlin ali depositado. As informações aqui mencionadas são fruto de uma conversa com a especialista também resultante dessa visita. Aqui também se agradece a disposição em nos atender e nos receber e a hospitalidade da pesquisadora e do arquivista José Francisco Guelfi Campos.

A necessidade de manutenção e conservação do material, amalhado ao longo de suas vidas, a levou a realizar cursos diversos de restauração de livros. O casal juntou muitos livros em casa, franqueando o acesso a pesquisadores e amigos, dentre eles, a bibliotecária Zila da Costa Mamede, a Zila Mamede, que preparava uma pesquisa sobre o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. Cristina Antunes, que conviveu com o casal e cuidou do acervo na casa, lembra de Zila, baixinha e silenciosa nas suas curtas e frequentes temporadas de pesquisa nos anos 1980. Zila, a convite do casal, desde a primeira ida, se hospedava na casa. “Ficava três ou quatro dias, pesquisava o que queira e ia embora”.

No mesmo setembro de 1976, ano em que começa a troca de correspondência com o casal, dia 22, Zila responde a Mindlin por carta datilografada: “Dr. Mindlin, fiquei muito comovida com a sua carta...”. Mindlin havia oferecido, a priori, a edição de *O Rio de João Cabral* pela editora Fontana (edição especial de luxo e pequena tiragem), e Zila foi logo confidenciando em tom de brincadeira: “conheço essa edição de ‘O Rio’, feita pela Fontana. É bela, muito bela. Quando do lançamento eu estava em Brasília. Ocorreu-me, pela primeira vez na vida, a vontade de roubar algo”. Para tão logo dizer que sabia o valor que tinha (raridade)

e não mandasse pelo correio, vai que se extraviava, prudente seria mesmo ela ir lá consultá-la.

Parece que assim, de primeira, se firmou a confiança que conduziria a amizade entre os dois. Mindlin pode perceber que Zila não só conhecia o livro, como sabia o valor que uma obra rara possuía e tinha senso e responsabilidade. Mindlin viu que falavam de igual para igual, ela entendia de livros. Zila aproveitou o ensejo para o levantamento preliminar das obras e assim, na carta, se despediu e agradeceu: “manifestação como a sua, que nem me conhece, mas conhece João Cabral, é salário da felicidade que paga qualquer iniciativa particular, de pesquisa, no Brasil”. E se põe à disposição. Tem início a correspondência dos dois, hoje depositada no arquivo de José Mindlin compreendendo cartas de ambos entre 1976 e 1985, ano da morte de Zila. Cartas, cartões, bilhetes, telegramas, cerca de cinquenta e poucos documentos levantados que foram consultados na visita à biblioteca depositária também deste acervo.

José Ephem Mindlin nasceu em São Paulo (1914) e faleceu na mesma cidade em 2010, começou a trabalhar como repórter no *Estado de S. Paulo* aos quinze anos de idade e se formou em

Direito pela Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Advogado, entrou para o ramo industrial fundando a empresa Metal Leve. Durante toda a vida, e tudo começou com a aquisição de um primeiro livro raro aos treze anos de idade, dedicou-se a colecionar livros raros. Ao final da sua vida, possuía um acervo de sessenta mil volumes entre livros, periódicos, documentos e manuscritos. Em 2006, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e resolveu, no mesmo ano, doar todo o seu acervo para a Universidade de São Paulo; por essa razão foi construído um edifício moderno e amplo para abrigar o acervo.

Sua esposa, Guita Kauffman, também nascida em São Paulo (1916-2006), foi estudante do curso de Direito da mesma faculdade, onde se formou, interessada na conservação e no restauro de livros, fez diversos cursos no exterior e, em 1988, foi uma das responsáveis pela instituição da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Informações colhidas no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, <<http://www.bbm.usp.br/node/53>>, acessado em 16 de novembro de 2015.

O casal se dispôs a receber Zila em casa e assim fizeram. “Só lhe peço, escreve Mindlin, que me avise com a maior antecedência possível, pois viajo com certa frequência e ficaria frustrado com um desencontro” (Carta, 4 de outubro de 1976). Mindlin se permite a uma sugestão, o que leva a crer que, nessa correspondência, para o levantamento bibliográfico de João Cabral, Zila pode contar não só com a colaboração dos seus interlocutores, e foram diversos, entre pessoas e instituições no Brasil e no exterior, mas também com a sugestão e participação no seu trabalho. Uma leitura mais detalhada de sua correspondência permitirá validar essa indicação. Mindlin sugere acrescentar ao levantamento as impressões que João Cabral fez de outros autores.

Zila Mamede resolveu se aventurar pelo levantamento bibliográfico “de um poeta nordestino”, e foi João Cabral, depois de anos de dedicação ao mesmo tipo de trabalho, desta feita, levantando a produção bibliográfica do folclorista, etnógrafo, professor (dentre outros designativos, biógrafo, jornalista etc.), Luís da Câmara Cascudo. Intelectual que vivia em Natal, Rio Grande do Norte, sendo natural da cidade onde Zila também vivia (ela era natural de Nova Palmeira, Paraíba, nascida em 1928) exercendo a atividade de bibliotecária.

A história de Zila começa com a mudança durante o período da Segunda Guerra Mundial para Natal, o pai era mecânico e a enxurrada de americanos trazia oportunidade de emprego na cidade. Estudou no Colégio Imaculada Conceição e nela já nascia o desejo de poesia. Jovem, para se manter, fez curso de contabilidade e foi trabalhar na firma de Sérgio Severo, na Ribeira, pai do amigo, cronista, poeta, Augusto Severo Neto. Vem o curso de biblioteconomia e os primeiros poemas. Zila se tornou uma presença na vida da cidade.

Começa uma correspondência e uma amizade com poetas e escritores e críticos brasileiros que se desenrolara por toda a sua vida até a sua morte trágica no mar em 1985. Ela era a Zila azul querida, o azul por conta da sugestão verbal, assim a tratava o poeta Carlos Drummond de Andrade, o Drummond, em carta para a sua querida Zila. A correspondência entre Drummond e Zila é mais antiga, começa em 1953 quando a poeta envia a ele um exemplar de seu primeiro livro, *Rosa de Pedra*, e segue até a morte dela em 1985.

Entre documentos listam-se no tal de vinte oito, entre cartas, cartões e bilhetes¹⁰⁸. Drummond de cara gostou do livro de poemas de Zila e passou a funcionar como um mentor, orientando-a em sua atividade poética, tornando-se um amigo que dispensava tratamento forma e dizia que para ela ele era Carlos, como era para os íntimos.

As cartas do poeta para Zila foram reunidas pela professora Graça Aquino e publicadas pelo Sebo Vermelho Edições, em Natal, no ano 2000. A professora dedicou-se a estudar a obra poética de Zila em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1996, com o título “Zila Mamede: a memória de uma evocação”. Quanto às cartas, Graça aponta algumas lacunas entre 1980 e 1985 na correspondência.

Pelas cartas de Drummond (não se tem as de Zila para ele no volume) se percebe que Zila cultivava o mesmo *modus operandi* que desenvolve na correspondência com Mindlin. Zila se põe a comentar o tempo presente registrando fatos do cotidiano e a realidade social e política do momento vivido. As cartas de Zila



¹⁰⁸ AQUINO, Graça (org). *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000.

parecem demonstrar também outro valor de registro: o do tempo em que vivia. Uma pista está em Drummond, 20 de maio de 1985, carta dele: “estou acompanhando com muita tristeza a tragédia ai do nordeste, e que você resume bem nessas palavras: sol, miséria e politicagem”.

Zila mandará notícias da cidade, comentários acerca do cotidiano, é o que se observa das cartas a Drummond¹⁰⁹, a poeta fazia das cartas e nas cartas um registro diário de suas impressões, de fatos da sua vida, dos seus dias. E assinava Zil, maio de 1957, ela diz, está quente como um dezembro, céu claro e a noite perto da gente com luas, está às voltas com os originais de *Salinas* nas mãos de Simeão, pede que o poeta a ajude a recuperá-los. E opinião sobre os seus poemas e os erros, é claro: “gosto muito da sua opinião. Ela é sempre a que gosto de ouvir: justa e sincera” (Carta de Zila para Drummond, 20 de maio de 1958).



¹⁰⁹ A correspondência de Zila para o poeta Carlos Drummond de Andrade se encontra no arquivo do poeta mineiro, depositado na Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro/RJ. Consta de cartas, cartões, telegramas etc., no período que vai de 8 de maio de 1957 a 25 agosto de 1985. O material foi consultado na visita à instituição realizada em 04 de novembro de 2015. Aqui se agradece a Eduardo Ribeiro, técnico em Ciência e Tecnologia do Arquivo Museu de Literatura Brasileira, que possibilitou a realização da pesquisa no acervo.

Esta as voltas com a produção de novos poemas que ela mesma considera uma fase transitória, entre a marinha e o telúrico. Então os envia ao poeta para apreciação e comentários. Alguns sobrevivem no arquivo do poeta: *Soneto da Iniciação* (Rio, 1957) é o primeiro, vai manuscrito; *Rua Trairi, A descoberta do Azul, Moenda, O prato, A colina e as cabras, Cavallo branco*, todos eles datados 1958. Também enviou *O cavalo e o menino*, dedicado a Pablo Picasso (1962), e *Ode camoniana, a primeira* (1962), *Requiem para meu amor de um dia* (Natal, Finados, 1966), *Promissória* (Natal, 1966) e um poema dedicado ao amigo Drummond: *Um rio duas vezes* (Recife, 23.03.68, Natal, 22.08.75)¹¹⁰.

A correspondência continua. Carta de outubro de 1958, 23: “Drummond querido” e fala da saudade de todos do Rio, envia poemas. Uma nova série, telúrica, afirma, em que o tema é a terra e trata que, além daqueles que já havia enviado (*O prato, Trigal, Moenda* etc.), remetia *O avô, A avó, Banho da moça rural, A apanha, O rio, A colina e as cabras, Cavallo branco e Antecolheita*.

¹¹⁰ Fundação Casa Rui Barbosa. Arquivo Carlos Drummond de Andrade. Material: Documento textual de arquivo. Nº de chamada: Carlos Drummond de Andrade CDA Pit 156. Ent. princ.: Mamede, Zila. Título: [Poemas]. Ano: de 1957 a 22 ago. 1975. Assuntos: 1. Mamede, Zila.

E que havia estruturado outros: *O vapor* e *A mandioca* e *Farinhada*. E disse mais, que considerava os últimos poemas de *Salinas*, enumerando-os, *Retrato*, *Soneto da Iniciação*, *A (outra) face* e *As enchentes*, já poemas dessa nossa fase. E pergunta: você acha que vale a pena prosseguir? Seu temor é estar, de alguma maneira, caindo em repetições, lugares comuns, monotonia, mas considera: o tema pode ser o mesmo, mas a forma não é.

No ano seguinte, envia 20 poemas rurais, está animada, é março de 1959 e uma ideia: editá-los com ilustrações, cada poema uma, pela Itatiaia ou Livros de Portugal. Anuncia mais quinze poemas novos, que, por serem diferentes, não pretende usá-los por hora. Numa carta de 11 de fevereiro de 1960, Drummond faz menção a uma labirintite da poeta, ela estava chateada com isso, nada podia fazer, nem ler ou escrever (a carta de Zila está datada do mesmo dia, 11 de fevereiro de 1960).

Noutra (carta de 30 de maio de 1960), de um projeto dela de ir à Espanha, conseguir uma bolsa para estudar literatura em Madri, e lhe é recomendado pedir cartas de recomendação a poetas importantes, então escreveu ao amigo e no mesmo ano (Carta de Zila, 18 de julho de 1960): “gostei do Zila azul. Gostei.”

E se assusta; o grau de amizade se intensificava; os laços se fortaleciam, “é a primeira vez que lhe chamo de Carlos!”.

A carta de Drummond de 29 de junho de 1964 a consola pela perda da mãe. Zila era franca nos seus sentimentos e nos acontecimentos de sua vida pelo que se vê. E no mesmo ano já havia a ideia de reunir os três livros acrescentando mais vinte poemas novos numa única edição e pergunta ao amigo: é precipitado? O trabalho bibliográfico exige dedicação total, não há tempo para poesia, avisa a Carlos. Até que em 17 de novembro de 1970 envia ao amigo poemas que havia escrito há bastante tempo e várias vontades: rasgar alguns (estão separados), porque tem dúvida se são bons ou se forem, publicá-los num livro que batizaria talvez de *Exercício da Palavra*.

Quatro anos depois, o livro pronto, comunica por carta. Ele lhe puxa a orelha: “em sua carta e nas folhas dos poemas, quantas vezes leio a palavra medo, a palavra covardia! Que é isso, menina”. No ano seguinte, um gesto de carinho que respalda bem essa intimidade conquistada pelo tom de confiança e franqueza que Zila parece depositar nas suas cartas. Carlos escreve:

“Zila querida, sua carta foi como ter você ao lado, a gente no deslizar de um papo sem descanso, tão gostoso”.

Drummond para Zila é um confessorário e um orientador. A poeta escolhe trinta poemas iniciais para o livro e os manda, os outros deixou para uma segunda etapa, e pede alguns esclarecimentos (a carta é de 3 de fevereiro de 1975): *Na Baladinha*, o estranhamento foi o acento em navego, ou o uso da palavra? Se fora a palavra, justifica, é porque ela é muito utilizada “no sertão onde existi até os 14 anos”. E comenta. Comenta a observação que ele lhe havia feito dos “meus abusos dos prefixos”, e por isso escolheu outro tratamento para *O romance de Lula = lua*, portanto, o que era: “Lula despode/milproceder”, ficou: Lula: impossível/milproceder”. Em agosto manda novos poemas: *O pássaro* e *O tango*. Este último nasceu de um fato curioso, diz a Drummond: a história de um homem de Caicó que se apaixonou por um manequim de vitrine no tempo que aquilo não existia na cidade.

Quando chega 1976 e o projeto de compor a bibliografia de João Cabral, Drummond fornece-lhe endereços dos amigos que ela pretende consultar para o trabalho: Plínio Doyle, Rubem Braga,

Cyro dos Anjos, Otto Maria Corpeaux. Era o que ela tratou por “carta pedinte”. Para o trabalho Zila, conta que expediu mais de quinhentas cartas para mais diversas pessoas e instituições.

A prova de afeto que Zila conquista com os seus interlocutores está na carta dele de 3 de abril de 1977: “Querida Zila, O José Mindlin já me havia contado o seu acidente e tranquilizado quanto às consequências. Por sinal que ele e a mulher acham você um encanto de pessoa e não fazem mistérios disso. Gostei de ver proclamada por eles a qualidade de gente que você é, pois nada mais gostoso que a louvação alheia aos nossos amigos”. Zila havia sido atropelada ainda em Natal, antes da viagem a São Paulo, nada grave, e acabara de passar uma temporada de 15 dias na casa dos Mindlin.

Em 1982, o poeta ganha um presente: o poema *Os noivos*, homenagem aos oitenta anos do poeta. Em 1985, se encontram, no Rio, na casa do Plínio Doyle. Drummond não a reconhece e escreve uma carta se desculpando; Zila, com encanto, diz que nada disso, como ele havia de reconhecê-la?

Tanto tempo sem se verem pessoalmente e, ela, naquela estadia no Rio, por uma série de desencontros, não pudera telefonar-lhe para avisar da presença, então, como ele iria adivinhar, primeiro, que ela estaria no Rio, depois que fosse ela naquele jantar, e sabe mais porque, ela estava diferente, sim, estava, o cabelo e os óculos. O cabelo cortado naquele mesmo sábado no cabeleireiro de Maria Alice Barroso a cem mil o corte, quase ela desmaia de susto com o preço, e os óculos, ah, os óculos comprados em Viena, maiores que o rosto dela, que ela lhe disse ser de lua cheia, sem contar as roupas largas, ela ainda pontuou. E que ele não viesse com história de que é arteriosclerose, “imagine!”, disse “como dizem os paulistas”, para emendar: “Drummond você é a pessoa mais jovem que eu conheço na minha vida!”.

O poeta Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. A infância foi na fazenda, a juventude em Belo Horizonte onde, na Escola de Odontologia e Farmácia, liderou uma turma de jovens escritores tidos por “futuristas” que incomodavam a poesia parnasiana do momento. Começou a escrever – o desejo acalentado foi exitoso – no jornal Diário de Minas onde passou a funcionário. Sem vocação para farmacêutico, foi ser fazendeiro em Itabira.

O insucesso na lida com o campo o levou a ser professor de geografia e português no ginásio da cidade. Nesse tempo, escreveu o primeiro livro que não chegou a publicar: *Minha terra tem palmeiras*. Uma cópia remeteu a Mário de Andrade com quem se correspondia e recebeu elogios e incentivo do poeta. Alguns dos poemas foram parar no livro de estreia *Alguma poesia* (1930). Outros livros foram escritos e não publicados: *Teia de aranha* e *Os 25 poemas da triste alegria* que se perderam na mão de amigos. Outro, anunciado e nunca escrito: *Preguiça*.

A convite do governador do Estado de Minas, ele assumiu o cargo de redator do Diário e tinha que lidar com a delicada situação política do momento. Eram os anos 1930. Matéria da vida que serviria para os poemas do futuro em referência à memória desse tempo vivido no jornal e a política mineira. A turma da redação era a do romancista João Alphonsus e do futuro memorialista Pedro Nava.

Outra prova desse tempo é que a amizade por correspondência entre escritores é uma prática da literatura brasileira e que nas páginas dos jornais viveram os primeiros exercícios de escrita, sem contar que era uma fonte de renda. Como redator, Drummond

percebia a quantia de 400 mil reis. Não diferente, duas décadas depois, em Natal, Zila Mamede escrevia para o jornal Tribuna do Norte assinando como cronista e depois publicando seus primeiros poemas, a coluna chamava-se *Aspectos da Cidade*¹¹¹.

Os mineiros formavam um grupo que a literatura uniu em amizade. Não era um grupo formalizado, frisaria Drummond, escreviam por diversão “sobretudo para mostrar aos companheiros de café, quando cada um de nós sacava do bolso os seus produtos literários do dia e expunha-os à crítica informal dos outros”¹¹². Em Minas, receberam Oswald de Andrade e o amigo e correspondente Mário de Andrade em 1924. No mesmo ano, começou a se corresponder com o poeta Manuel Bandeira.



¹¹¹ Quanto à atuação de Zila no jornal, as crônicas e os poemas publicados, ver MAMEDE, Zila. *Exercícios de poesia: textos esparsos*. Org. Humberto Hermenegildo de Araujo, Maria José Mamede Galvão, Marise Adriana Mamede Galvão. Natal/RN: EDUFRRN, NCCEN, 2009.

¹¹² Declaração de Drummond em entrevista à Rádio do Ministério da Educação e Cultura nos anos 1950, programa “Confissões pelo Rádio” série de entrevistas a Lya Cavalcanti. In: WENERCK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 46.

A publicação do poema *No meio do caminho* na *Revista Antropofágica* de Oswald, em 1928, foi um estrondo. Reboiço nacional. Mário teve dedo em *A Revista*, quando sugeriu a Drummond: misture o máximo que puder. E nela conviveram os modernistas e passadistas. *A Revista* foi fundada em 1925 com um grupo de amigos e que se estabeleceu como publicação de maior importância do modernismo mineiro.

O jornalismo prosseguiu para o Rio de Janeiro. Drummond colaborou com os jornais escrevendo crônicas, contos, sobretudo, no jornal *Correio da Manhã*¹¹³. Zila também seguiu o caminho do jornalismo ao voltar da sua temporada de estudos no Rio de Janeiro. Em 1957, passou a trabalhar como redatora no *Diário de Natal*, registrando-se como jornalista profissional admitida na Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa, colaborando com outros jornais, como *Diário de Pernambuco*. No mesmo ano, recebeu as credenciais como correspondente do jornal *O Globo* para cobertura jornalística em Roma do Congresso Mundial da Juventude Católica. Drummond continuou redator do *Minas Gerais* até 1953, quando foi empregado regularmente no Serviço

¹¹³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

do Patrimônio Artístico Nacional. Nesse mesmo ano de 1953, Zila Ihe remete o primeiro livro *Rosa de Pedra* e começa a correspondência dos dois.

Rosa de Pedra saiu pela Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte por obra do crítico literário, poeta e diretor da Imprensa, Antônio Pinto de Medeiros, incentivador da poesia de Mamede e autor de uma coleção que naquela década de 1950 publicaria outros poetas potiguaros que entrariam para o cânone da literatura do Rio Grande do Norte, a Coleção Jorge Fernandes com livro dos poetas Augusto Severo Neto, Celso da Silveira, Deífilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Myriam Coeli e Sanderson Negreiros¹¹⁴. Drummond também teve o primeiro livro pela Imprensa Oficial do Estado de Minas, com o valor descontado mês a mês no seu contracheque¹¹⁵.



¹¹⁴ CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas*. Natal/RN: Una, 2011, p. 49.

¹¹⁵ WENERCK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 64.

O lançamento foi com banquete no Clube do Automóvel de Minas, em junho de 1930, e a irreverência de Milton Campos, orador da ocasião, que sugeriu carne de político para a dieta dos presentes.

O lançamento de *Rosa de Pedra* foi também em clima festivo. O livro saiu com duzentos exemplares e capa do artista plástico, poeta, cronista e amigo Newton Navarro. Foi no gabinete do diretor do Departamento da Imprensa em outubro de 1953, o primeiro orador foi o incentivador e promotor daquele livro, Antônio Pinto de Medeiros.

Drummond desenvolveu o ar de conselheiro aos poetas mineiros e com a mesma naturalidade adquirida e manifesta se construiu a correspondência com Zila. Naqueles anos 1950, em que a correspondência entre os dois começa, Drummond era a paixão nacional. O crítico Antônio Candido assinalou: “Drummond é o primeiro grande poeta brasileiro nascido intelectualmente dentro do Modernismo [...]”¹¹⁶.



¹¹⁶ CÂNDIDO, Antônio. *Iniciação à literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010, p.101.

O caminho de Drummond, ainda segundo o crítico, é de instaurar uma poesia não poética. Drummond pratica uma poesia social, individual e política fundidas no eu. O poeta procura registrar o mundo numa síntese entre o social e o individual. Recusa o lirismo convencional, interessado em trazer para a poesia o cotidiano. Um poeta que nasceu marcado para subverter os processos estruturais do poema, tendência que prevalece por toda a sua poesia entre outras características que se deduzem das análises que se debruçam sobre a sua vasta obra poética. Ele mesmo o declara em carta a Zila, “[...] tenho mudado tanto ao longo da vida, e me substituo conforme o humor de cada hora”.¹¹⁷

Também o poeta deixa antever os seus motivos que se encontram na sua poesia, em comentários despretensiosos que revelam o seu pensamento do mundo, claramente presente nos seus versos, em carta a Zila de 1964:

“Nunca senti tanto a companhia de meu pai junto de mim, perto, dentro, do que depois que não posso ir



¹¹⁷ Carta de Drummond a Zila, Rio, 27 de março de 1959. IN: *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Or. Introd. Graça Aquino. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000, p.23.

visitá-los todas as tardes, como fazia em Belo Horizonte. E com minha mãe a mesma coisa. Fui fazendo deles uma imagem perfeita, de tão nítida, à medida que ia aprofundando o sentido da morte de ambos. É uma coisa extraordinária e ao mesmo tempo tão simples, pensar neles na confusão de uma rua do centro, onde eles nunca passaram, ninguém ouviu falar deles, e entretanto caminham ao meu lado, existem, pelo simples ato maravilhoso do pensamento”.¹¹⁸

A família é um tema presente na obra de Drummond e Bandeira. A família aparece como uma volta ao passado, há a presença das figuras de casa, o pai, a mãe, os avôs, tios. O que diferencia são as vozes, enquanto Bandeira é lírico, Drummond entende o poema como um registro de uma emoção ou percepção, ele mesmo o revela em carta para Zila. Zila também trará a família como elemento poético. O Arado é a fixação do passado, a infância, a juventude, a família com a presença dos avós.



¹¹⁸ Carta de Drummond a Zila, Rio, 27 de março de 1959. IN: *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Or. Introd. Graça Aquino. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000, p. 38.

Outro ponto chave da poesia, dessa poesia que se praticava por eles, é a presença dos temas inusitados, coisa que Drummond era mestre e João Cabral foi aprendiz. Em *Educação pela pedra* (1966), por exemplo, João Cabral publica um poema sobre a aspirina. O professor Alexandre Alves¹¹⁹ antevê no título do primeiro livro de Zila uma homenagem, ou a presença da influência literária de Drummond e João Cabral de Melo Neto, o primeiro é autor do livro *A rosa do povo* (1945) e o segundo de *Pedra do sono* (1942), de onde vieram a rosa e a pedra para a *Rosa de pedra* de Zila.

Para essa geração de poetas, que orientam Zila em seu percurso, o poder da poesia está na palavra. É a relação entre as palavras que revela a poesia. Bandeira trouxe a lição de Mallarmé: “poesia está nas palavras”¹²⁰. Outro ingrediente caro à poesia, tempo para maturação do poema. Nas cartas de Drummond para Zila se pode antever. Carta, Rio, 4 de novembro de 1958: escrever, escrever e depois ir peneirando, como um exercício,

¹¹⁹ ALVES, Alexandre. *Silêncio, mar: a poesia de Zila Mamede nos anos 50*. Natal/RN: Sebo vermelho, 2006, p. 26.

¹²⁰ BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2012, p. 41.

que consiste em ver, avaliar, ver novamente. Pensamento que João Cabral também compartilhava.

O tempo é um fator da poesia. Só com tempo é possível trabalhar o poema para ser o que deve ser. O poeta deveria estar com constante luta com o poema. Também era prudente entender um verso como uma unidade independente de sentido. Em *Rosa de Pedra*, é Paulo de Tarso Correia de Melo¹²¹ quem observa, Zila já denotava essa preocupação com a linguagem, a experimentação mesmo que resultasse em sacrifício à “elegância” ou “pureza” do verso e o emprego de expressões pouco comuns em poesia. Em *Salinas* (1958), também há a atenção à contenção vocabular, o conselho de Drummond fora bem empregado.

Para João Cabral a poesia era um exercício e o poeta um funcionário desse ofício. Não havia inspiração ou lirismo para mover um poema, mas pura e simplesmente a atividade racional. Um poema são colagens que formam imagens, dizia, definindo-se

¹²¹ MELO, Paulo de Tarso Correia de. Zila Mamede itinerário e exercício de poesia. IN: MAMEDE, Zila. *Navegos*. Belo Horizonte: Vega S.A., 1978.

um poeta cubista¹²². Era um confesso antilírico. Ao descobrir Drummond de *Brejo das Almas* fica certo que é possível fazer poesia sem lirismo desmedido.

A influência literária de Drummond na poesia de João Cabral demarca-se; é a partir de um poema de Drummond, *Quadrilha*, que comporá *Os três mal-amados* (1943), utilizando os primeiros versos do poema na epígrafe: “João amava Teresa que amava Raimundo...” e na dedicatória de *O engenheiro* (1945): “A Carlos Drummond de Andrade, meu amigo”, depois virá o rompimento da poesia e da amizade¹²³.

Ao contrário de João Cabral, para Bandeira, o poema nascia em um momento de exaltação poética, fruto de um decurso emocional presente em algum acontecimento da vida. A poesia estava em qualquer coisa¹²⁴. João Cabral nasceu em 1920, no Recife,

¹²² CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

¹²³ SECCHIN, Antonio Carlos. A literatura brasileira & alguns Portugal. In: SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: uma faca só lâmina*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.426-442.

¹²⁴ BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2012.

e as memórias da infância vão tornar em poemas que recuperam o tempo de menino de engenho. O canavial onde lê para os trabalhadores analfabetos folhetos de cordel despertaram-no para a literatura e a casa da cidade à beira do rio Capibaribe, em Recife, os registros do poeta menino, depois as andanças pelo mundo, o que vê e que vai transformar em poesia.

João Cabral de Melo Neto, pernambucano, poeta e diplomata, se destacou como um dos maiores poetas brasileiros e construiu uma carreira sólida na diplomacia e na literatura. Residiu em diversos países, andou por diversas cidades, em razão de suas atividades diplomáticas e por um maior período na Espanha. Para tratar de uma dor de cabeça que o acompanhou por toda vida, desde a juventude no Recife, a qual se submeteu a diversos e longos tratamentos durante toda a sua vida e sem sucesso, permaneciam as dores, foi aconselhado a se dedicar a algum trabalho manual, por isso, comprou uma prensa manual e se dedicou a confeccionar livros dele e dos amigos, em pequenas tiragens, constituindo uma espécie de gráfica artesanal¹²⁵.



¹²⁵ CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma; diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

Na correspondência com os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, lá está ele a pedir livros aos amigos para trabalhar na prensa. Foi o resultado dessa atividade a impressão de diversos livros de poesia¹²⁶.

No começo dos anos 1940, começa a escrever os poemas que vão aparecer no primeiro livro, *Pedra do sono*. As dificuldades foram as mesmas enfrentadas. *Pedra do sono* é editado a partir de uma lista de contribuições para colaboradores, compareceram, além da família, desconhecidos. O livro saiu com 50 exemplares em edição de luxo, papel doado pelo primo Gilberto Freyre, uma sobra da edição do *Guia de Olinda*, e mais 200 exemplares em papel comum.

Em 1942, se muda para o Rio de Janeiro e ali, prestando concurso para o Instituto Rio Branco, vai ser diplomata em quatro continentes durante toda a sua carreira até o grau de embaixador. No Rio, por intermédio de Drummond, toma conhecimento



¹²⁶ MELO NETO, João Cabral de. Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond. Org. apresentação e notas Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.

que o crítico Antônio Candido havia escrito um artigo elogioso sobre o livro. Ali também conhece Bandeira, encontravam-se todos os domingos pela manhã enquanto João Cabral esteve no Rio, e também com Drummond todos os dias ao final do expediente no Café Itaí. Começa a aventura diplomática em 1947, rumo à Espanha. O destino: Barcelona. À dor de cabeça crônica, o médico receitou a atividade física e, como não lhe agradava, resolveu se exercitar numa prensa mecânica produzindo livros.

Foi editor dos seus livros e de livros de amigos. *Mafuá de malungo* (1948), do primo Bandeira, eram primos, foi pela prensa de João Cabral, a quem dedicaria também, nos 80 anos de Bandeira, o seu *A educação pela pedra* (1966). Imprimia edições artesanais de 100 exemplares. Raríssimas vezes, 150. Dessa leva sai *Cão sem plumas* (1949) e, entre 1947 e 1950, saem outros 12 livros. Em 1950, o destino é Londres e uma imersão na poesia inglesa, o mesmo fará na temporada em Marselha, dedicando-se a leitura dos franceses. No final dos anos 1960, já é poeta consagrado com a publicação da poesia completa até então (1968) e a eleição para a Academia Brasileira de Letras.

Quando Zila propõe o trabalho sobre João Cabral nos anos 1970, já estava diante de um poeta respeitado mundialmente, que na Espanha privou da amizade de personalidades como Juan Miró, mas também de um homem que se considerava vocacionado para solidão e com crises de depressão, as quais Zila busca contornar na realização do seu trabalho. A primeira providência quando Zila sugere o trabalho a João Cabral veio de ele dizer que não seria possível, para ela nem tentar.

O encontro definitivo para selar a empreitada é em Natal, entre 12 e 13 de fevereiro de 1976, João Cabral estava na cidade. Nos anos 1970, João Cabral é embaixador no Senegal e nas férias corre sempre para Pernambuco. Numa delas, vem ao Rio Grande do Norte para cumprimentar Senghor, Leopold Senghor, presidente do Senegal, poeta e seu amigo, que em viagem para Martinica pernoitaria em Natal¹²⁷. É nessa ocasião que, encontrando-se com Zila, João Cabral é abordado por ela com o intuito da poeta de lhe compor a bibliografia.



¹²⁷ CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

A correspondência entre os dois é anterior a esse projeto, tem início nos anos 1960, vai de 1968 a 1984. João Cabral não desautoriza Zila, que lhe envia a primeira carta de 19 de julho de 1976 e recebe como resposta, em 30 de agosto, material para começar a pesquisa. O poeta lhe envia o seu arquivo que se avolumava em cerca de doze a quinze pastas de documentos, e eram recortes e artigos de jornal e revistas, capítulos de livros, entrevistas, fotografias etc., além disso, todas as obras de João Cabral e o endereço de críticos de diversos países que haviam escrito sobre a sua obra. Zila responde dizendo-lhe que já havia material suficiente para começar.

O título *Civil geometria* é escolhido de pronto e definido pelos dois. Em 30 de setembro, Zila remete a carta circular para começar a coleta de dados e o trabalho que tinha plano de durar quatro anos a princípio. Começa. Já em janeiro, Zila está em São Paulo com os Mindlin consultando os livros do poeta, entregue ao trabalho que administrará juntamente as suas atividades de bibliotecária na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a retomada de sua atividade poética.

A obra poética de Zila é de destaque e reconhecida nos círculos nacionais nos quais se estampavam críticas positivas nos principais jornais do Brasil. Antônio Olinto, Nelson Werneck, Osman Lins, que publicavam nos jornais O Globo, Correio da Manhã, Jornal do Comércio e Folha da Manhã, escreveram sobre a poesia de Zila.

Registram-se também, posteriormente, alguns trabalhos acadêmicos sobre a sua obra poética, entre monografias, dissertações e teses. Elza Maria Bezerra Lamartine apresenta a monografia *Zila, obra poética: uma visão história de trechos* (UFRN, 1981); Beteizabete de Brito, a dissertação *Ancoragens textuais de Navegos* (UFRN, 1992) e a tese *Gênese de Herança* (UFRN, 1999); Graça Aquino, dissertação *Zila Mamede, a memória como evocação* (UFRN, 1996) e Marize de Lima Castro, dissertação *Uma mulher entre livros: Zila Mamede e o silencioso exercício de semear bibliotecas* (UFRN, 2004); e Charliton José dos Santos Machado, a tese *Práticas de mulheres do Seridó paraibano 1960-1980* (UFRN, 2001).

Sobre Zila, a poeta Marize Castro também construiu um completo ensaio: *Zila – infinita, liquefeita*, que integra o livro-álbum de

fotografias de Zila organizado por ela, Marize, e pela jornalista Angela Almeida, *Zila Mamede: se esse humano dos meus gestos* (2003). Zila está também presente nas notas e nos apontamentos biográficos da literatura do Rio Grande do Norte escritos pela poeta e professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte: *Literatura do Rio Grande do Norte (antologia)* e *Escritoras do Rio Grande do Norte*, e no trabalho do professor Tarcísio Gurgel, *Informação da Literatura Potiguar*, ambos publicados em 2001. Há também o prefácio em *Navegos*, pelo professor e amigo, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo.

São seis livros de poemas publicados: *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), *Arado* (1959), *Exercício da Palavra* (1975), *Navegos* (1978) e *Herança* (1984), em vida; dois póstumos: *Navegos Herança* (2003) e *Exercícios de poesia textos esparsos* (2009); e dois estudos bibliográficos: *Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual, 1918-1968* (1970) e *Civil Geometria: bibliografia crítica e anotada de João Cabral de Melo Neto* (1987).

O trabalho sobre Cascudo seria o resultado da sua dissertação de mestrado em biblioteconomia na Universidade de Brasília, em 1964, que não chegou a concluir; e o último, sobre João Cabral,

é uma publicação póstuma. Trabalhos a que Zila se dedicou de forma independente. A que se somam em trabalho conjunto com Deífilo Gurgel, pesquisador, poeta e folclorista, *Bibliografia anotada sobre Xico Santeiro* (1966) e a tradução de *Índice em cadeia e catálogo classificado* (1966), publicado pelo Boletim Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Zila foi uma desbravadora e por sua força e organização pessoal e empenho se meteu nessa aventura de compor a bibliografia de João Cabral, “é claro que um burguês bem comportado – lhe escreve Mindlin na carta de 04 de outubro de 1976 – não se aventura a um trabalho deste tipo, e o fato de você não se incluir entre gente bem comportada é muito simpático”.

O levantamento de Zila se propunha minucioso, a ficha de dados bibliográficos remetida a Mindlin sobre a edição de luxo de *O Rio* incluía o título completo, “O Rio ou a relação da viagem que fez o Capibaribe de sua nascente a cidade do Recife”, os detalhes da edição: “edição de luxo comemorativa dos 20 anos do Prêmio de Poesia do IV Centenário de São Paulo”, epígrafe, lugar da edição, editor, impressor, ilustrações e tipos, capa, número de páginas,

formato, tiragem, todas as informações na lista respondida por Mindlin e remetida a Zila.

O plano de Zila, de acordo com o projeto que instituiu, e começou naquele ano de 1976, levaria quatro anos para ser realizado e consistia em levantar, segundo informa na carta: “todo e qualquer tipo de material em que a obra de João Cabral de Melo Neto ou a obra sobre ele escrita tiver sido divulgada”.

O formulário de resposta para o levantamento preliminar remetido a amigos e estudiosos da obra de Cabral consistia em três tópicos: 1. Trabalhos de sua autoria sobre JCMN (Zila usa essa abreviatura com as iniciais do nome para referir-se ao poeta), em que se deveria relacionar indicando o título, o local, o editor, a data de publicação; 2. Trabalho(s) de outros autores existentes sobre JCMN em sua biblioteca, arquivo, etc., da instituição e ou empresa que dirige, também relacionar os mesmos requisitos do tópico anterior; 3. Como obter, assinalar o meio, se por compra e onde, ou cópia, ou outro a especificar trabalhos de JCMN.

A correspondência entre os dois, Zila e Mindlin, corre em paralelo ao firmamento de uma relação afetuosa que supera o objetivo

do trabalho da bibliografia de JCMN. Mindlin se dispôs também a fornecer contato de outros estudiosos que poderiam ser úteis, socorreu Zila com algumas outras publicações, além de ser alvo do seu afeto. Zila compartilhou a sua poesia; ainda em 1976, enviou ao casal um exemplar de *Exercício da Palavra*, a bibliografia de Cascudo a qual ela compôs e recebeu, para a Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde trabalhava, um exemplar da Revista Antropofágica reeditada por Mindlin.

A Mindlin e a Guita agrada a poesia de Zila, inclusive, Mindlin manifestará a Zila que está diante de uma poeta, em outras palavras, de gabarito, não desce a comentários ou pormenores, mas manifesta anuência ao trabalho poético que Zila apresentava. Consta na correspondência com o poeta Carlos Drummond de Andrade um traço que parece ser uma característica do exercício literário de Zila. Ao compartilhar com Drummond, e até Bandeira, seus poemas em busca de orientação.

Zila era incansável não só como poeta, mas, também, como pesquisadora, compondo as bibliografias, organizando acervos e bibliotecas que acompanhava a sua constante formação e aperfeiçoamento. Fez curso de biblioteconomia na Biblioteca

Nacional no Rio de Janeiro, o primeiro, onde conviveu com o poeta Manuel Bandeira e voltou-se para um mestrado na área em biblioteconomia, que não chegou a concluir, absorvida com o trabalho nas bibliotecas.

Fez cursos nos Estados Unidos também, andou a Europa como correspondente do jornal O Globo e conheceu Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, meio mundo nessa viagem. Já a sua escola poética a formou Bandeira e Drummond. Bandeira a ela disse: você é poeta até embaixo da água do Capibaribe, em resposta à leitura de *Rosa de Pedra*, livro de poemas dela que ela havia lhe remetido; e foi além, aconselhou-a a estudar latim e a ler os poetas latinos¹²⁸.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira nasceu em Recife (1886) e faleceu no Rio de Janeiro (1968), estudou no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e em São Paulo frequentou a Escola Politécnica, pretendia ser arquiteto, abandonado em razão da tuberculose, “*Diga trinta e três. / – Trinta e três... trinta e três... trinta*

¹²⁸ GALVÃO, Claudio. *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal/RN: Moura Ramos, 2005.

e três.../– *Respire.*”, que o levou, em 1912, a internar-se em sanatórios na Suíça para tratamento; foi quando conheceu a poesia pré-simbolista e simbolista francesa.

O primeiro livro de poemas saiu em 1917, *A cinza das horas*, impresso na Oficina do Jornal do Comércio, de Recife, edição com duzentos exemplares e financiada pelo autor. Participante da Semana de 1922, além de poeta, Bandeira atuou como cronista e tradutor, professor de português do Pedro II e de Literatura Hispano-Americana na Universidade do Brasil. Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Escrevia crônicas para os jornais do Recife, do Rio de Janeiro e de São Paulo e para programas de rádio¹²⁹.

É autor, entre outros, de *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946), em que cita, nas edições posteriores, a amiga Zila na geração dos novos (e bons) poetas que nasciam. Conviveu com os escritores brasileiros do seu tempo, se correspondia com todos eles, dentre eles o poeta Mário de Andrade.

¹²⁹ BANDEIRA, Manuel. Cronologia. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.19-28.

José Condé¹³⁰ desenhou um perfil biográfico em que nele se anotam coisas assim sobre Bandeira: solteiro e sem filhos, 1,68 de altura sem os sapatos, míope e usa óculos, dentuço que ri, agradecendo sempre os livros que recebe. Responde cartas, admira o poeta Carlos Drummond de Andrade, de sua predileção. Não é requintado, pois gosta de jiló, cinema falado, rádio e de poetas de segunda ordem. Ele mesmo quem prepara o seu café da manhã e faz versos desde os dez anos de idade. Não diferente seria o retrato de Zila quando conta da sua amizade com o poeta:

[...] Tivemos logo, assim, uma simpatia muito grande um pelo outro, e passei a ser a neta que ele não teve. Eu ia toda semana à casa dele; antes de ir para a Academia ele fazia sorvete pra mim, sorvete de café. Nas férias, eu levava castanha de caju, aquelas cobertas de açúcar para ele dar a uma grande amiga dele, Madame Blanche. Ele, realmente, era um pai pramim. Ele me dava todas as duplicatas de livros



¹³⁰ CONDÉ, José. Flash autobiográfico de Manuel Bandeira. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.29-30.

que recebia, entrada para todas as estreias de teatro e balé do Rio de Janeiro. Ele, realmente, me tratou como uma pessoa da família e fez mais: me obrigou a estudar. Inclusive, em cartas dele para mim, ele me obrigava a estudar latim, a conhecer os clássicos, ‘se eu não tivesse coragem de estudar latim, que pegasse essas traduções lineares, chamadas “tradução de burro”, e lesse o latim e a tradução justa linear, página dupla, latim e português, que eu “tinha a obrigação de aprender os clássicos: sem ler, ninguém era poeta!”.¹³¹

Em fins de 1951, Zila escreveu para Manuel Bandeira, contou que lia o poeta de *A cinza das horas* e, por isso, resolveu escrever para ele e enviar alguns dos seus poemas. Recebeu de volta um cartão e o poema dela *Soneto Noturno para o Rio Capibaribe* publicado no Diário Carioca. Quando Zila vai para o Rio de Janeiro, em 1954, cursar biblioteconomia, a interferência de Bandeira é

¹³¹ MAMEDE, Zila da Costa. *Memória Viva de Zila da Costa Mamede*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2012, p.22. ed. Fac-similar. Natal/RN: Editora Universitária, 1987.

importante para que consiga uma bolsa de estudos que possibilite a sua sobrevivência. A primeira pessoa com a qual ela entra em contato quando chega ao Rio é com o poeta. Zila ia toda semana a casa dele, e ele lhe recomendava leituras, obrigava a estudar e ler os clássicos, e julgava imprescindível a um poeta saber latim, presenteava-lhe com duplicatas dos livros que recebia e entradas para espetáculos. Em 1956, Zila concluiu o curso e voltou para Natal, já eram definitivamente grandes amigos.

A ideia de compor a bibliografia de João Cabral sucede ao trabalho realizado sobre Câmara Cascudo na década de 1960. João Cabral vem a Natal entre os dias 12 e 13 de fevereiro de 1976, e é surpreendido pela proposta de Zila. Ela está determinada e se propõe, também, numa espécie de diário, a registrar cada passo do trabalho que tem a realizar.

Em julho do mesmo ano, escreve ao poeta pedindo aprovação para começar o trabalho. João Cabral responde no dia 19 de julho, carta que vem do Senegal onde estava como Embaixador do Brasil. Zila, com a anuência em mãos, começa a trabalhar sobre o primeiro material que recebe do poeta pelo correio em 30 de agosto. Em setembro, começa o envio das cartas para

coleta do material do qual Mindlin foi um dos destinatários. A correspondência segue:

Natal, 21 de novembro de 1976

Festa de Nossa Senhora da Apresentação

Mindlin:

[...] Agradeço as suas palavras sobre Exercício da Palavra. Confesso que publicar este livro foi como fazer um boi tomar um trem. Acho que digo isso, de certa forma, quando passei tanto tempo sem ter coragem de publicar livro. Depois, publicar livro, no Brasil, é coisa para poeta federal: poeta municipal deve ficar em seu lugar: calado. E cuidar da obra dos poetas federais: é o que estou me propondo a fazer: cuidando do João, como cuidei do Cascudo. Creio que presto um serviço, fazendo este tipo de trabalho. E que serviço presto eu publicando livro que não tem editor e quando tem impressor ele não sai dos porões da gráfica governamental? Não estou me lastimando; isso é a mais pura verdade. Estou com outro livro em andamento: João me obrigou a trabalhar na frente

dele e a retrabalhar Exercício da Palavra. Ele deu as costas ao Brasil e eu engavetei tudo[...].

Zila, nesse ponto, invoca de alguma forma um poema do amigo Drummond, que está lá em *Alguma Poesia* (1930), dedicado ao amigo em comum o poeta Manuel Bandeira:

Política literária

A Manuel Bandeira

O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.
Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz

A conversa entre os dois, Zila e Mindlin, corre então para o tom da amizade gradativamente. Zila se mostra franca, confortável e íntima e o protocolo vai pouco a pouco se esvaindo. O trabalho continua: Mindlin, carta de 26 de novembro de 1976:

“respondendo em primeiro lugar à sua pergunta sobre ‘O Rio’: a edição foi de 1974 e unicamente 100 exemplares [...] meu papel foi dar a ideia e acompanhar a feitura do livro”.

A amizade se firma, Mindlin, ainda na mesma carta: “gostei do jeito de suas cartas, achei que a gente se entende também tenho a impressão que estamos caminhando para uma amizade, e amizade a gente vive simplesmente, sem conta corrente”. E Zila, carta de 14 de dezembro de 1976: “Concordo com você, quanto da amizade sem conta corrente e foi muito lindo você dizer isso. Pode crêr”.

Zila marca as férias e visita a casa dos Mindlin. Lá se hospedará, com a previsão 10 de janeiro, e manda perguntar de antemão: “que coisas do Nordeste são desejadas pelo seu paladar? P. ex: cachaça, caju, carne de sol, feijão verde, manteiga líquida, mangas, o que?”. O bibliófilo registrará, posteriormente, o firmamento dessa amizade em duas oportunidades, na apresentação de *Civil geometria*: “Zila várias vezes trouxe para a nossa casa paulista o calor do seu entusiasmo nordestino”; e na edição conjunta de *Navegos/A Herança*: “num dia ensolarado, chegou aqui Zila Mamede,

com sua bagagem, carne seca, e manteiga de garrafa, desde logo falando em preparar o almoço, e isso foi o início de uma grande amizade, que só a morte interrompeu”.

No dia 20 de dezembro de 1976, avisa: “chego dia 20 de janeiro [1977]”, mas deixa claro que, havendo empecilho, muda-se a data que vai estar de férias até 9 de fevereiro e que pode telefoná-la que às tardes ela estará em casa; às manhãs, nadando; e finais de semana, nas praias próximas da cidade. E que nada de João Cabral confirmar a ida ao Rio de Janeiro, a ida a São Paulo para ir aos Mindlin dependia da vida de João Cabral (que morava no exterior): “Estou um tanto preocupada com isso, pois você que o conhece talvez melhor do que eu sabe, como eu sei, da pessoa extremamente gentil, educada e atenciosa que é o João: está mergulhado no mais profundo poço de angústia”. Zila relata que há na correspondência entre ela e João Cabral queixas do poeta quanto a isso e uma indefinição dele, ele é vago, não chega a responder categoricamente uma data prevista para a vinda ao Brasil. O que aflige Zila, que depende dessa definição. Haverá nesses trâmites até desencontros, Zila alega ter perdido a passagem do poeta que não chegou a avisá-la certa vez de sua presença no Rio. Mais detalhes devem-se

se encontrar nas cartas entre João Cabral e Zila. Em janeiro de 1977, Zila segue para São Paulo, passa quinze dias na companhia dos Mindlin, retornando em fevereiro.

Zila é constantemente biográfica, uma necessidade de apresentação e até conforto dela com a amizade, uma espontaneidade revelada, assim nesse tom é que pergunta mais como vai o clima de São Paulo, porque “nordestino só veste roupa de verão”.

E em tom de graça completa: “sobretudo, alguém que, como eu, além de nordestina, tem um bom punhado de mestiçagem de índio, português, espanhol e preto – veja só que bela mistura a minha. Ainda por cima, tenho prenome judeu com sobrenome árabe, não sendo nem uma nem outra coisa, embora a minha vocação judaica seja bastante acentuada: o que sou mesmo é sertaneja”. (28 de dezembro de 1976). O sertão está presente na obra poética de Zila e como parte daquele chão ela se definia.

Zila preparava *Navegos*, lançamentos previstos em Recife, João Pessoa, Campina Grande e Mossoró. Brasília estava confirmado também. Rio e São Paulo, a acertar. As cartas já eram endereçadas ao casal “queridos amigos Guita e Mindlin: isto é, na verdade,

um pedido de ajuda, a vocês, tenho medo de São Paulo e do Rio” (2 de setembro de 1978). A poeta temia um lançamento vazio, por não ter muitos contatos em São Paulo, embora considerasse que, pela sua temporada no Rio, poderia reunir alguns amigos.

A questão era que em São Paulo não achava prudente porque ali se considerava desconhecida, pretendia optar por só pôr disponível à compra nas livrarias da cidade. A Editora Vega, de Belo Horizonte, que publica o livro, planejou lançamentos em Natal, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Brasília. Em São Paulo, foi posto à venda na livraria Parthenon. No Rio Grande do Norte, houve lançamento em Currais Novos, Caicó e Mossoró.

Há fatos e dados que escapam da correspondência. As visitas que Zila fez a São Paulo e os telefonemas entre os dois também construíram os laços. O chamamento já muda em algumas cartas, Mindlin é o “tio Juca” ou “Zé” e Zila já assina “Zil”.

Há também a visita de Mindlin a Cascudo, em Natal, também tema nas cartas, quando Zila envia fotografias de Guita, Mindlin e Cascudo em Natal, remetidas com dedicatória no verso do punho do próprio Cascudo que faz o registro da data da visita,

15 de outubro de 1978. Há outro indício da presença de Mindlin em Natal, em carta, no ano de 1982, em dezembro. Mindlin virá outras vezes a Natal. Há tentativa de, diante dos gastos financeiros com o trabalho da bibliografia, propor um projeto para financiamento da pesquisa ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que é negado na primeira tentativa e aceito na segunda, aprovado em 22 de dezembro de 1981.

A interferência de Mindlin é importante para que haja a concessão. O amigo estava engajado no projeto e, após a morte de Zila, será o responsável por arregimentar os esforços para a publicação da pesquisa em livro. A Mindlin caberá a apresentação. Zila deixou rascunhada e da forma como ficou também foi publicado na edição¹³²:

Quando em 1976 expressamos a João Cabral de Melo Neto o desejo de trabalhar na sua bibliografia, recebemos dele uma resposta bastante desanimadora:

¹³² MAMEDE, Zila. *Civil geometria*: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto (1942-1982). São Paulo: Nobel, 1987, p.XIII a XV.

- “Impossível!” Argumentava ele, na ocasião, que tendo vivido em muitos países, seria impossível fazer-se um levantamento do que se escrevera sobre ele. Insistimos na ideia. Conseguimos obter sua adesão e sua concordância.

Desde 1970, quando publiquei o trabalho de pesquisa Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968, Natal: Fundação José Augusto, 1970, 2v em 3, desejei um dia realizar pesquisa semelhante mas no terreno da poesia. Guardei a ideia para uma ocasião propícia. Em 1968, conheci pessoalmente João Cabral de Melo Neto. Mantivemos, desde então, um profícuo relacionamento de amizade pessoal e de interesse literário. Cada encontro nosso equivalia a um curso de literatura e de arte poética. A partir de então, fui-me inteirando e me aprofundando na leitura de sua obra. Foi quando tomei conhecimento do estudo de Benedito (Nunes). Esse estudo apresentava, até então, a informação bibliográfica ‘mais completa’ sobre a obra de JCMN. Pois foi exatamente a partir de Benedito Nunes que tomei a decisão:

a pesquisa seria sobre o poeta nordestino, e este poeta estava escolhido: João Cabral de Melo Neto.

Até este momento eu não tinha ideia clara de como iniciar.

Escrevi ao autor, comunicando-lhe minha intenção e solicitando-lhe minha intenção e solicitando-lhe a permissão para realizar o trabalho. A resposta não foi animadora: 'Impossível', disse-me ele.

Inicialmente programei fazer o levantamento do material bibliográfico, coletá-lo, analisá-lo e publicá-lo em homenagem aos 60 anos do poeta, ou seja, em 1980: calculando o tempo pela experiência que eu havia adquirido com o trabalho sobre Luís da Câmara Cascudo, conclui que em 4 anos teria a pesquisa pronta para publicar.

O que ocorreu foi que, em 1980, eu nem havia conseguido um financiamento para o desenvolvimento da pesquisa, o que somente ocorreu em janeiro de 1982.

Mudei, evidente, de plano: estabeleci 1982 como data limite, fechando assim um círculo. Sobre os 40 anos de atividade poética de JCMN, 1942 – publicação de Pedra do Sono, 1982, pub. De A escola das facas e Poesia Crítica. É evidente que [aqui termina o texto].

O livro saiu em 1988, uma coedição da Editora Universidade de São Paulo, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Instituto Nacional do Livro e Fundação de Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social de São Paulo. O término foi possível com o trabalho final, seguindo as instruções já propaladas por Zila enquanto caminhavam com a pesquisa, pelas bibliotecárias que a auxiliavam, Gildete Moura de Figueiredo, Rejane Lordão Monteiro e Emilia Souto.

Juntas trabalhavam todas as tardes, no apartamento de Zila. Na sala, todo o material utilizado para a pesquisa: livros, recortes de jornal, etc. Mais de duzentas siglas foram necessárias, criadas por ela, o arrolamento dos títulos das obras de João Cabral dispostos não só por períodos, mas também por edições em português e língua estrangeira. A conclusão do trabalho

da forma como planejara Zila foi possível porque no diário de campo permaneceram instruções anotadas em janeiro de 1981¹³³:

Ivonete acaba de me dizer: “por favor, diga o que eu faço com esse seu trabalho (João Cabral – bibliografia) caso você morra antes de concluí-lo’. Embora sendo uma estranha pergunta para uma irmã fazer a outra, na entradinha do ano novo e na véspera dela mesma viajar para o Rio de Janeiro, de férias, registro aqui, agora, às 11 horas da manhã, o que deve ser feito com o trabalho em processamento, caso alguma coisa me impeça de concluí-lo”:

1 O trabalho deve ser entregue sob documento de co-autoria à bibliotecária Cremilda Perucci, da Universidade Federal de Pernambuco. Ela tem conhecimento e concorda com a minha decisão e já decidimos isso desde 1977, confirmamos em abril de 1980, no Recife. É impossível que eu e

¹³³ GALVÃO, Claudio. *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal/RN: Moura Ramos, 2005, p.157-158.

Cremilda morramos ao mesmo tempo. Mas, caso isso aconteça, o que será patético, entregar o trabalho ao INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Espero não morrer, pelo menos até conversar sobre o assunto, com meu amigo Fernando Freire.

2. Todo o material bibliográfico dos 15 álbuns pertence a João Cabral de Melo Neto e sua família e a eles deve ser devolvido sob recibo. Espero concluir o fichamento antes de poder o morrer ou ter que morrer.
3. Todo o material bibliográfico do qual não dispoña a biblioteca particular de João Cabral de Melo Neto, deve ser entregue a Stella Maria Cabral de Melo, para completar a coleção.
4. Tudo o que for duplicata para biblioteca particular de João Cabral, deve ser entregue a José Mindlin. Ele também já está ciente disso.

5. Toda a minha correspondência deve ser entregue por doação a José Mindlin. Ele já sabe o que fazer com a correspondência.

Natal, 2 de janeiro de 1981.

A confiança era tanta que Zila assim escreveu ao “querido tio Juca”, em 7 de setembro de 1981: “gostaria de lhe pedir permissão para enviar-lhe uma análise bibliográfica na fase em que se encontra, afim de obter de você uma opinião sobre alguns dados que estou questionando: e eu prefiro ter a opinião de uma pessoa que entende de livros, de informação, de arte, de cultura, afinal de contas, do que ouvir um técnico em documentação e que não está habilitado a uma visão ampla de um processo de criação qualquer quanto mais poético”.

Zila também remeteu poemas. *A Máscara* chegou, por carta, dia 7 de dezembro de 1980, para “tio Juca”, datilografado e com a menção da poeta: “este é o primeiro poema escrito na minha casa nova”. Um poema que seria publicado em *A Herança*, com o título de *Hermelinda no espelho*.

A Máscara

Zila Mamede

O rosto exige unção de creme nutritivo
textura de loção hidratante
sedosidade de sabão adstringente

O rosto seleciona cores de potes,
formatos de tubos e de frascos:
na concorrência das embalagens
que se oferecem em fiteiros e vitrines
– o chamariz harmônico e ofuscante
dogaz-neon, luz fria, candeeiros

Espelhos salientam abusivos olhos
pincéis acentuam a descritiva sensual dos lábios
dedos massageiam impiedosas geometrias de
pescoços e colos

Sacralizados em banheiros e termas
múltiplos cosméticos realimentam
as vibrações do rosto que exorcisa o tempo.

Natal, 7/12/80

Zila também se refere à participação no laboratório de criatividade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tratou do processo criativo do escritor, no caso de Zila, a exposição do seu processo de criação poética em que ela utilizou esse poema.

Tio Juca também recebeu o poema *Retrato de João Cabral de Melo Neto*, em 11 de janeiro de 1981: “trabalhei durante mais de 30 dias neste poema (ou este poema). Ainda não gosto da palavra reprimida, do sentido dístico e penso que vou grifar, e não aspear a palavra compreende. É um cacoete do João, mas é também uma palavra espanhola, não? Acho que o poema vem da razão do meu contato com 40 anos de arquivo sobre ele, inclusive com uma razoável iconografia em que os mesmos gestos se registram com frequência. Inclusive submetido o poema a ele antes de batizá-lo e ele aprovou o título que antes eu havia colocado: Retrato do artista”.

O poema é publicado em *A Herança*, no entanto, percebe-se, consultando a cópia do poema enviada a Mindlin naquele ano, que o segundo verso da sétima estrofe passou por uma alteração na versão que saiu no livro. Enquanto no poema enviado a

Mindlin consta “angustiada ausência, reprimida presença”, em *A Herança*, ficou: “na rotineira ausência, intempestiva presença”.

Retrato de João Cabral de Melo Neto

Zila Mamede

O gesto de tirar os óculos, de apoiar a testa na mão
(como para sustar a explosão das ideias e interiorizar-se)

O ricto de auto-comiseração (ou zombaria):
apertar os lábios num sorriso seco e horizontal
de máscara

O medo do demônio e dos infernos
e nenhuma convivência com um Deus que seja

O pavor e o pudor: onipotência e técnica
de preservar a intimidade dolorosa

A neurose da aspirina, do relógio e do tempo
como se o instante último fosse necessariamente
aquele

O desejo de amor, a recusa do amor, o pecano no amor
e a casuística fidelidade ao próprio amor

A missão, a omissão e a ousadia da distância:
angustiada ausência, reprimida presença

O degredo e o segredo: na tortura
pela aspereza da dor invulnerável

A necessidade de confirmar se se “comprende”
o debate, a fluência, a lucidez

A dialética e a disciplina do poeta
e o preconceito atávico da casta

O compromisso ascético com a palavra:
salvação e danação, perdição e deificação

Natal, 11/01/81

Mindlin, ao que parece, era um colecionador de “originais”. Zila remete o poema como um presente fazendo referência “espero que você possa usar o poema como mais uma peça para a sua coleção de ‘raridades’...”. Não encontramos cópias de possíveis cartas de Mindlin em que haja comentário a esses poemas, o acesso à correspondência bilateral foi possível quando foram encontradas, no arquivo de Mindlin, cópias das cartas que remeteu a Zila e não só e apenas as que dela recebeu. Comentários, observações, algo do tipo, que tratem desse material recebido por ele talvez durmam em cartas de Mindlin para Zila que constem no arquivo da poeta.

O carinho e o afeto mútuo resultam, definitivamente, em um gesto significativo da poeta que encerra a grandeza dessa amizade em que se refletem essas e as demais relações que a poeta construiu na sua vasta correspondência, ainda pouco conhecida e estudada, aqui brevemente relacionada com a consulta a diversos acervos em que, pela primeira vez, se apresentam não só as cartas e os poemas que remeteu a Carlos Drummond de Andrade, em que se revelam traços biográficos, o construto da sua poesia e o percurso empreendido para a construção da bibliografia de João Cabral de Melo Neto, mas também

a correspondência da poeta com o bibliófilo José Mindlin, a quem Zila remeteu o original datilografado de *A Herança* com a seguinte dedicatória escrita do próprio punho: “José e Guita: este livro foi muito importante, no atual momento que vivo, comemoro, com ele, 55 anos. E muito muito contente. Este original datilografado é um presente de aniversário para Guita (8 de agosto, digo 2 de agosto) e José (8 de setembro) com o maior carinho de Zila Mamede ou Zil, Natal, 04 de setembro de 1983”.



NATAL 420 ANOS



<i>Projeto</i>	Natal 420 Anos
<i>Órgão de fomento</i>	Programa Municipal de Incentivos Fiscais a Projetos Culturais Djalma Maranhão
<i>Patrocínio</i>	Colégio CEI – Romualdo Galvão
<i>Título</i>	Autores Locais
<i>Autor</i>	Gustavo Sobral
<i>ISBN</i>	978-85-69247-65-4
<i>Editora</i>	Caravela Selo Cultural
<i>Série</i>	Humanidades I
<i>Coordenação editorial</i>	José Correia Torres Neto
<i>Revisão de texto</i>	Camila Maria Gomes e Valnecy Oliveira Corrêa Santos
<i>Revisão tipográfica</i>	José Correia Torres Neto
<i>Normalização bibliográfica</i>	Verônica Pinheiro da Silva
<i>Imagem da capa</i>	Ângela Almeida
<i>Capa, Projeto gráfico e Edição eletrônica</i>	Amanda Marques
<i>Formato</i>	E-book PDF
<i>Tipologia</i>	Oswald, Comfortaa e Clear Sans
<i>Local e data</i>	Natal (RN), 2017/2018



PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADE

PROGRAMA
DJALMA
MARANHÃO

